

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ISABELA RANGEL PETROSILLO

ESSE NU TEM ENDEREÇO

O caráter humilhante da nudez e da sexualidade feminina em duas escolas públicas

Niterói

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ESSE NU TEM ENDEREÇO

O caráter humilhante da nudez e da sexualidade feminina em duas escolas públicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Vínculos temáticos

Linha de pesquisa do orientador: Antropologia do Corpo e do Esporte

Projeto do orientador: Redes de relacionamento virtual e constituição de novas sociabilidades

Niterói

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

P497 Petrosillo, Isabela Rangel.

Esse nu tem endereço: o caráter humilhante da nudez e da sexualidade feminina em duas escolas públicas / Isabela Rangel Petrosillo. – 2016.

133 f. ; il.

Orientador: Jair de Souza Ramos.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.

Departamento de Antropologia, 2016.

Bibliografia: f. 120-124.

1. Sexualidade feminina. 2. Adolescente. 3. Violência. 4. Gênero. 5. Socialização. 6. Escola. 7. Interação social. 8. Rede social.

I. Ramos, Jair de Souza. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador - Dr. Jair de Souza Ramos
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Horacio Federico Sívori
Instituto de Medicina Social - IMS
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomes
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Laura Lowenkron (Suplente)
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC
Fundação Getúlio Vargas

Prof.^a Dr.^a Simoni Lahud Guedes (Suplente)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA
Universidade Federal Fluminense

Aos interlocutores desta etnografia, com afeto.

AGRADECIMENTOS

A Jair de Souza Ramos, pela preciosa contribuição teórico-analítica, pela confiança que depositou em mim ao aceitar ser meu orientador e pela maneira cuidadosa com que me guiou pelas veredas da Antropologia.

À CAPES, pelo apoio financeiro concedido durante a maior parte do mestrado.

Às professoras que avaliaram meu projeto, Maria Elvira Díaz Benítez e Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomes, pela valiosa ajuda.

Aos professores que gentilmente concordaram em integrar minha banca de defesa da dissertação, os examinadores Horacio Federico Sívori e Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomes, e as suplentes Simoni Lahude Guedes e Laura Lowenkron.

A todos os professores que, durante minha trajetória acadêmica, tiraram-me da zona de conforto e me permitiram enxergar para além do óbvio.

Aos integrantes do Núcleo de Estudos da Modernidade (NEMO), pelas discussões academicamente enriquecedoras. A sua coordenadora, Laura Graziela F. F. Gomes, pela amabilidade com que me recebeu em seu grupo de pesquisa e pelo seu permanente incentivo ao meu desenvolvimento intelectual.

Aos amigos adquiridos e aos diálogos tecidos nas aulas e congressos, que auxiliaram na construção do alicerce desta pesquisa, em especial, à Patrícia, que sempre me instigou a aprofundar minhas análises.

Aos meus interlocutores, sem os quais esta dissertação não existiria.

Aos colegas do mestrado, pelo amparo e carinho.

A Marcelo, secretário do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFF), pela prontidão em ajudar.

Aos meus familiares, em especial, minha mãe e minha tia Eliane, cujo apoio tornou possível a concretização do desejo de ingressar no mestrado, meu respeito e minha gratidão eternos a elas.

À Fernanda Abreu e Angela Buarque, mentoras que proveram irrestrito amparo emocional e intelectual desde minha graduação até o mestrado.

Aos colegas de trabalho da Tau Virtual, pelos anos de aprendizado e pela compreensão na minha transição da Publicidade para a Antropologia, em particular, Vanessa, uma amiga indispensável.

RESUMO

Esta dissertação constitui uma etnografia, em ambiente escolar, das dinâmicas de controle praticadas sobre jovens corpos femininos imagetivamente sexualizados. A exposição indevida de imagens íntimas de terceiros na internet tende a ser encapsulada no conceito genérico da "pornografia de vingança". Porém, esse termo oculta importantes disputas classificatórias que possuem a pretensão de regulamentar a exibição da sexualidade feminina por meio de rótulos estigmatizantes. Para analisar essa questão, realizei um trabalho de campo em duas escolas, de diferentes cidades da região metropolitana de um estado do sudeste brasileiro. Alunas de ambas as instituições foram expostas a partir da circulação irrestrita de imagens nas quais protagonizavam cenas de sexo e nudez. A escola, sendo um contexto de densa integração social, permite forte cruzamento de informações entre redes *online* e *offline*. A compreensão desse fenômeno mostra-se fundamental para entender a dinâmica da proliferação veloz e de alta visibilidade que a circulação dessas imagens possui em grupos de jovens e de seu impacto na regulação moral da sexualidade feminina. Ao conversar com os jovens e observar seus perfis no *Facebook*, identifiquei a maneira como a exposição da sexualidade das adolescentes é acionada na chave da humilhação. Esse fenômeno decorre da presença constante de regulamentos morais que constroem a posição subordinada das garotas frente aos rapazes e a outras jovens. Nesse contexto, as adolescentes são submetidas a categorias de acusação, que as classificam como "putas" ou "santas". Opera-se aqui um processo que reforça a culpa como substantivo feminino.

Palavras-chave: Pornografia de humilhação; Sexualidade feminina adolescente; Violência de gênero; Sociabilidade escolar; Interação em redes sociais.

ABSTRACT

This thesis is an ethnography, in a school environment, about the control dynamics practiced on young female bodies imaged sexually. The undue intimate images exposure of someone on the Internet without their agreement tends to be encapsulated in the generic concept of "revenge porn". However, this term conceals important classificatory disputes that have the intention to regulate the female sexuality exposure through stigmatizing labels. To analyze this question, I conducted a fieldwork in two schools, from different cities of the metropolitan area of a state in southeastern Brazil. Female students from both institutions were exposed by the unrestricted image circulation in which they were nude or performing sexual acts. School, being a dense social integration environment, allows strong information crossover between online and offline networks. The comprehension of this phenomenon is essential to understand the dynamics of fast proliferation and high visibility that these image circulation has on youth groups and their impact on the female sexuality moral regulation. By talking to young people and analyzing their Facebook profiles, I identified how the exposure of adolescents' sexuality is triggered in the humiliation's key. This phenomenon stems from the constant presence of moral regulations that build the subordinate position of girls in relation to boys and other girls. In this context, teenage girls are subjected to prosecution categories that classify them as "sluts" or "saints". What happens is a process that reinforces guilt as feminine noun.

Keywords: Porn humiliation; Adolescent female sexuality; Gender violence; Sociability at school; Social network interaction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Exemplo de perfil no <i>Facebook</i>	26
Figura 2. Exemplo de perfil no <i>Instagram</i>	28
Figura 3. Imagens do <i>Snapchat</i>	31
Figura 4. Exemplo de publicações no <i>Secret</i>	32
Figura 5. Exemplo de conversa no <i>WhatsApp</i>	34
Figura 6. "Tweet" da <i>Playboy</i> sobre a nova capa da revista.....	79
Figura 7. Exemplo de "selfie" para a capa do <i>Facebook</i>	81
Figura 8. Exemplo de uma exceção ao "selfie"	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Origem da pesquisa	4
Delimitação do objeto e definição dos objetivos.....	10
Plano da dissertação.....	11
CORPOS EM REDE: SOCIABILIDADES MULTIDIMENSIONAIS	13
As escolas	13
Os pátios	19
As redes sociais e os aplicativos.....	24
A fofoca como técnica de coerção.....	41
CORPOS EM GRIFE: EXIBINDO PELES E LOGOS	53
As ostentações	53
O capital corporal	57
O capital estético	59
O capital de estilo	63
CORPOS EM CENA: JUVENTUDE EM IMAGENS	68
O protagonismo da face.....	68
A obscenidade da legenda	72
Que corpo pode virar imagem?	75
Cada imagem em seu lugar.....	80
CORPOS EM RISCO: AS MÁCULAS DA NUDEZ FEMININA	86
A culpa é um substantivo feminino	86
Gramáticas da sexualidade feminina	91
Os limites das "meninas de família"	110
A masculinidade tutelada.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
Outras fontes.....	124

INTRODUÇÃO

Foi um desastre. Ela ficou chocada quando todo mundo viu. Na sala até ela nem sabia que alguém tinha descoberto. [...] A professora fez a chamada: "Ana Beatriz". Aí, gritaram lá trás: "pepino"! O coração dela foi a mil. Aí, quando um gritou, a sala toda riu. Aí, continuaram. De repente, ela começou a chorar. Aí, ligou pros pais dela. Aí, a gente foi e desceu pra ter aula aqui embaixo [no pátio] da Educação Física. A gente aqui na rampa, ela parou, porque tava todo mundo aqui embaixo, com o telefone filmando, pra ela descer. Gritando, pra fazer a menina ficar constrangida. Só que ela não desceu. Desceu só com os pais dela. Pai dela até bateu nela. Esse dia a escola toda foi liberada. Aí, todo mundo foi embora. Eu fui a única que fiquei pra saber do babado. Ele deu uns tapa nela porque é vergonha pra família, né? Constrangedor você ver sua filha, os meninos tudo sabendo que ela tá colocando foto pelada. Nossa, se é minha filha, sinceramente, eu mato, cara. E todo mundo perguntou a ela o que ela fez com o pepino depois. Que isso ficou na cabeça de todo mundo, até dos Diretores. [...] Aí, tava todo mundo comentando que ela falou [no Facebook] que a janta dela tinha sido boa, foi salada com pepino e com uma carne lá que ela come. A menina chega no outro dia aqui e é gastada até a morte. Muita gente pergunta o que ela fez com o pepino, ela fica quieta. Quê que todo mundo vai pensar? Vai ligar uma coisa na outra, não é não? Foi explicar lá em cima [na sala da Coordenação] o que ela tinha feito com o pepino, o que ela sentiu quando ela colocou ele. Só que eu acho que ela precisa de psicólogo, tá? E não foi só pepino que ela tinha colocado. Ela tinha colocado antes uma cenoura, só que ela não tirou foto, ela falou. Sandro querendo me segurar, porque eu queria bater nela [ela havia mandado uma foto para o ex-namorado dessa menina]. Aí, eu falando com ela assim: "Pega uma cenoura pra coloca". Aí, ela: "Já coloquei". Eu fiquei de boca aberta. Eu parei assim e pensei: "Vou ter que dar uma mandioca pra essa garota". Acho que ela tem 14 anos, 15 anos. Pô, mas imagina, a mãe dela ia ser pastora. A família é religiosa. Por isso que eu tô falando que você não dava nada pela menina. Que a menina era santinha. Ela tinha um corpo bonitinho, mas eu acho que ela não era mais virgem porque ela

namorava. Ele [o ex-namorado] ficou constrangido, tá? (Camila, 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)¹

Ouvi o relato acima em meu primeiro dia de visita à escola Mundo², um dos locais em que realizei esta pesquisa. Essa narrativa trouxe reflexões que me permitiram iniciar uma série de questionamentos sobre o termo "pornografia de vingança", utilizado pelos meios de comunicação para descrever casos de exposição de imagens íntimas sem consentimento. A partir disso, comecei uma investigação sobre o que o conceito de "vingança" oculta.

Com base nos discursos dos alunos sobre a jovem cujas imagens íntimas foram expostas, busco compreender se o processo de estigmatização (GOFFMAN, 2008, 2011) ocorre tanto por reguladores externos quanto pelas próprias jovens maculadas. Associo a isso a atuação dos vetores da humilhação, vergonha e fofoca, pautando-me em seus desdobramentos no mercado pornográfico (DÍAZ BENÍTEZ, 2009, 2015). Com isso, observo se o que é esperado das adolescentes é que sejam, a um só tempo, tutoras dos impulsos sexuais dos rapazes e de seus próprios, o que as imporia a culpa caso houvesse algum desvio nas performances de gênero esperadas.

Meu investimento etnográfico se concentrou em duas escolas públicas de cidades distintas, localizadas na região metropolitana de um estado do sudeste brasileiro. A primeira, escola Mundo, situa-se em um bairro de classe popular, atravessado por um histórico de violência. A segunda, escola Ponte, localiza-se em um bairro de classe média-baixa.

As diferentes localidades, alunos e propostas educacionais dessas escolas faz com que a interseccionalidade esteja marcada nos discursos dos entrevistados. O lugar que origina a fala dessas meninas e meninos agencia a expressão da sexualidade a partir de investimentos corporais, afetivos e sociais particulares. As distinções de classe, idade e cor marcam a agenda desses jovens. Porém, o destaque aqui está nas pautas em comum. Nesse caso, a teia que perpassa suas narrativas sobre a regulação da sexualidade feminina.

Durante o diálogo com os estudantes, procuro entender se os estigmas que habitam a esfera do feminino evidenciam-se em diferentes faixas etárias. Além disso, se enquanto os meninos são incentivados a explorarem a rua, as meninas são restringidas

¹ A fim de trazer maior autenticidade aos discursos, os erros gramaticais foram mantidos.

² Para proteger a identidade dos interlocutores, esta pesquisa não revela os locais nos quais foi realizada, o nome real das escolas e dos entrevistados e suas imagens.

aos limites domésticos, mesmo que seja uma delimitação simbólica, interpretando a casa e a rua como entidades morais (DAMATTA, 1997). Apoiada nisso, investigo se a limitação das jovens ao espaço da casa está presente nas convenções impostas sobre seus corpos e desejos, que fazem morada no registro da fragilidade e do perigo.

Ao longo do trabalho de campo³, procuro notar se para analisar a nudez preciso compreender o que escondem e revelam os adereços que ornaram o corpo quando ele não está nu. Além disso, percebendo a identidade de forma contrastiva (TAYLOR, 2000), proponho que o foco deste estudo não recaia apenas sobre as meninas, sendo necessário investigar as masculinidades presentes nos espaços *online* e *offline*.

Nesse sentido, pretendo tecer, no âmbito da sociabilidade escolar, um argumento por meio da conexão entre sexualidade, consumo, imagem e sociabilidade. Esse vínculo é alicerçado na análise de imagens publicadas pelos jovens no *Facebook* em paralelo aos relatos que fazem nas entrevistas presenciais. Por meio disso, procuro observar as associações entre sexo, bens materiais e performances de gênero no envio e na recepção de imagens sensuais.

Após minha primeira visita ao colégio Mundo, criei um novo perfil no *Facebook*, informando nele meu propósito de pesquisa e a garantia do anonimato. A cada aluno entrevistado, perguntava se podia adicioná-lo nessa rede social⁴. Escolhi dissociar meu perfil pessoal do de pesquisadora, motivada pela facilidade de encontrar apenas meus interlocutores e suas atividades. Isso me possibilitou acompanhar com maior precisão as atualizações dos estudantes e proteger-lhes a identidade.

No *Facebook*, examinava, primeiramente, o mural de notícias, que disponibiliza um apanhado de atualizações das atividades dos jovens e as interações entre eles. Em seguida, analisava os perfis individuais. Na área destinada aos comentários nas publicações, pude acompanhar a opinião dos jovens sobre diversos conteúdos. Por meio de uma análise pautada na divergência e na convergência identitária (RAMOS, 2015b), procurei compreender como as imagens presentes nos perfis *online* dos estudantes dialogam com o que apresentam pessoalmente.

³ Estive pela primeira vez na escola Mundo em novembro de 2014, momento no qual as entrevistas e observações *online* começaram. Porém, devido ao final do semestre letivo, as idas à escola tornaram-se frequentes em 2015, sendo encerradas em novembro do mesmo ano. No caso da escola Ponte, as entrevistas ocorreram no mês de novembro de 2015.

⁴ Dos alunos que me disseram possuir perfil no *Facebook*, meu pedido não recebeu represália. Porém, 16 alunos (6 meninos e 10 meninas) não aceitaram meu convite enviado na rede. Junto à solicitação, encaminhei uma mensagem privada ao perfil de cada um deles explicando o motivo de os estar adicionando. Ao meu perfil, foram incluídos 138 alunos, 45 meninos e 93 meninas.

Junto à etnografia, a pesquisa se pautou na história oral, posto que há um trabalho com memórias e o uso da internet como arquivo, mais do que uma observação continuada. Isso se deve à dimensão do trabalho com adolescentes, que limita o escopo da investigação, devido a questões éticas. Parte significativa da análise fundamenta-se não em ações em fluxo, mas em relatos sobre um passado recente no qual acontecimentos chave se desenvolveram.

Para a coleta de dados *online*, pautei-me no conceito de polimídia (MADIANOU; MILLER, 2012), com o objetivo de compreender o *Facebook* da maneira que os jovens o percebem, ou seja, integrado a outras redes. O propósito da incursão em parte do universo *online* dos alunos é a investigação do tipo de imagem que publicam, suas relações uns com os outros, seus interesses e discursos. Ademais, averiguo como interagem os contextos *offline* e os da digitalização, em um processo de convergência de agências (RAMOS, 2015a), que integra os sujeitos e os aparatos tecnológicos envolvidos nas ações.

Apoiando-me na análise de publicações no *Facebook*, examino as performances imagéticas do feminino e masculino e de que forma se cruzam em alguns pontos e se afastam em outros. Na exposição de imagens íntimas, a face – ligada a manutenção da fachada (GOFFMAN, 2011) – é um aspecto importante, dado que o contexto de humilhação, no qual o corpo das jovens expostas é enquadrado, depende diretamente de sua identificação. Nomear o sexo exposto na imagem o individualiza. A exposição irrestrita da desconhecida nudez sexual de alguém conhecido permite a separação de um provável vínculo com uma imagem pornográfica qualquer.

Identifiquei nessas imagens um caminho para a compreensão da diferença entre a recepção da sexualidade de meninas e meninos. E, com isso, pensar de que maneira as jovens são estigmatizadas de forma mais intensa que os meninos, sobre os quais operam perdas sociais distintas.

Origem da pesquisa

A eficácia persuasiva das imagens, o comportamento da juventude e as potencialidades das redes sociais são temas caros à publicidade contemporânea. Por ser graduada nessa área, e ter trabalhado em uma agência de comunicação digital, interessei-me por esses assuntos. Instigada a pesquisá-los com mais densidade, resolvi investir na carreira acadêmica.

A partir disso, pensei em analisar como as adolescentes se comportam em diferentes redes sociais. Para tanto, em julho de 2014, acompanhei a dinâmica *online* de um grupo de meninas próximas ao meu círculo social, de 13 e 14 anos, por meio de entrevistas e acesso a suas conversas privadas no *WhatsApp* e no *Facebook*. Durante esse período, fui apresentada a uma prática comum que ocorria na troca de mensagens privadas: garotas que enviam fotos nuas ou de lingerie para garotos. O inverso também acontece, porém, não tão popularmente e nem com tanto impacto.

A diferença com relação aos rapazes é que eles enviam imagens de maneira espontânea, geralmente, para pedir uma em troca. Por outro lado, para as jovens com as quais conversei, pedir uma foto ao garoto seria mais um fator que poderia ser usado contra elas, uma vez que ele poderia divulgar o pedido feito por ela, o que beneficiaria a construção de um estigma de "piranha"⁵.

Mandar mensagens por celular com conteúdo sexual (*sexting*), publicar vídeos ou fotos íntimas de alguém nas redes sociais sem consentimento (*revenge porn*) e restringir a sexualidade feminina por meio de insultos (*slut shaming*) são práticas cada vez mais corriqueiras e que se manifestam na mais tenra idade. Dentro desse panorama virtual, por onde a sexualidade fala, o tema que chamou minha atenção foi a "pornografia de vingança".

Ainda que existam diversos casos de celebridades expostas, o que me intrigava era outro tipo de protagonista: as meninas "anônimas". Garotas até então alheias ao âmbito da fama, seja ela positiva ou não, que foram desestabilizadas por conta do nível de exposição da intimidade a que foram submetidas. As situações retratadas pelos veículos midiáticos, em geral, apresentam homens que divulgam imagens de suas antigas parceiras após o término do relacionamento. Disso surge o nome "pornografia de vingança".

Nesse momento, descobri uma infinidade de sites, perfis do *Twitter*, páginas do *Facebook* e grupos do *WhatsApp* focados apenas na divulgação de uma cornucópia de imagens de meninas e mulheres nuas, seminuas ou em poses sensuais. Poder-se-ia acreditar que isso ocorre há tempos por meio dos veículos de promoção da pornografia, porém, há peculiaridades que diferenciam esses casos.

A "pornografia de vingança" atinge majoritariamente a reputação das mulheres e é sobre elas que recai a maior culpabilidade. Portanto, essa pauta é percebida como

⁵ Expressões e categorias êmicas serão colocadas entre aspas ao longo do texto.

uma questão de gênero. O que não se coloca como óbvio são as nuances do termo, posto que o mesmo não é autoevidente, apesar de assim propor.

O ponto da virada desse tipo de imagem, o que a distancia do ato apenas vingativo, reside no fato de não haver satisfação apenas na exposição erotizada de um corpo. O diferencial são os adereços que o acompanham, no caso, a identidade da mulher representada na foto. O que significa informar, por exemplo, nome completo, perfil em redes sociais, local onde mora e escola na qual estuda. Um ato que atinge a reputação por meio de práticas vexatórias públicas.

O que está implícito é a exibição de um corpo que, na maioria dos casos, não queria estar exposto publicamente, configurando uma violação da intimidade. E junto dele, informar dados que facilitem um processo de constrangimento daquela pessoa cuja sexualidade foi desvelada. Um alvo corriqueiro são meninas em idade escolar, que se enquadram na categoria "novinhas"⁶, uma tipificação utilizada no mercado da pornografia. Esse termo, em geral, indica garotas que apresentam nádegas, seios e coxas voluptuosos, aparentando estarem "preparadas" para o ato sexual.

Em meio a diversos casos de "pornografia de vingança", ocorridos com pessoas famosas em 2014, conheci a página *For You* no *Facebook*. Um projeto destinado a mulheres que foram vítimas de assédio virtual, desenvolvido por um grupo de garotas estudantes do Ensino Médio. Durante a entrevista que realizei com uma de suas desenvolvedoras, fui informada de que o estímulo para advogar por essa causa foi o ocorrido com uma menina de 13 anos, que estudava no mesmo local que elas. O relato abaixo apresenta alguns estigmas relativos à exposição da sexualidade feminina e mostra como um afastamento do *status quo*, por meio de um repertório sobre questões de gênero, auxilia na percepção dos jovens sobre como as esferas do masculino e feminino são hierarquizadas.

Nós pensamos pela menina e vimos que ela não é a culpada disso tudo, a culpada é a pessoa que divulgou. Mas a sociedade não aceita isso. A sociedade é meio machista com isso. E aí, nós acabamos sofrendo um certo bullying na escola, porque nós defendemos essa menina de 13 anos, que estava sofrendo com isso. Nós fomos as únicas que ficamos do lado dela. A escola inteira contra ela. A escola inteira xingando. Aí, nós fomos lá e falamos: "Não. A gente tá com

⁶ As "novinhas" podem se associar ao conceito de "ninfeta", termo que não é utilizado pelos estudantes, mas está presente na pornografia e também se aplica a jovens sexualmente atrativas, esse conceito é anterior ao século XIX, porém, popularizou-se com a narrativa de Vladimir Nabokov em "Lolita" (1956).

você. A gente tá aqui para o que você precisar". *Esse bullying veio tanto de meninas quanto de meninos, veio de todos os lados.* [...] Mudou tudo quando a gente começou a fazer esse trabalho [o For You]. Mudou a minha visão sobre essas meninas, porque eu já julguei essas meninas. Mudou completamente o jeito com que eu vejo a sociedade. Eu sou uma pessoa completamente diferente. Impactou todas nós. Mudou a vida de todas nós. A imagem, a nossa visão, mudou tudo. (Letícia, 16 anos, grifo meu)⁷

Não obstante o investimento na pesquisa *online*, sentia a necessidade de encontrar um campo físico. Um local onde pudesse observar como a circulação de imagens íntimas de uma jovem altera a dinâmica dos espaços que frequenta. O ímpeto dessa busca deveu-se ao fato de que o grande gancho da prática de "pornografia de vingança" é o seu impacto no círculo de relações cotidianas da pessoa exposta, por exemplo, o bairro onde vive e o local no qual trabalha ou estuda.

Quase no fim do semestre letivo de 2014, apresentei minha pesquisa para os alunos da disciplina na qual era estagiária docente. Naquele momento, meu trabalho concentrava-se apenas *online*. Algum tempo depois, Sabrina, uma aluna, comunicou-me que na escola onde trabalha – na época como Coordenadora Pedagógica, atualmente como Orientadora Educacional – ocorreu um caso impactante. Fotos e vídeos de uma estudante de 14 anos, no 9º ano do Ensino Fundamental, realizando um ato sexual com um pepino, ultrapassaram os muros da escola e se tornaram o assunto do bairro, da cidade, de áreas próximas e de vários grupos nas redes sociais.

As imagens aparentam, segundo os jovens, terem sido feitas pela própria garota, em seu espaço doméstico. É comum que as imagens que circulam nesses casos sejam autorretratos, intitulados *nude selfies* e popularizados no Brasil pela expressão "manda nudes".

Logo após Sabrina me informar desse caso, aconteceria no colégio uma semana de eventos especiais para discutir assuntos variados. Então, ela me pediu que preparasse uma apresentação sobre a circulação de imagens sensuais de jovens na internet. Chegando ao local, fui apresentada a docentes e funcionários da Coordenação e tive a oportunidade de entrevistar os alunos.

⁷ Diálogo sobre o aplicativo *For You*. Entrevista concedida a mim via *Google Hangouts*, no dia 14 setembro de 2014.

A estudante pivô desse caso não teve condições de permanecer na escola, após a circulação de suas imagens íntimas entre os estudantes, por conta do ambiente ter se tornado hostil. Apesar da ausência da jovem maculada, percebi que esse contexto poderia se constituir como um *locus* de pesquisa interessante.

O motivo disso é o fato de que o convívio com os estudantes me possibilitaria entender como se cristalizam as máculas da nudez e da sexualidade feminina que foram expostas na escola, um ponto de vista que, até então, não havia considerado. Ao visitar o local e entrevistar alguns alunos, determinei que realizaria minha etnografia a partir das narrativas daquele espaço. Minha pesquisa, até então exclusivamente *online*, passou a ter um novo status ao avaliar as situações percebidas *in loco*.

Um tempo depois, entrei em contato com algumas escolas particulares, com o propósito de desenvolver uma pesquisa comparativa. Porém, não obtive retorno positivo. As instituições com as quais conversei ou não respondiam meus pedidos ou me restringiam a diálogos apenas com membros da direção e docentes, cerceando o acesso aos estudantes, público alvo da minha pesquisa.

Porém, em setembro de 2015, Jéssica, uma colega e professora de um colégio público, ciente do meu tema de pesquisa, perguntou-me se estaria interessada em fazer uma palestra no local no qual trabalha. Concordei. Em seguida, perguntei sobre a possibilidade de realizar entrevistas com os estudantes.

Pouco após nossa conversa, foi exposto entre os estudantes um vídeo de uma aluna dessa escola realizando sexo oral em outro estudante. Diante desse acontecimento, acreditei que a instituição poderia criar barreiras a minha presença, atitude comum nesse tipo de caso. Apesar disso, no mês seguinte, recebi o convite de Bianca, pesquisadora institucional e cultural do colégio, para conversar sobre minha pesquisa. Acordamos que começaria a frequentar a escola em novembro.

Todo mundo tava falando assim: "Olha a boqueteira! Olha a boqueteira!" Aí, eu: "Gente, o que é isso? O que aconteceu?" Aí, todo mundo: "Ah, porque ela fez tal coisa". Aí, me mostraram o vídeo. Eu fiquei assim: "Nossa!" Aí, ela postô no Facebook: "Eu caí na lábia dele, estava apaixonada, eu pensei que ele gostava de mim". Mas eu acho que ela não tava apaixonada não. Assim, o vídeo tá bem claro que ela tava com vontade, tava querendo. Acho que ela não foi forçada não. Além dele ser maior de idade, ele se fingiu de vítima. E a mãe dela veio aqui na Reitoria e falou assim: "Obrigada, por

denunciarem ele. Não sei que, não sei que lá." Aí, eu fiquei assim: "Mas ela também não é inocente". Todo mundo é culpado. Dizem que um dos meninos tinha 17 anos e o outro tinha 15. Um deles já foi da minha turma. Ele é aquele tipo de garoto que faz tudo de merda. [...] Teve briga também no Facebook, em comentários. Todo mundo comentando: "Gente, mas ela é vítima!", "Gente, ela é menor de idade". [...] Eu acho assim, sem necessidade, porque ninguém soube a história verdadeira e não adianta ficar rebatendo com outra pessoa. "Você tá errado, ela é vítima." "Não, ela não é vítima, ela quis." O Diretor falou pra todo mundo apagar o vídeo. Aconteceu caso de divulgação de foto também. Foi a mesma situação, só que foi dentro do banheiro da escola. [...] A menina tinha uns 12, 13 anos. É sempre essa faixa etária. Eu acho que as meninas mais novas são muito fogosas. Eu acho. A menina [da foto] não saiu da escola. Assim, eu acho que ela não ficou com vergonha do que ela fez, porque eu acho que ela quis. Ela hoje tá no 8º ano. Divulgaram a foto, repercutiu em todo mundo. As pessoas fazem bullying com isso. "Olha aquela que mamou", essas coisas. A minha mãe, ela ia falar: "Não anda com essa garota porque ela fez isso". A escola só postou uma nota. (Paula, 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Assim como no relato sobre o caso da "menina do pepino" – como ficou conhecida entre os estudantes – a fala de Paula sobre as "boqueteiras" apresenta a pouca idade dessas jovens e as práticas de humilhação com as quais os estudantes recebem as meninas que tiveram sua intimidade desvelada. Ademais, o depoimento sobre o caso do colégio Ponte mostra a culpabilidade como uma área conflituosa, o impacto do *Facebook* na publicização de conteúdos, a vergonha e outros temas que abordarei com mais profundidade ao longo da pesquisa.

Da mesma forma que na escola Mundo, a jovem estigmatizada não fazia mais parte do quadro de alunos da instituição quando comecei a pesquisa. Porém, a receptividade da Coordenação, os desmembramentos desse caso e o acolhimento dos jovens ao diálogo fizeram-me concluir que, apesar da significativa diferença de tempo que tive para me dedicar a cada uma das instituições, haveria viabilidade de construir um estudo comparativo.

Delimitação do objeto e definição dos objetivos

Diversos casos de exposição de imagens íntimas na internet tendem a ser encapsulados no conceito genérico da "pornografia de vingança"; porém, esse termo oculta importantes disputas classificatórias que possuem a pretensão de forjar convenções sobre a exposição da sexualidade feminina por meio de rótulos estigmatizantes. Durante a pesquisa, revisito o conceito de vingança e proponho repensá-lo com base naquilo que ele oculta: a humilhação. Essa categoria opera como forma de produzir a desigualdade simbólica dos lugares sociais ocupados por meninas frente a outras e aos rapazes.

O foco desta pesquisa é destacar o caráter socialmente fabricado dos critérios de julgamento, dos padrões de sensibilidade e das estratégias de intervenção e controle sobre a sexualidade e a nudez feminina a partir de ocasiões que se encaixam no conceito que chamarei aqui de pornografia de humilhação involuntária. Acrescento o termo "involuntária" por haver no mercado pornográfico uma categoria intitulada de humilhação⁸, contudo, neste caso, com relativo consentimento dos envolvidos.

Há um investimento analítico da "pornografia de vingança" no viés jurídico, que se apresenta como um contínuo das análises sobre a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006)⁹, e outros, em geral vinculados à área de comunicação, que destacam apenas conteúdos presentes *online* (NABIL, 2014). No entanto, optei por focar nas relações das pessoas diretamente envolvidas nesse tipo de caso, tendo no contexto escolar o palco dessa análise. O objetivo é entender como essa prática se desenvolve no cotidiano dos que a testemunham. Nem no âmbito legal, nem com foco apenas na internet e nas narrativas jornalísticas. Penso aqui, principalmente, segundo os pares das jovens estigmatizadas: os alunos.

Nas escolas, quanto aos meninos, a exposição de sua potência sexual apresenta-se como uma prazenteira necessidade; às jovens, designa-se o papel de equilibrar-se na complicada situação de exercer sua sexualidade que, por sinal, é constantemente estimulada, e cuidar para mantê-la na esfera mais íntima de sua vida.

Pois, como noto nos discursos sobre as jovens, apresentar-se como sexualmente ativa, envolver-se com mais de um rapaz em um curto espaço de tempo, expor-se em fotos sensuais e qualquer outra forma de deixar a sexualidade falar, são

⁸ Para uma análise sobre a pornografia de humilhação como uma categoria do mercado do fetiche, ver Díaz Benítez (2015).

⁹ A Lei Maria da Penha, que entrou em vigor em 2006, busca proteger a mulher de violências domésticas e familiares.

concebidas quase que como sinônimos de "putaria"¹⁰. No caso dos meninos, esta manifestação está geralmente associada, no discurso das estudantes, como sendo instintiva, apresentando-se como algo da ordem do incontrolável, e uma necessidade de mostrar-se viril.

Examinando essas questões, tenho como objetivo geral analisar o contexto das disputas envolvendo a montagem dos sistemas de classificação estético-moral que indicam o quão desviantes são as jovens estudantes cujas imagens erotizadas circulam na internet e atingem seus pares. Para tanto, reflito acerca das controvérsias em torno da implementação de tais categorias e investigo se isso está associado ao campo da violência de gênero.

No que diz respeito aos objetivos específicos, proponho os seguintes: perceber como as redes *online* e *offline* se cruzam em ambientes com forte integração social, como é o caso de escolas; descrever as formas de classificação utilizadas pelos jovens em relação ao grau de desvio das alunas maculadas; analisar as peculiaridades das imagens de meninos e meninas que circulam no *Facebook* e investigar como os estudantes classificam práticas que midiaticamente seriam enquadradas na categoria "pornografia de vingança".

Plano da dissertação

Esta pesquisa estrutura-se em quatro capítulos. No primeiro, relato detalhes das instituições nas quais realizei meu trabalho de campo, pensando nas diferenças e similaridades entre as conjunturas das escolas Mundo e Ponte. O que proponho é compreender como esses espaços tornam-se permissivos a práticas coercitivas sobre a sexualidade feminina e o vocabulário usado pelos interlocutores no entendimento dessas práticas. Examino as condições materiais e sociais da circulação das imagens das jovens na promoção da pornografia de humilhação, por meio de uma análise da relação entre as redes *online* e *offline*. E, por fim, como a fofoca funciona como um elemento de coerção, principalmente sobre as meninas.

No capítulo seguinte, apresento os estudantes com base em suas práticas de consumo, tanto de bens materiais quanto simbólicos. A ostentação de bens mostra-se conflituosa, posto que pode apresentar uma realidade que não se adéqua à circunstância

¹⁰ Diferente do que acontece com as meninas, envolver-se em "putaria", no caso dos rapazes, possui uma conotação positiva dentro da sociabilidade masculina, seja com o pai ou os colegas, indicando que é "comedor" ou "pegador".

na qual vivem alguns dos jovens, provocando um atrito entre a apresentação de si *online* e *offline*. Por outro lado, certas posses, como a moto, promovem ganhos para o capital social-afetivo dos garotos. O investimento na manutenção do que os estudantes consideram ser uma boa aparência é um ponto de destaque. O corpo, às vezes associado ao cabelo, aparece com grande destaque, visto que funciona como agente de conquistas sexuais.

No terceiro capítulo, analiso o papel central da imagem, que atua, a um só tempo, como alicerce para a punição das jovens que têm suas práticas sexuais desveladas, e como prova da virilidade dos rapazes. Com isso, abro mão da chave da vingança e trabalho a partir do conceito de pornografia de humilhação involuntária. Dentro desse quadro, a face e o enquadramento da imagem mostram-se relevantes para as práticas vexatórias, em razão de singularizarem e retirarem do banal o corpo exposto.

No capítulo final, aprofundo-me nas questões ligadas à sexualidade feminina. Apresento aqui uma análise da construção de um pano de fundo que evidencia as performances de gênero na mais tenra idade. Aos meninos, destina-se o campo simbólico e físico da rua, ao passo que as meninas confinam-se nos limites do espaço doméstico. As fugas desses campos simbólicos estigmatizam-lhes como "veados" ou "putas", respectivamente. Outro aspecto comprometedor para os rapazes é serem classificados como "cornos", uma vez que, para muitos dos jovens, uma menina que trai o namorado é porque ele "não deu conta", ou seja, não a satisfaz sexualmente, o que implicaria em uma perda da virilidade.

CORPOS EM REDE: SOCIABILIDADES MULTIDIMENSIONAIS

As escolas

Minha colega e informante privilegiada, Sabrina, leva-me até o colégio. 10h40. Chegamos. O tom acinzentado do uniforme dos estudantes estava em harmonia com as paredes desbotadas das construções. De início, sou apresentada às integrantes da Coordenação e algumas professoras, todas me recebem bem e, por termos estabelecido um acordo tácito de confiança, deixam-me à vontade para circular pela escola. Sabrina convoca alguns alunos para que eu converse com eles em uma sala de aula vazia. Uns são entrevistados sozinhos, outros em pequenos grupos, são tanto meninas, quanto meninos, de diversas séries. Encontro-me, separadamente, com dois suspeitos de divulgar as imagens pivôs da minha entrada no campo. Fico sem saber quem é o culpado, já que os dois são convincentes e os outros entrevistados possuem visões divergentes sobre o caso. 12h15. Indo para o refeitório, uma estudante me fala que não se pode mais servir pepino, por conta dele ter sido o grande protagonista das imagens expostas. 13h20. Na sala onde acontecerá minha palestra, preparo o arquivo que levei para projetar durante minha apresentação. Enquanto isso, Sabrina seleciona os grupos de estudantes que a assistirão. 13h40. Apesar do afã inicial sobre a palavra "pornografia", nenhum aluno apresenta dúvidas ou comentários ao final. 14h15. Pergunto a minha informante e aos alunos quem poderia passar mais um tempo na sala para ser entrevistado. A maioria dos jovens com os quais conversei, ao relatarem as experiências vividas ou acompanhadas por eles, sobre a relação de troca e exposição de fotos íntimas apresentavam-se despidos. 15h10. Encerro as entrevistas. (Diário de campo, 25.11.2014, 1ª visita à escola Mundo)

Minha primeira visita ao campo ocorreu após algumas semanas do caso da circulação das imagens. Nesse dia, o contato com os alunos adveio de maneira formal. Minha interlocutora selecionava os estudantes que poderiam contribuir nos relatos sobre o caso da menina que realizou um ato sexual com um pepino, como um dos rapazes suspeitos de divulgar as imagens.

Na hermética sala de aula, sentava-me na cadeira destinada aos professores, com meu bloco de notas e o celular, que utilizava como gravador, posicionados sobre uma pequena mesa de apoio, e os jovens situavam-se no outro lado dela, o que criava um distanciamento entre nós. Notei maior espontaneidade nas entrevistas em grupo.

No meio do dia, como explicitiei em meu diário, apresentei uma pequena palestra sobre os cuidados com o uso da imagem na internet. Uma espécie de troca de favores com a escola, que me forneceu a instauração ali de meu campo de pesquisa o que, a meu ver, criou, na perspectiva dos estudantes, um tom solene a minha entrada no campo.

Por essa soma de fatores, e pelos olhares de estranheza que gerei em meu primeiro dia no colégio, as conversas com os alunos transpareceram desconforto por parte de alguns deles, o que proporcionou respostas que aparentavam um forte crivo de autocensura. Nesse dia, levei uma pauta com questões que versavam desde a opinião dos jovens sobre o caso pivô de minha entrada no campo, até seus pontos de vistas sobre as facilidades e dificuldades das meninas e dos meninos na escola.

Ao me familiarizar com o local e os termos usados pelos estudantes, o tom do diálogo se tornou informal, mesmo com a participação do meu celular, nas primeiras idas à escola. Após o alerta dos alunos sobre o risco de usá-lo naquela região, o substituí por um discreto gravador de voz.¹¹ Mantive meu bloco de notas para anotar detalhes do modo de vestir dos estudantes, algum tipo de interação particular e informações como nome, idade e série dos entrevistados.

O tempo que passei no colégio Mundo fez com que adquirisse maior agilidade na abordagem da outra instituição. Apesar de repertórios diferentes entre os jovens desses dois locais, as semelhanças geracionais viabilizaram comparações. Mesmo assim, a primeira ida à escola gerou certa ansiedade, devido ao receio de que as entrevistas com os jovens para a pesquisa fossem restringidas.

09h50. Chego 10 minutos antes do horário combinado com Bianca, pesquisadora institucional e cultural e representante da extensão e pesquisa. Espanto-me com o tamanho da escola. Pergunto a uma funcionária sobre a sala de Bianca, que titubeia por um instante, já que a conhece apenas por Bia. Subo a rampa que me leva ao pátio, que ocupa uma área extensa. 10h. Chego à sala de Bianca, que naquele

¹¹ Devido ao medo de serem assaltados, muitos estudantes deixam o celular em casa. Alguns optam por comprar dois aparelhos e utilizar na rua apenas o mais simples.

momento, discutia com uma professora sobre o ensino de História da cultura afro-brasileira. A professora me chama para a conversa, já que havia um impasse no diálogo. Apesar de não querer criar nenhuma animosidade com Bianca, corroboro de forma sutil com a professora, que sai da sala para resolver um compromisso. Bianca me pergunta se estou inteirada sobre o que aconteceu na escola, digo que sim. Ela expõe seu espanto com a enorme repercussão do caso e diz que me revelará os bastidores daquilo. Bianca, então, chama o Diretor, Júlio, para integrar a conversa. Eles, bastante receptivos, perguntam-me detalhes de minha pesquisa e marcamos uma data para que inicie as entrevistas na escola. (Diário de campo, 14.10.2015, 1ª visita à escola Ponte)

Diferente do colégio Mundo, a pesquisa no Ponte começaria pelas entrevistas e só depois haveria uma conversa mais formal com os alunos, possivelmente, em forma de palestra. O propósito dessa escolha foi evitar respostas enviesadas, que poderiam se pautar na minha fala. Bianca e Júlio pediram-me um tempo para iniciar a pesquisa, pois queriam informar aos pais sobre minha presença na instituição. No mês seguinte, retorno para começar as entrevistas.

A dinâmica em ambas as escolas ocorreu, salvo imprevistos, da seguinte forma: após anunciar minha chegada à Coordenação, encaminhava-me ao pátio, no qual, durante todo o período de aula, havia alunos. A partir disso, selecionava um grupo ou algum aluno sozinho. Aproximava-me deles, anunciava o propósito da minha presença ali e pedia para entrevistá-los. As entrevistas em grupo foram predominantes no início da pesquisa e fundamentais para meu entrosamento com os interlocutores.

Minha interação com os estudantes foi um misto de um questionário básico, em constante adaptação, e perguntas que se desenrolavam no decorrer da conversa, pautadas nas idiossincrasias de cada diálogo. Mantive uma dinâmica de visitas semanais ao colégio Mundo, realizadas durante o turno da manhã, dado que Sabrina havia me informado que à tarde a área ficava mais inóspita. Na outra escola, devido ao curto período em campo, intensifiquei meu tempo, fazendo-me presente da manhã ao fim da tarde, no máximo de dias possíveis durante a semana.

Foram poucos os jovens que se sentiram desconfortáveis em participar das entrevistas, em geral, ocorreu com aqueles que foram abordados individualmente. As conversas em grupo mostraram um maior grau de extroversão dos participantes, que

junto aos amigos, muitas vezes se esqueciam da minha presença. Algumas entrevistas individuais foram impactadas pela timidez, trazendo respostas monossilábicas, sem grande engajamento. Outras tiveram um teor catártico em que os alunos encerravam dizendo: "Nunca disse isso pra ninguém". Devido à carga emocional dos casos contados por alguns jovens, em muitas situações precisei de um controle maior da face para não transparecer certas emoções. O propósito era permitir que os adolescentes se expressassem o mais tranquilamente possível, de forma que eu interferisse apenas nos momentos de direcionar a conversa para os tópicos de interesse da pesquisa.

Certas entrevistas em grupo migraram para o individual em casos nos quais notava que um dos alunos queria contar algo, mas não queria fazê-lo próximo aos colegas. Na maioria das falas com pouca autocensura, seus narradores provinham de famílias pouco acolhedoras e rigorosas. Como consequência, identificavam a entrevista como uma oportunidade de diálogo aberto. Ao deixar claro que não iria interpelá-los com qualquer tipo de julgamento e que poderiam usar uma linguagem coloquial, as falas transcorriam com tranquilidade sobre questões íntimas diversas.¹² O exemplo abaixo foi retirado de uma conversa sobre o caso de divulgação das imagens no colégio Mundo, entre eu, três meninas e a recém-chegada ao papo, Tânia:

Amanda: Tipo assim, eu achei aquilo dali uma putaria.

Tânia: Olha o vocabulário!

Amanda: Ela falou que a gente pode falar como a gente quiser.

Em certos momentos, os meninos apresentaram dificuldade em se abrir nos diálogos. Minha presença física, mulher jovem, e meu tema de pesquisa, ligado à pornografia, convidavam jovens curiosos a interagirem comigo. Porém, ao iniciarmos a conversa, senti que, pelas pausas reflexivas, alteravam suas respostas, adaptando-as ao que me agradaria, como mulher, escutar.

Enquanto alguns rapazes diziam considerar horrível o hábito de pedir fotos de jovens nuas ou de lingerie, as meninas me contavam que recebiam pedidos de garotos da escola, inclusive, apontando para meninos com quem acabara de conversar e que diziam não pedir imagens desse tipo. Apesar disso, diversos rapazes mostraram-se desinibidos durante as entrevistas.

¹² Ao longo das visitas às escolas, vez ou outra, era informada por funcionários da Coordenação do entusiasmo de alguns alunos com as entrevistas, inclusive expressando desejo de repeti-las.

Com certos jovens, meu contato maior se deu graças à abertura feita por outros alunos, que durante nossos diálogos, chamavam colegas que consideravam que teriam coisas interessantes para revelar à pesquisa. Mateus, um garoto extrovertido, de 14 anos, que se apresentou como bissexual, por diversas vezes agregou alguém aos meus grupos de conversa ou expôs histórias íntimas dele próprio e de outros.

Mateus: *Quem sabe contar essas histórias é minha amiga Vanessão. Ela é praticada no sexo direto. Vem cá, Vanessa!*

[...]

Vanessa: *Gente, eu nunca fiquei nua pra homi. Só mostrei o peito pra um menino.*

Mateus: *Só o peitinho?*

Todos os jovens [em uníssono e com tom de deboche]: *Ah...*

Mateus: *Porque ontem, ela [Vanessa] foi lá na minha casa, aí, eu fui tomar banho e fiquei só de cueca. Aí, ela disse: "Deixa eu ver seu pinto". Aí, eu disse: "Não, tá mole, só mostro quando tivé duro".*

Notei no contexto no colégio Mundo um caráter de ilha, o que difere da Ponte. Por conta da maioria dos estudantes morarem em regiões próximas à escola, a relação com a vizinhança é mais intensa, sabe-se da vida dos outros, se vão ou não a igreja, se estão em dívida, quem faz parte do tráfico, quem frequenta a "boca". Esse é um fator fundamental para a otimização da rede de focos local e, conseqüentemente, do impacto gerado pela divulgação da imagem nua de uma moradora da região.

O colégio Mundo está localizado em um bairro onde acontecem assaltos frequentes, o que gera grande insegurança na comunidade escolar. Por conta disso, há policiais que rondam o pátio diariamente. A escola Ponte não está em um local tão violento, contudo, os jovens também se percebem vulneráveis nas proximidades. Os alunos do turno da tarde sentem-se mais expostos, devido ao fato de ser um bairro majoritariamente fabril, o que o torna pouco movimentado depois das 18h, fim do expediente de grande parte dos trabalhadores da região. Os estudantes de uma escola pública próxima possuem uma rixa com esses jovens, enxergando-os como "playboys", devido ao maior aporte financeiro que a escola Ponte recebe. Essa rivalidade entre as escolas algumas vezes evolui para discussões e brigas.

No colégio Mundo há laboratório de informática, biblioteca, refeitório, sala de leitura, ginásio esportivo, no entanto, a maioria se apresenta sucateada. A estrutura precária é alvo de crítica dos estudantes durante as entrevistas. O destaque é a quadra que, por um longo período, mantém-se fechada para reforma, o que faz com que os jovens pratiquem Educação Física de forma improvisada no pátio.

Lorena: Olha pro alto, cadê as lâmpadas? A quadra tá interditada há muitos anos. Professor falta, professor não se interessa em dar aula, professor não se interessa a explicar a matéria. Ano passado a minha sala foi pra direção com a professora, porque ela falou que não é obrigada a explicar a matéria. Olha isso, que abuso!

Enzo: O banheiro fede, às vezes.

Lorena: A escola tá caindo. Lá pra cima os banheiros já tá tudo com buraco no teto. Uma vergonha essa escola.

Enzo: Aí tem pichação.

Os alunos da escola Ponte também tecem críticas quanto à infraestrutura, principalmente sobre os banheiros, pela ausência de papel higiênico. Porém, em comparação com o outro colégio e em relação ao que se costuma encontrar em instituições públicas no país, está melhor amparada.

A crítica a professores e à direção é comum na escola Mundo, devido a faltas, dificuldade na resolução de problemas e pouco engajamento com os estudantes. Há também comentários negativos dos professores sobre os alunos, como pude acompanhar em conselhos de classe e durante a aplicação de uma prova da Olimpíada de Matemática, na qual fui solicitada a ajudar. Quando estava na sala de aula, junto a uma professora, ela iniciou um diálogo sobre o descaso dos jovens. Reclamou dos fones de ouvido escondidos em bonés e no cabelo, no que me questionou: "Vão fazer faculdade de música?"

Nesse mesmo dia, encontrei Sabrina, que estava na sala da Coordenação Pedagógica, conversando com três estudantes do 3º ano do Ensino Médio. Eles queixavam-se de uma professora, uma reclamação também presente em entrevistas com outros alunos. Uma das jovens diz que a docente não tinha uma "conversa madura". Enquanto os estudantes reclamavam, Sabrina escrevia a ata no caderno. Depois que terminaram de narrar, ela leu em voz alta o que escreveu.

Segundo os jovens, a professora se recusa a conversar com a direção da escola, com o argumento de que quem manda na sala é ela. Uma das meninas relatou sentir-se constrangida quando a docente mandou "calarem a boca". Esses questionamentos não são novos, diz Sabrina. Ela explica para os estudantes que é difícil fazer uma substituição. A coordenadora comenta que essa professora é complicada, por não ter paciência para explicar as coisas, e oferece dicas para os jovens evitarem animosidades, como a criação de um grupo de estudos. Ela reforça a necessidade de os alunos não a confrontarem: "É um desgaste desnecessário". Em outra ocasião, uma aluna comenta:

Uma professora fica irritada e quer jogar apagador na nossa cabeça, outra xinga dentro da sala de aula. Ela passa um dever, a gente não entende, aí vai perguntar a ela, e ela: "Que saco! Por que você não aprende sozinho?" Eu acho que mesmo eles não gostando da gente, eles têm que fazer o trabalho deles direito, porque eles não tão trabalhando de graça. (Ayla, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Na outra escola, os professores, em sua maioria, são melhor recepcionados pelos alunos. Quando há crítica por parte dos estudantes, elas recaem ou sobre o que consideram ser um excesso de conteúdo, mas que também destacam ser importante, ou sobre docentes que possuem métodos de ensino que consideram defasados. Os jovens da escola Ponte tendem a ressaltar o engajamento dos docentes com os conteúdos transmitidos em sala de aula e o auxílio de materiais didáticos que eles disponibilizam *online*.

Os pátios

Pela primeira vez, aventurei-me a ir sozinha até a escola. Ao me aproximar da entrada, sou reconhecida por uma jovem que se lembra de minha primeira visita. Aceno a uma certa distância. O portão, que se abre para o pátio, está destrancado. Entro sem ser interpelada. Não há fiscalização sobre mim, apesar do carro de polícia estacionado dentro da escola e um policial encostado nele. Penso no nível de violência do local para que haja policiamento no pátio da escola. Por um momento, pondero sobre minha segurança ali. Atravesso o pátio desviando de um jogo de futebol. "Cuidado com a tia", avisa um dos

alunos, ao que, sorrio. Dirijo-me à Coordenação para anunciar minha chegada. Ao entrar lá, ouço um sino. Entristeço-me ao pensar que perdi o horário do recreio, porém, sou informada que o intervalo acaba de começar. Indago-me do porquê de já haver tantos jovens fora das salas. (Diário de campo, 04.03.2015, 2ª visita à escola Mundo)

A viabilidade da pesquisa nas duas instituições que escolhi (e me escolheram), tornaram-nas *loci* adequados para observar as questões que proponho analisar. Primeiro, porque pude entrevistar livremente os alunos, sem supervisão de docentes ou membros da Coordenação, o que ocasionaria, provavelmente, maior censura da parte deles e, talvez, da minha. Em seguida, por apresentarem casos recorrentes de envio e exposição de fotos íntimas, com matizes diversos e com as mais variadas repercussões. E, por último, meu tempo de contato com os estudantes não se restringia ao horário do intervalo, em razão de que, em ambas as escolas, ocorriam faltas de professores, alguns alunos escapavam das aulas no pátio ou, no caso da Ponte, reuniam-se ali para realizar trabalhos escolares, dado que a maioria morava em locais distintos da cidade.

Membros do corpo docente e da Coordenação, por vezes, confundiam-me com uma aluna. Numa dessas situações, estava em um banco conversando com dois estudantes do colégio Mundo, quando fomos chamados pela professora de Educação Física para nos juntarmos aos outros estudantes para a aula. Noutra vez, questionaram-me a ausência do uniforme. Isso ocorria principalmente nessa escola, por contar com alunos de até 22 anos e, na época em que iniciei a pesquisa, estava com 23.

No caso dos estudantes, inicialmente, houve uma dificuldade por parte de alguns em entenderem do que se tratavam minhas visitas à escola e o mestrado em Antropologia, apesar das sucessivas explicações. Por vezes, questionavam-me se não era uma nova professora. Outros acreditavam que seria aluna. Referiam-se a mim das formas mais diversas, era, a um só tempo, tia, professora, senhora, "cara" e menina.

Na escola Ponte, diferente da Mundo, em que o uniforme consiste apenas numa blusa, o controle sobre a vestimenta incluía até o calçado, o que dificultava uma confusão sobre minha identidade. Caso não seguissem os parâmetros, os estudantes eram impedidos de entrar no colégio, apesar de haver relaxamento nas regras do uniforme para o Ensino Médio. Dúvida, vez ou outra, ocorria entre os professores, ao me questionarem se havia sido incorporada ao corpo docente.

Minha pesquisa foi feita na escola, mas não é uma etnografia da escola, mas do pátio. Esse espaço serve de abrigo para uma ocupação coletiva, estabelecendo um único

percurso circular de diferentes vivências, no qual os alunos escapam da segmentação das salas de aula. Nele os jovens interagem antes e após as aulas ou escapam delas, consagrando-se como o local, por excelência, de maior sociabilidade dos estudantes. Isso o fez ponto físico nuclear de minha pesquisa.

Não realizei segmentação por turma ou por período escolar, incluindo Ensino Fundamental e Médio, o destaque ficou por conta das narrativas. O único pré-requisito para entrevistar os jovens foi estarem "matando aula" ou com horário livre no pátio. As entrevistas, em geral, duravam 1 hora.

O pátio das duas instituições são espaços amplos, e ocupados de diversas maneiras, devido as suas geografias subjetivas, sendo viável segmentá-los em subespaços. A principal conexão entre eles é a falta de uma supervisão autoritária, proporcionando um ambiente mais permissivo. O que torna esse local mais semelhante a uma praça, afastando-o de um espaço de sociabilidade escolar clássico, no qual o rigor do corpo docente e da Coordenação é mais imperativo. Isso é mais nítido no colégio Mundo que, diferente do Ponte, não possui inspetores no pátio.

Os espaços nos quais segmentei o pátio do Mundo são: área descoberta frontal (local entre o portão de entrada e a parte coberta pelo prédio da escola), onde o chão é gramado, possui bancos, um espaço utilizado como estacionamento pelos professores e por um carro de polícia, acompanhado de um ou dois policiais; área coberta ampla (térreo do prédio, não é circundada por paredes, apenas colunas), onde há bancos, a entrada para o refeitório, esse sim, envolto por paredes, e a rampa para o primeiro andar; área coberta restrita (área embaixo da rampa), a rampa é ampla e não é totalmente conectada ao chão, sobrando um espaço para que alunos se sentem embaixo dela; área descoberta traseira (local parecido com a área frontal, com vista para a rua, circundado apenas por um gradil), há nesse ponto, assim como na área embaixo da rampa, um espaço mais reservado, o que o torna uma área privilegiada para os jovens namorarem.

Há no espaço do colégio Mundo, como no que o circunda, uma atmosfera de abandono. Todas as paredes, de tão gastas, pareciam haver sido lixadas. As pichações sutilmente espalhadas pelos muros e paredes da escola, consomem grande parte da fachada das outras construções da rua. Um mar de cimento, tijolos e cores desbotadas ornaram as casas e comércios locais, não há qualquer pretensão estética cosmopolita. A paisagem é de uma horizontalidade típica de cidade pequena, sem prédios rasgando o campo visual.

Diferente desse contexto, ao chegar ao colégio Ponte, deparei-me com a guarita na qual ficam dois vigilantes, que fazem a identificação daqueles que passam pela pequena porta que dá entrada à escola. Ali também é feita a vistoria do uniforme dos alunos que, se não seguem as normas, são enviados de volta para a casa. Na escola Mundo, quem controla a entrada tanto de docentes quanto de alunos é uma senhora que se senta em uma carteira escolar, próxima ao portão principal. Em seu caderno, ela anota o horário que a pessoa entrou e o que saiu da escola.

No colégio Ponte, ao passar pela porta principal, deparei-me com uma rampa que leva até um espaço aberto com locais para sentar, é nessa área que os pais esperam os filhos na saída da escola. Grande parte dos jovens tem a carona de algum familiar, outros utilizam um serviço de transporte. Os que moram próximos ao colégio seguem a pé, e poucos, em geral os rapazes ou aqueles com menos recursos financeiros, vão sozinhos de ônibus. No colégio Mundo, os jovens voltam para a casa sozinhos ou com um grupo de amigos, de ônibus ou a pé. Mesmo que morem longe, quando falta dinheiro para a condução, eles seguem caminhando. Desse retrato, é possível notar a diferente condição financeira entre os jovens de ambas as escolas.

O amplo pátio da escola Ponte conta com uma cantina – algo inexistente no colégio Mundo, o que faz com que os alunos dependam de vendedores de rua que se alocam próximos à escola –, na qual se pode comprar salgados, guloseimas e bebidas, e um refeitório, que serve alimentação gratuita aos alunos. Fora dessa área de alimentação, diversos pilotis com bancos acoplados a sua estrutura são ocupados pelos jovens. Foi sentada nesses bancos que realizei grande parte das entrevistas.

Em contraste à escola Mundo, o colégio Ponte oferece um enorme espaço destinado à prática de esportes. Nele há uma quadra e uma pista de corrida. Há também uma quadra fechada onde acontecem jogos de futebol, que geram grande engajamento dos estudantes. Nos momentos em que há competições na escola, os alunos enchem o entorno das quadras, tornando a ocasião promotora de sociabilidade e uma ocasião de lazer na escola.

No espaço que divide o pátio das salas de aula e da Coordenação, há um inspetor que se senta ao lado da entrada. Ele espreita a movimentação no pátio e controla a entrada e saída dos alunos. Além dele, há vigias que circulam pelo pátio. Um cenário diferente da escola Mundo, no entanto, isso não quer dizer um controle excessivo sobre os jovens, uma vez que os vi à vontade para interagirem com os colegas, isso inclui, por exemplo, sentar-se no colo e beijar. A parcela de estudantes que

se sente coagida pelas vigilantes e o inspetor são os homossexuais, que dizem ser interpelados com o motivo de serem vistos pelos estudantes mais novos.

Numa frequência quase diária, dois policiais rondam o pátio do colégio Mundo¹³. Essa prática é louvada pela Coordenação e pelos professores, mas vista como ineficaz pela maioria dos alunos que se sentem desamparados. Algumas vezes, notei os policiais distraídos dentro do carro ou na biblioteca, prática que os estudantes criticavam. Casos de briga entre os estudantes eram mais recorrentes, porém, em 2015, quando efetivamente comecei a frequentar a escola, os jovens me relataram um contexto de maior tranquilidade, devido à saída de alunos considerados problemáticos. Apesar disso, situações como venda de drogas ou entrada de pessoas estranhas no pátio ainda estavam presentes. No diálogo abaixo, duas alunas da escola Mundo descrevem situações que presenciaram em seu cotidiano:

Vanessa: Motivo à toa, hoje em dia, você dá uma olhada pra pessoa, a pessoa fala: "Vô ti batê no final da aula".

Camila: As mães segura as crianças pro outro batê. Gente, não precisa disso! Só um bom castigo. Igual aqui, eu tô passando e alguém fala: "Não vou com a cara dessa garota aí não, vou dá na cara dela, tirá sangue da cara dela, vô pegá gilete e cortá a cara dela". Acho horrível essas meninas que briga com gilete. Gilete, faca, facão, pistola. Pra mim isso não é briga não, isso é luta. Isso é feioso, não si respeitam.

Certo dia, alguns jovens me relataram a entrada de um homem estranho no colégio. Ele circulou em sua moto pelo pátio e pela rampa que leva às salas de aula, perguntando por um garoto, com o qual, aparentemente, tinha que "acertar as contas". Alunos foram interpelados pelo motoqueiro anônimo, que os questionou sobre a localização do tal menino, todavia, ele não estudava no Mundo. Ao saber disso, o homem saiu da escola para continuar sua busca.

Em uma publicação no *Facebook*, um aluno reclama sobre as coisas que lhe roubaram: "Colégio Mundo só tem Ladrão Robarão meu fone e o meu cartão de memória do meu cel [celular] pprrt [papo reto]". Por não ser um garoto popular entre os estudantes, poucas pessoas interagiram com seu texto, e as que o fizeram zombaram do

¹³ Há uma rotatividade de policiais durante a semana, não são sempre as mesmas duplas todos os dias.

garoto, com frases como: "perdeu playboy kkkkkkkkkkkkk"; "deu mole mano?"; "RS lerdão".¹⁴

As redes sociais e os aplicativos

Para além do pátio, minha pesquisa analisa o uso que os jovens fazem das redes sociais e dos aplicativos de troca de mensagens. Para entender as práticas dos alunos *online*, principalmente no que diz respeito à pornografia de humilhação, foi fundamental compreender a conjuntura na qual estão inseridos. Sem a questão da localidade, alguns usos são esvaziados de significado (MILLER; SLATER, 2001). A estética da região, a forma como as pessoas convivem nos espaços de sociabilidade e a maneira como se vestem são exemplos de quesitos que levei em conta para tecer minhas observações. A partir disso, examinei os cruzamentos entre redes digitais e *offline*, o que permite apresentar as condições materiais e sociais da circulação de imagens que expõem as jovens.

Apesar das entrevistas perpassarem o uso de plataformas de sociabilidade *online* diversas, o foco da análise recaiu sobre o *Facebook*. O perfil dos jovens nessa rede, em geral, estava disponível publicamente para acesso, e, quando não estava, era raro haver constrangimento em aceitar meu convite para fazer parte dos seus contatos, o que difere de aplicativos de troca de mensagens, a exemplo do *WhatsApp*, que tem um caráter privado.

Há no uso que os adolescentes fazem das plataformas *online* uma relação maior de complementaridade do que de antagonismo. Ter perfis no *Facebook*, *Twitter*¹⁵, *Snapchat* e comunicar-se pelo *WhatsApp*, muitas vezes, não torna redundante o conteúdo compartilhado pelos jovens. O motivo disso reside no fato de que cada um desses canais possui propostas de uso diferentes e a partir disso são identificados levando em conta o que possuem de semelhante e dispare entre eles. Por essa razão, mais do que focar em certas plataformas, é necessário analisar a forma como são apropriadas pelos usuários e que conteúdo se produz por meio disso (MADIANOU; MILLER, 2012).

¹⁴ A repetição da letra "k", como em "kkkk", e "rs" são expressões que simbolizam o riso, muito comuns na internet.

¹⁵ Nesta pesquisa, não detalho o uso do *Twitter* por ter privilegiado as redes de maior popularidade entre os alunos, no caso *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*.

A partir do conceito de polimídia, penso as plataformas do modo como os usuários as compreendem, ou seja, de modo integrado (MADIANOU; MILLER, 2012). Portanto, é possível enxergá-las, por exemplo, como um conjunto de gavetas de um móvel, que oferecem alternativas de organização diversas, mas que não podem ser consideradas fora do todo. Dessa mesma forma, estão dispostos os conteúdos no cardápio das plataformas escolhidas pelo usuário.

Outra questão que o conceito de polimídia traz são os julgamentos morais sobre os usos que as pessoas fazem das redes, posto que atualmente eles se vinculam mais a questões emocionais e sociais do que ao custo e à facilidade de acesso (MADIANOU; MILLER, 2012; CHAMBERS, 2013). Um exemplo dessa nova moralidade na escolha de como se comportar *online* está no término de um relacionamento via *WhatsApp*, percebido como uma atitude agressiva.

O *Facebook*, inicialmente uma plataforma exclusiva para universitários, concedeu o livre acesso em 2006. Atualmente, é a rede social com maior número de usuários ativos do mundo¹⁶. Isso se mostrou presente em ambas as escolas, nas quais essa rede era a mais utilizada entre os estudantes. Apesar de muitos jovens comentarem que a plataforma está defasada perante as novidades do mercado, eles continuam engajados na publicação de imagens e textos em seus perfis e na interação com as páginas dos colegas.

O *Facebook* possui uma potência de engajamento maior que as outras redes. A razão disso reside no grau de convergência¹⁷ que esse site possui, visto que incorpora todas as ferramentas presentes nas outras. Há possibilidade, por exemplo, de publicar vídeos e fotos, como no *Instagram* e no *Snapchat*, compartilhar conteúdo de outras redes, conversar no *chat* privado, da mesma forma que no *WhatsApp*, escrever textos, como no *Twitter*. Ademais, o *Facebook*, segundo os jovens, permite que eles se informem sobre o que está acontecendo na vida dos outros, dado que muitos expõem nele uma série de relatos íntimos. Outro uso são os grupos feitos por professores para compartilharem conteúdos referentes às aulas.

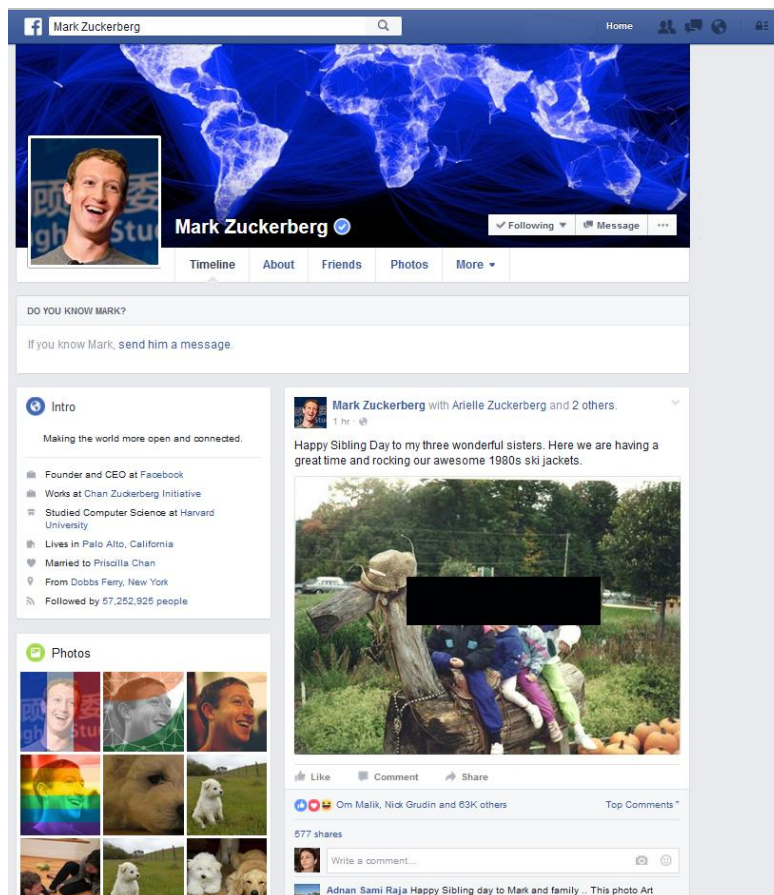
O *Facebook* atinge vários aspectos das relações interpessoais dos estudantes e viabiliza desde conversas amenas com amigos e familiares até a proliferação de mensagens de ódio e imagens íntimas. Para pensar os cruzamentos entre as

¹⁶ STATISTA. Leading social networks worldwide as of January 2016, ranked by number of active users (in millions). Disponível em: <<http://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>>. Acesso em: 25 de fev. 2016.

¹⁷ O potencial de convergência do *Facebook* também se dá pelo fato de que o dono dessa plataforma comprou o *WhatsApp* e o *Instagram*.

performances (GOFFMAN, 2013) *online* e *offline* dos estudantes, é primordial analisar a conexão que plataformas como o *Facebook* possuem com a identidade civil dos jovens.

Figura 1. Exemplo de perfil no *Facebook*.



Fonte: *Print screen* do perfil de Mark Zuckerberg.¹⁸

Meu acesso às redes sociais dos alunos foi facilitado no colégio Mundo, no qual, nem estudantes, nem Coordenação, mostraram-se contra essa aproximação. Entretanto, na escola Ponte ocorreu uma limitação maior, pois a Coordenação preferiu que tivesse poucas dados que remetesse à identidade civil dos alunos, como o nome, por conta de situações recentes nas quais estudantes tiveram informações suas divulgadas em veículos da mídia. Em razão da preocupação com a proteção da identidade, solicitaram-me, então, que não adicionasse as minhas páginas pessoais os perfis *online* dos alunos e pedisse a eles que me oferecessem pseudônimos e não seus nomes reais.

¹⁸ FACEBOOK. Perfil de Mark Zuckerberg (criador da plataforma). Disponível em: <<https://www.facebook.com/zuck?fref=ts>>. Acesso em: 11 de abr. 2016.

O ambiente digital possibilita a expansão dos espaços físicos de convivência, por meio da duplicação e do incremento das conexões existentes no *offline* (RAMOS, 2015a). Associado a este fator está o processo de redução do anonimato na internet, pela criação de perfis cada vez mais dependentes de informações correspondentes com a identidade *offline* do usuário, promovendo a "convergência identitária" (RAMOS, 2015b, p.12).

O *Facebook* traz um nível maior de publicização para a imagem do que o *WhatsApp*. Esse último, restringe sua rede de contato apenas àquelas pessoas que você tem o número de celular. Apesar da viabilidade de formar grupos que congreguem diversos usuários desse aplicativo, o que expandiria o alcance dos conteúdos compartilhados, muitas vezes os integrantes não possuem vínculo entre si, o que diminui o impacto daquilo que está circulando.

O *Facebook*, em contrapartida, traz uma dinâmica de alcance que atinge redes mais densas, incluindo conhecidos, amigos e familiares. Isso faz com que a identidade da pessoa exposta torne-se mais imbricada com seu contexto *offline*. O motivo principal é o fato deste site apresentar uma grande compilação de dados sobre a pessoa, como imagens, locais que frequenta e outros detalhes.

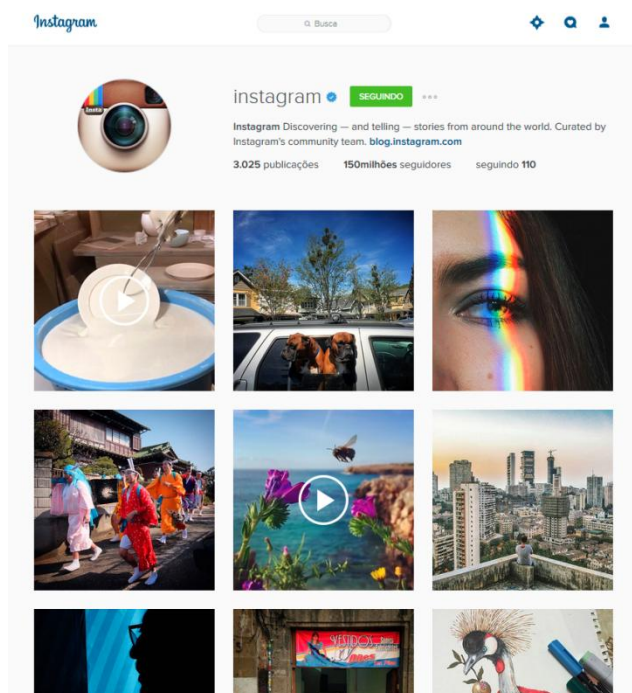
É viável fazer um paralelo entre a noção de casa e rua proposta por DaMatta (1997) com as performances dos usuários nas diversas plataformas *online*. Esses dois pilares da sociedade brasileira – a casa e a rua – são apresentados como maiores que seus limites físicos, promovendo-lhes ao patamar de categorias sociológicas (DAMATTA, 1997, p. 8). A razão disso é o fato de extrapolarem a arquitetura, para operarem no plano das entidades morais. O mesmo ocorre com as diversas nas interações *online* dos jovens.

Cada aplicativo de envio de mensagens ou rede social, assim como acontece com os espaços físicos do cotidiano – a casa, a escola e a igreja – possui códigos de conduta específicos. Por conta disso, quando alguma atitude pertinente a um desses espaços extrapola involuntariamente para outro, ocorrem situações problemáticas. Esse é um dos motivos das polêmicas geradas entre os jovens ao divulgarem conversas que tiveram em espaços privados em áreas públicas, como o mural do *Facebook*.

As plataformas que possuem forte vínculo com a identidade civil de seus usuários, a exemplo do *Facebook* e do *Instagram*, relacionar-se-iam com a noção de casa, em razão de se esperar que as performances presentes nelas sejam de uma moralidade padrão (DAMATTA, 2011). Isso se dá pelo fato de que as ações praticadas

nesses espaços reverberam diretamente na maneira como as pessoas são percebidas em outros contextos de sociabilidade. O padrão asséptico desses ambientes se faz presente, por exemplo, nas situações em que familiares contestam os pais das jovens, quando creem que elas estão se "expondo demais" no *Facebook*, por conta das fotos que publicam.

Figura 2. Exemplo de perfil no *Instagram*.



Fonte: *Print screen* do perfil oficial do *Instagram*.¹⁹

Minha família controla muito. Uma vez, meus tios ligaram pra minha mãe e reclamaram: "A Juliana está postando muita foto digamos assim, chamativa. Tá com foto com uma roupa curta, chamando muita atenção." Na minha opinião, as que mais ganham curtida são as fotos que a pessoa tá mostrando o corpo. Da menina, vão falar que é "piranha", "vadia", "vagabunda". Se for menino: "Nossa, que bonito!" Isso é certo e o da menina não? (Juliana, 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Meus tios falam: "Ah, tá mocinha, só que tá mostrando muita coisa aí, pode ir tirando essa foto, pode ir excluindo". Aí, eu: "Tá bom, vou

¹⁹ INSTAGRAM. Perfil oficial do Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/instagram/>>. Acesso em: 11 de abr. 2016.

excluir". Só que eu não excluo porque eu gostei dessa foto. (Ana, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Os perfis abertos do *Facebook* e do *Instagram* se aproximam da ideia do que uma varanda significa para as pessoas que transitam pela rua, visto que permitiriam, como esse espaço físico de sociabilidade, uma amostra do que acontece na zona residencial, sem a necessidade de ser convidado a entrar na casa. Essa exposição, seja ela consciente ou inconsciente, viabiliza situações como a relatada por Lídia, estudante da escola Mundo, e que se repete para outras alunas entrevistadas: "A maioria das vezes que coloco uma imagem no Facebook, recebo uma mensagem privada. Tem gente que comenta as fotos no Facebook que a gente nem conhece, aí chama no privado."

No polo oposto, plataformas como *Snapchat*, *Secret* e *WhatsApp* tornam-se, por excelência, espaços da rua, nos quais o anonimato e o segredo operam. Essas redes comportam níveis mais profundos de ocultamento de conteúdo, saciando a necessidade dos jovens de atuarem fora dos holofotes, principalmente daqueles do *Facebook*, no qual a família se faz presente. O que promove, a um só tempo, maior espontaneidade e atendimento a outras normas.

Participar de desafios em grupos do *WhatsApp* e enviar "nudes" no *Snapchat* são exemplos de práticas nas quais alguns jovens não se sentem tão à vontade em participar, no entanto, são compelidos pela atração do anonimato em grupos com grande número de pessoas. Mateus, estudante do colégio Mundo, de 14 anos, conta-me: "Já mandei [foto nu], já. Mas pelado só da cabeça pra baixo, nunca o rosto. Eu mandei também que era grupo pequeno, 'Só Putaria', aí todo mundo tava mandando foto, aí eu mandei a minha". Outros alunos também têm exemplos de situações peculiares em grupos do *WhatsApp*:

Eu tava num grupo, pediram a foto da garota pelada, aí pediram pra mandar no pv [privado], só que ela errô, aí ela sem querê mando no grupo. Aí, todo mundo começô a zuá ela. Aí, explanou. É daqui da escola. Só que eu saí do grupo por causa da minha mãe, que ela não gosta de putaria, que é má influência. O pessoal do grupo começou a comentar que ela era piranha, aí ela saiu. Eu não tenho coragem de mandar, privacidade minha. (Isis, 12 anos, 7º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Guilhermina: *As pessoas abusam. As pessoas tão fazendo tudo por causa de curtida. Faz desafio. Cê viu o desafio da abelha?*

Denise: *Não. Abelha?*

Guilhermina: *Denise, tá rolando no WhatsApp! Bota o sutiã na cara e os peito pra fora.*

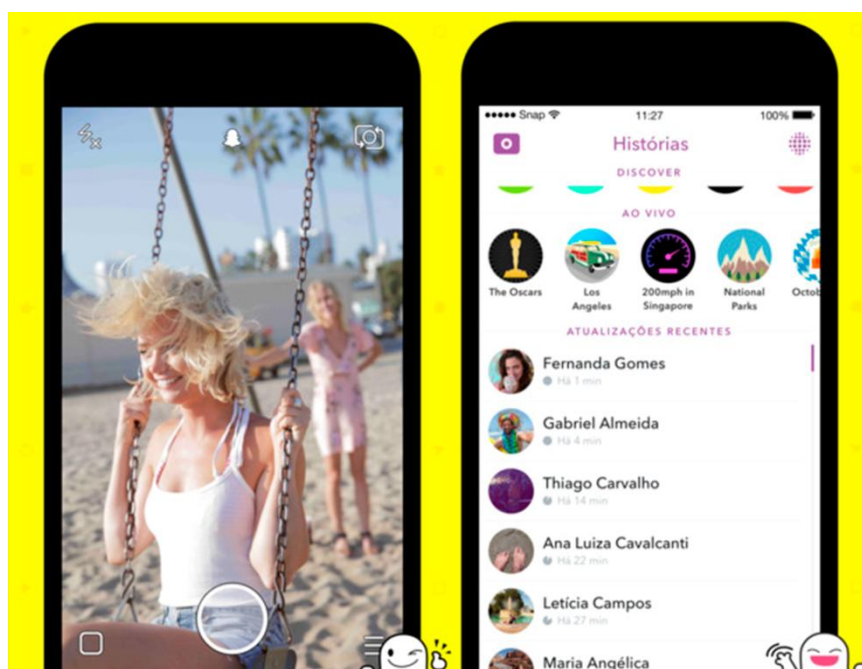
O *Facebook* é um veículo fundamental para a prática da pornografia de humilhação. O motivo é que essa plataforma apresenta uma maneira mais eficaz que o tradicional boca a boca no processo de proliferação da fofoca. Pois ela apresenta vinculado ao perfil *online* da jovem seu círculo de relações densas, por exemplo, seus familiares, amigos, vizinhos e colegas de escola. O que torna a exposição de uma imagem de nudez ou sexo mais impactante.

Por meio da "agência maquínica" (RAMOS, 2015a), cada plataforma induz determinados tipos de comportamento. Apesar disso, a agência do usuário se faz presente no instante em que ele transgride os usos esperados praticando outros usos possíveis, mas não planejados pelos desenvolvedores do sistema, mostrando "a articulação entre as agências maquínicas e humanas" (RAMOS, 2015a). É o caso dos aplicativos *Snapchat* e *Secret*, por exemplo.

O Facebook eu acho uma perda de tempo. Já foi bom, mas agora já tá meio decaído. Snap pra mim é mais zoação. Snap eu só tiro foto zoada. Facebook as pessoas ligam mais pra foto bonitinha e mais pra opinião dos outros. É legal até você começar a ver as fofquinhas dos outros. (Juliana, 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental)

O *Snapchat*, lançado em 2011, teve como foco inicial possibilitar que as pessoas compartilhassem imagens despreziosas do cotidiano. A plataforma permite a publicação de vídeos e fotos que permanecem *online* pelo período máximo de um dia. A ideia era ir na contramão das imagens meticulosamente planejadas de aplicativos como o *Instagram*. Contudo, muitos usuários identificaram o *Snapchat*, pelo tempo restrito que as imagens ficam disponíveis para outros usuários, como o local ideal para compartilhar "nudes".

Figura 3. Imagens do *Snapchat*.



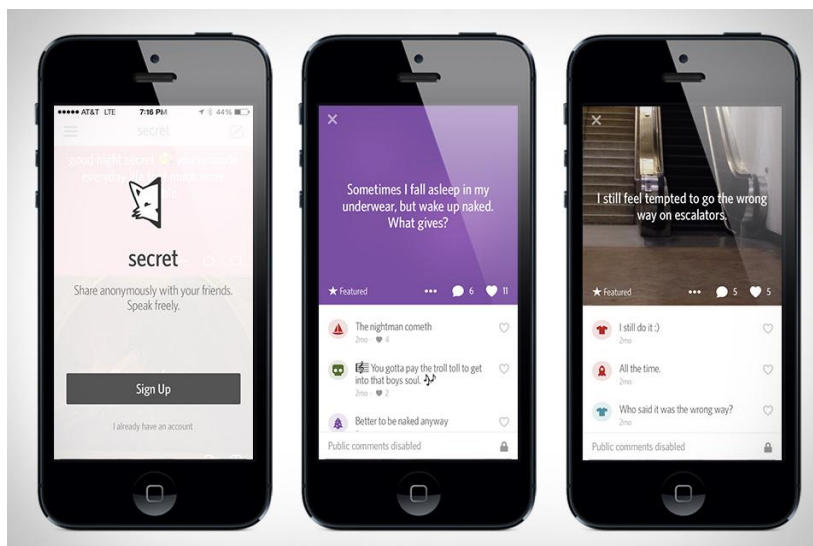
Fonte: Site "iTunes".²⁰

Clara, 15 anos, estudante do 8º ano da escola Ponte, apresenta uma opinião endossada também por outros jovens: "A graça [do *Snapchat*] é que você tá conversando com a sua amiga e pode ficar mandando foto zoada. Foto nada a ver. Dura só alguns segundos. *Instagram* tem que ter aquela foto bonita." A questão dos "nudes" no *Snapchat* é comentada por Mônica, de 17 anos, do 3º ano do Ensino Médio da colégio Mundo: "No Snap pedem foto nua, porque é aquela coisa da pessoa vê uma vez só. Eu não tenho essa coragem não. Um cara me adicionô no Snap, eu não sabia quem era, aí me mandou um nude. Eu fiquei assustada."

Quanto ao *Secret*, um aplicativo lançado em 2014, seu objetivo era oferecer uma válvula de escape da lógica de uma "vida perfeita" que muitos usuários estampam em redes como o *Facebook*. Essa nova plataforma permitiria que os usuários expusessem uma maior carga emocional em suas publicações, posto que estas seriam anônimas. Porém, como ocorreu com o *Snapchat*, acabou se tornando um local para expor boatos e "nudes". No caso do *Secret*, a intensidade das polêmicas que se propagaram foi maior que no *Snapchat*, pois o último permite um círculo mais restrito de contatos. Devido aos variados casos de *bullying*, o aplicativo *Secret* encerrou suas operações após pouco mais de um ano de seu lançamento.

²⁰ ITUNES. Snapchat. Disponível em: < <https://itunes.apple.com/br/app/snapchat/id447188370?mt=8>>. Acesso em: 10 de abr. 2016.

Figura 4. Exemplo de publicações no *Secret*.



Fonte: Site "Catavento".²¹

Apesar não ter gerado engajamento na escola Mundo, os estudantes da Ponte me relataram que o *Secret* causou enorme alvoroço no colégio. Várias alunas tiveram fotos suas "explanadas" por meio dessa rede, sem saberem quem divulgava o conteúdo, visto que as postagens eram anônimas. A polêmica causada pelo aplicativo teve seu auge apenas por um período de semanas, pois a Coordenação exigiu que os alunos o desinstalassem de seus *smartphones*.

Na época do aplicativo Secret, vazou nude de muita garota aqui da escola e até hoje o povo lembra e fica comentando. Era muita foto que eu recebia. Teve algumas fotos que teve mais repercussão. Dependia da foto e se a pessoa era conhecida ou não. Acho que a escola tá se posicionando mais sobre essas coisas do que antigamente. (Alice, 13 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Com isso, é possível pensar nas redes sociais como a sociedade civil da cultura adolescente (BOYD, 2007, p. 3), em detrimento do Estado, representado pela casa e pela escola. Esses locais são concebidos como esferas de submissão à autoridade dos pais e professores, logo de impotência. O lugar da autonomia e da potência está no exercício da sexualidade associado às plataformas digitais, mas há riscos. O exemplo do *Secret*, no colégio Ponte, mostra como há um *gap* geracional entre as formas pelas quais

²¹ CATAVENTO. O problema do Secret não é o Secret. Disponível em: < <http://www.catavento.me/o-problema-secret-nao-e-o-secret/>>. Acesso em: 10 de abr. 2016.

os jovens se apropriam das plataformas *online* e como seus responsáveis esperam que eles lidem com elas.

Enquanto há pais e professores que têm familiaridade com a internet, outros não detêm nenhuma expertise, o que inviabiliza diálogos sobre os usos e desusos das plataformas. Além disso, mesmo se compreendessem os aplicativos e redes sociais, provavelmente, não entenderiam como os adolescentes se apropriam deles por meio de uma gramática própria.

Os celulares ininterruptamente *online*, permitindo acesso às mais diversas formas de contato com o outro, funcionam como um dos mecanismos atuais para fazer o sexo falar. É por meio desse aparato e de aplicativos instalados nele, que aparecem novas ferramentas para a expressão sexual, concomitantemente a novas regras.

Sandra: *Eu estou em um grupo do WhatsApp, só que ele é muito ousado.*

Eu: *Qual o nome do grupo?*

Sandra: *Tô com vergonha de falar.*

Amanda: *"Putaria sem limite"?*

Sandra: *Não.*

Mateus: *Meu Deus, é o "Vuco vuco na buceta"!*

Quando instituições normativas – igreja, escola, família – percebem a internet como promotora de espaços de ocultamento das atividades dos jovens, há a proliferação de discursos pautados no pânico moral (RAMOS, 2015b, p. 71-72). Essa forma de controle social está presente, principalmente, nos discursos religiosos. Um exemplo é a fala de Nayara, 15 anos, estudante do colégio Mundo: "O pastor fala que tem que olhá mais a vida e menos a internet. Que a internet pode acabá com a humanidade, que não sei mais o que. Ele fala pra tê cuidado também pra preservá o corpo."

O depoimento abaixo retrata a promoção do perigo. Nele, apresenta-se um dos grandes sentidos comuns sobre o uso da internet para sociabilidades diversas: a artificialidade e efemeridade das relações. O vício no uso dessas plataformas é outro ponto chave.

Fala muito de internet na igreja. Fala de WhatsApp, que é um vício do diabo, de Facebook. WhatsApp é pior ainda porque, hoje em dia, é tudo pelo WhatsApp. Se fô começa um namoro, é pelo WhatsApp. Se fô brigá com alguém, é pelo WhatsApp. Vô termina o namoro, é pelo

WhatsApp. Eu acho que hoje, tudo assim é pela internet. O Facebook, então, é só curtida. É uma coisa do demônio, porque o diabo nunca qué o bom pra gente, sempre qué o mau, faz tudo pra matá a gente ou alguma coisa, entendeu? Faz essas coisa. Mas é um vício, realmente. WhatsApp é mais, hoje em dia. Facebook os otro entra uma vez ou outra. WhatsApp é mais vício. Isso acaba com muitos relacionamentos. (Eliza, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

No ranking de plataformas com maior número de usuários ativos²², após o *Facebook*, mencionado anteriormente, está o *WhatsApp*. Esse cenário também é confirmado nas instituições analisadas, no qual essa plataforma mostrava-se extremamente popular. Os poucos alunos do colégio Mundo que não estavam no *Facebook* e no *WhatsApp*, tinham como motivo principal situações de roubo de seus celulares, que os impediam de terem acesso a essas redes. Em outros casos, como acontecia na escola Ponte e em menor escala na Mundo, os estudantes preferiam sair das redes sociais para se dedicarem aos estudos.

Figura 5. Exemplo de conversa no *WhatsApp*.



Fonte: *Flickr* de StockyPics.²³

²² STATISTA. Leading social networks worldwide as of January 2016, ranked by number of active users (in millions). Disponível em: <<http://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>>. Acesso em: 25 de fev. 2016.

²³ FLICKR. Messaging on smartphone. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/stockypics/22389367255/in/photostream/>>. Acesso em: 10 de abr. 2016.

O *WhatsApp*, criado em 2009, é um aplicativo para *smartphones* que viabiliza a troca de mensagens de texto, vídeos, fotos e áudios. A rede de contatos que essa plataforma apresenta são os números de celular salvos no aparelho de quem a utiliza. Esse aplicativo é identificado por muitos jovens como uma versão repaginada do *SMS*²⁴, porém, sem o consumo de créditos do plano de dados do celular que esse último demanda.

Apesar de os jovens não se mostrarem receptivos em apresentar suas conversas no *WhatsApp*, consegui, por meio das entrevistas, entender algumas nuances dos usos dessa rede. No colégio Mundo, há entre as meninas uma certa restrição em participar do *WhatsApp*, porque nele, segundo elas, "Rola tudo que você pode imaginar de putaria". Os alunos me relataram a existência de diversos grupos, que incluem o dos colegas de sala, o dos solteiros, dos tarados da cidade, o popular "Só putaria", "Sexo liberado" e o "Chupando é mais gostoso".

Muita putaria. Você tem que ver a foto das menininhas [no WhatsApp]. Meu irmão conheceu uma menina em um grupo, aí pediu foto da garota. A garota já mandou foto pelada pra ele. Duas fotos! Tá virando moda. Hoje em dia é normal. É muito feio. (Tânia, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Esse caso das imagens de "putaria" presentes em grupos do *WhatsApp* é problemático para aquelas jovens cujas mães têm acesso aos seus celulares. Muitas meninas me relataram brigas com familiares por conta de imagens sensuais que apareceram em seus álbuns de fotos do celular. A transmissão direta de imagens que circulam pelo *WhatsApp* para o álbum de fotos é uma funcionalidade padrão desse aplicativo, que só deixa de ocorrer caso o usuário a bloqueie.

Esse é um exemplo de como a fuga do contexto, algo corriqueiro na internet, pode proporcionar ocasiões de atrito. Os usos que os jovens fazem das redes sociais, junto às funcionalidades dessas plataformas, são promotores de descontextualização, retirando um conteúdo de seu local e tempo originais e possibilitando desdobramentos diversos (BOYD, 2007).

No caso da escola Ponte, os grupos de *WhatsApp* mais populares são sobre eventos – festas são corriqueiras, tanto na casa de um dos alunos como em algum outro

²⁴ SMS (Short Message Service, ou, em tradução livre, Serviço de Mensagens Curtas) é utilizado para envio de textos em celulares.

local da cidade – ou questões referentes a tarefas escolares. Também é mais uma plataforma para que se comuniquem com os pais, visto que, em geral, passam mais tempo no colégio e em cursos do que em casa.

No colégio Mundo, muitos rapazes, quando não estão namorando, gostam de exibir imagens sensuais de mulheres anônimas na capa de seus perfis no *Facebook*, enquanto as jovens aproveitam esse espaço para mostrarem fotos suas. Aquelas que não estão namorando, em geral, publicam fotos com poses sensuais, as que estão em um relacionamento, colocam a foto do casal. Os meninos também expõem imagens com a família, os amigos e a namorada, além de mensagens religiosas. No entanto, o mais comum, para aqueles que possuem um corpo definido para os padrões locais, são as fotos sem camisa.

No caso das meninas, os perfis mais populares são aqueles que exibem fotos delas com as amigas e o namorado, e que oscilam entre frases afetuosas, de cunho religioso e ataques às "recalcadas". "Se vooc mee odeeia euu nn posso fizr [fazer] ndaa, simplesmente euu existo proo terror daas recalcadas.", isso é o que avisa Eliza para seus 4.543 "amigos"²⁵ do *Facebook*. Essa incitação de uma competição entre meninas é corriqueira, principalmente, no caso de jovens em um relacionamento, que veem nas colegas a imagem de amantes em potencial.

Na escola Ponte, apesar das restrições que me foram impostas, tive acesso a alguns perfis dos alunos durante as entrevistas. Isso ocorreu no momento em que os jovens exemplificavam sua popularidade na internet, mostrando seus números de seguidores, a quantidade de "curtidas"²⁶ e os comentários em suas fotos. Um número significativo de "curtidas" e comentários positivos representa expressões de aceitação e reconhecimento social para os jovens.

Outra situação em que isso aconteceu foi para me apresentarem exemplos de "famosinhos" da escola, jovens conhecidos por quase todos os estudantes e que recebem grande atenção em seus perfis de redes sociais, devido a suas fotos consideradas atrativas. Mesmo com esse acesso restrito, constatei padrões de uso do *Facebook* e pude compará-los aos alunos do colégio Mundo.

²⁵ O *Facebook* categoriza como "amigo" todas as pessoas que são adicionadas pelo usuário ao seu perfil nesta rede, independentemente do grau de familiaridade que possuam.

²⁶ No *Facebook* há um botão chamado "curtir", que permite aos usuários informarem que gostaram da publicação feita por alguém nesta rede. Uma das formas de medir o engajamento das pessoas com algum conteúdo é saber o número de "curtidas" que ele recebeu. Após encerrar minha análise de dados no *Facebook*, a rede passou por algumas mudanças e incluiu opções ao "botão curtir" que permitem, por exemplo, expressar sentimentos de amor, ódio e surpresa.

Uma temática comum entre os jovens de ambas as instituições são as "selfies"²⁷, presentes em grande número em suas redes sociais.²⁸ Ademais, em ambos os cenários, os jovens adicionam uma quantidade significativa de pessoas a seus perfis. A média é de mil "amigos", chegando até o limite que o *Facebook* permite em um perfil, 5 mil, fazendo com os jovens criem outra página para poderem adicionar mais pessoas.

Em termos de singularidade, no caso dos alunos do colégio Ponte, há preocupação com a privacidade em suas redes sociais, posto que ativaram seus perfis para que somente seus amigos visualizem suas publicações. Contudo, ao mesmo tempo, adicionam um quantidade de pessoas a seus perfis que torna difícil o controle sobre quem tem acesso ao conteúdo que divulgam. Diferente do colégio Mundo, no qual a quase totalidade dos jovens tem seus perfis abertos. O conceito de público nas redes sociais, em geral, refere-se a algo que pode ser visto por todos; e privado, algo que só seus contatos podem acessar (BOYD, 2007). Um contraste com espaços físicos, cujo acesso é limitado por barreiras temporais e geográficas.

Para certos jovens, principalmente os da escola Ponte, os perfis privados funcionam como uma forma de atrair mais seguidores. Para que outros usuários sanem sua curiosidade em saber que tipo de conteúdo é publicado nessas redes, eles precisarão solicitar um pedido de amizade, não podendo apenas observar o perfil e sair da página, o que maximiza o engajamento.

Além do que, a internet adiciona um aparato que a distingue do *modus operandi* das mídias tradicionais: os motores de busca. Essas ferramentas facilitam que a pessoa perca o controle sobre aquilo que divulga *online*, dialogando com o conceito de *audiência invisível*, no qual não é impossível definir quem ouve e em qual contexto (BOYD, 2007, p. 8-9).

Isso agrava a questão dos pais que têm acesso ao conteúdo dos filhos *online* e não conseguem lidar com isso, pois o discurso que os adolescentes constroem nas redes sociais é direcionado aos seus amigos. Isso afeta diretamente o âmbito da pornografia de humilhação involuntária, no qual, na maioria dos casos em que os familiares têm conhecimento de fatos desse tipo, apresenta-se um abismo geracional que dificulta o diálogo. Um exemplo disso é a crença de que restringir o acesso dos jovens à internet

²⁷ "Selfie", palavra do ano 2013 pelo Dicionário Oxford, é um termo popularmente utilizado para representar autorretratos feitos, em sua maioria, por *smartphones*. A palavra está presente tanto no discurso da mídia quanto dos alunos das duas escolas, que a usam de forma corriqueira.

²⁸ Detalho essa questão em um tópico mais adiante, intitulado "Cada imagem em seu lugar".

irá impedir que algo desse tipo ocorra, porém, com as facilidades atuais, é difícil eliminar por completo o acesso ao ambiente *online*.

A partir da análise de imagens e textos que os estudantes expõem no *Facebook* percebo a contradição entre suas performances *offline* e *online*. Durante o convívio com os jovens e a observação do *Facebook* dos mesmos, pude notar o processo de retração daquilo que, comumente, se percebe como da ordem do público. O que abre caminho para esse movimento é o protagonismo da vida privada, que ocupa, então, posição central nesse modelo de arranjo social. Não há pudor em relatar sentimentos, pelo contrário, há uma demanda de engajamento ao fazer isso.

Um hábito que exemplifica isso é a publicação de apenas uma frase ou palavra que, ao mesmo tempo em que expõe sentimentos íntimos, instigue a curiosidade dos outros. "Boladão"; "Pelo visto não são muitos que tão comigo"; "Já tô bem melhor". Esses são exemplos de conteúdos que promovem respostas imediatas, como as seguintes: "O que aconteceu?"; "Tô aqui se precisar."

Segredos são publicizados por meio da exposição de imagens e diálogos privados no perfil do *Facebook* e pela ostentação da intimidade dos outros em conversas com os jovens na escola. Envergonhar e desmascarar uns aos outros é uma prática cotidiana entre os alunos de ambos os colégios e o uso das redes sociais é fundamental para isso, dado que as mesmas auxiliam na rápida proliferação de conteúdo. O *Facebook* apresenta-se aí, como muitos jovens notaram, na forma de um "diário público".

As publicações na internet e o comportamento dos estudantes se transformaram em meio de revelação para dizer o que antes não podia ser expresso em palavras a uma pesquisadora recém-chegada. Por esse motivo, a observação para além do presencial é uma das chaves para compreender melhor as teias que ligam os estudantes e algumas de suas percepções de mundo.

O *Facebook* ajudou-me a compilar informações sobre o campo, as quais não teria percebido de outra forma. Uma delas foi a popularidade inabalada, ou talvez até aumentada, de um dos suspeitos de divulgar as imagens da "menina do pepino". Ricardo teve ao menos duas namoradas depois desse caso. Na maioria das imagens que divulga no *Facebook*, o jovem aparece sem camisa, apenas de bermuda. O que deixa evidente seu corpo magro, mas definido.

Em uma imagem, que publicou em meados de dezembro de 2014, aparece com camiseta preta com detalhes escritos em verde, da marca internacional *Hollister*, que

pelas imagens, não se pode dizer se é uma cópia ou original; uma bermuda jeans azul marinho que atinge um pouco abaixo da altura do joelho e uma sandália de tira azul piscina. Na legenda informa: "A gente nem ficou e mesmo assim eu não tiro você da cabeça... — com Marina Na Minha Humilde Residência". A frase é acompanhada por um "emoticon"²⁹ sorrindo. Esse "post"³⁰ gerou grande alvoroço na página do garoto, com 46 comentários em que duas jovens, uma delas Marina, brigam pelo rapaz. A outra moça tem "prints"³¹ de sua conversa privada expostos no decorrer dos comentários, neles, ao mesmo tempo em que desacata outras pessoas, é desacatada. No mês seguinte ao da publicação dessa imagem, Ricardo assume estar em um relacionamento com outra garota, que não Marina.

Os "prints" de mensagens privadas também foram comentados por outro garoto, que apresenta estratégias para desviar desse risco: "Uso mais o WhastApp que o Facebook pra conversar. O WhatsApp por áudio, pra ninguém dar print. Evitá conversa em texto porque o pessoal tudo tira print. Cê não pode fala nada mais que eles colocam no Facebook. Aí você fica o que? Defamado (Mateus, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)." Os jovens também usam artimanhas para fugir da vigilância dos pais e namorados, que muitas vezes acessam, com consentimento ou não, os conteúdos de suas conversas privadas.

Meu namorado é ciumento. Tem umas 30 cabeças de homem bloqueadas no meu WhatsApp. O meu telefone ele pede, só que não tem nada. Até porque eu não vou dar mole. Se quiser falar com alguém, eu vou desbloquear, aí eu converso, depois bloqueio. (Eliza, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Todas essas dinâmicas são aparatos para a manutenção da "fachada", o que possibilita às jovens controlarem potenciais constrangimentos que podem ser provocados caso certas atividades que praticam saiam da esfera do segredo (GOFFMAN, 2011, p. 20). Esses processos demandam das meninas uma expertise em termos de sociabilidade, para saber o quê e como ocultar.

²⁹ "Emoticon" é uma sequência de caracteres tipográficos ou uma imagem que traduz uma emoção por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial.

³⁰ "Post", uma palavra da língua inglesa que tem como um de seus significados enviar algo pelo correio, refere-se, no contexto da informática, a publicações feitas na internet.

³¹ "Print" (redução de print screen) é a imagem capturada da tela de um aparelho digital.

Além das artimanhas de proteção da privacidade, há técnicas especiais para a produção artificial de popularidade *online*. Muitos dos estudantes entrevistados conhecem ferramentas que permitem que as imagens que publicam na redes sociais apresentem um número elevado de "curtidas" e comentários. No entanto, como essas práticas são conhecidas, as pessoas que as utilizam são identificadas rapidamente.

Eles baixam um aplicativo de curtida e em um minuto você já tá com 200 curtidas e não sei quantos comentários. Aí, você vai no perfil da pessoa e só tem um amigo em comum. Não é motivo de beleza não, a pessoa é baixa mesmo. Eles pensam que são famoso por causa da curtida. (Eliza, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Outra situação em que "truques" são acionados é no caso da jovem querer atender um certo padrão de beleza. Paula, uma aluna do colégio Ponte, conta-me: "Tem aqueles aplicativos também - FaceTune, Photshop - que você tem como aumentar ou emagrecer. E aí, você fica maravilhosa, né? Eu conheço gente que usa esse tipo de aplicativo e você sabe que essa pessoa não tem esse tipo de corpo." A demanda por uma determinada estética fomenta todo um aparato que vai desde a busca das locações fotográficas ideais, até um trabalho profissional de edição de imagens.

A sociabilidade em plataformas *online* traz novas dinâmicas de interação, que acabam por afetar como os assuntos são compreendidos por diferentes públicos. Um conteúdo publicado *online* têm quatro características cruciais: a persistência, a capacidade de ser procurado e copiado e as audiências invisíveis (BOYD, 2007, p. 8-9). Para compreender essas variáveis, é requerido dos usuários uma expertise para além daquela pertinente às formas tradicionais de diálogo e de registros imagéticos.

Essa perspectiva auxilia na reflexão sobre a materialidade das imagens divulgadas *online*. Além disso, as redes sociais, para além de suas formas de interação, nos concedem a análise de pequenos cosmos sociais antes ocultados por limitações geográficas e temporais, que agora se expõem publicamente e podem ser congelados no tempo para análise.

A linguagem presente nas publicações no *Facebook* é eficiente pela intensidade, que garante seu poder expressivo. Sua forma atende à particularidade desses jovens narradores, dos temas e situações por eles vividos e memorados.

A análise desenvolvida sobre as redes sociais e aplicativos de mensagem são atravessadas por questões locais (MILLER; SLATER, 2001). O que significa dizer, por exemplo, que os usos feitos pelos alunos do *Facebook*, não serão pertinentes quando em outro cenário social.

A fofoca como técnica de coerção

A autoexposição por meio da divulgação espontânea de imagens íntimas; a vigilância dos pais sobre as ações *online* dos filhos – principalmente as mensagens privadas – e o "vazamento de nudes". Esses são exemplos de como a privacidade é um campo contestado quando se trata da internet, tanto no âmbito individual, quanto no social (CHAMBERS, 2013, p. 46-49).

Apesar de o termo "nudes" ter se popularizado, a expressão "pornografia de vingança", mesmo com ampla divulgação na mídia, não é um termo utilizado pelos jovens entrevistados nesta pesquisa, a maioria até desconhece esse conceito. O que utilizam para falar sobre isso são expressões como: "vazou uma foto", "vazou um vídeo", "explanaram alguém". Esses termos indicam com mais clareza que algo está saindo da zona do segredo. Com isso, opera-se uma arma eficaz para sua promoção: a fofoca. Junto à humilhação e à vergonha após a exposição das imagens³², a fofoca funciona como ferramenta de coerção social e higienista (DÍAZ BENÍTEZ, 2009, p. 184).

Por meio disso, diferencio a proposta analítica da humilhação da "pornografia de vingança", que se vincula à quebra da intimidade de um casal, enquanto a pornografia de humilhação, por sua vez, diz respeito a uma prática de circulação de imagens sexualizadas em redes ligadas à construção de relações e da positividade ou negatividade das reputações. A circulação dessas imagens depende de uma condição de segredo, especialmente ligado ao mundo familiar e escolar. O "vazamento" é essa contaminação entre mundos. Não é uma questão de público e privado, mas de redes de sociabilidade que se conectam e da mudança do valor do que circula nelas: as imagens das jovens. Pensar em redes é focar nos significados da ação, nas convergências e conflitos (RAMOS, 2015a).

Quer as meninas tenham feito, ou não, algo com caráter difamatório, não importa. Elas estão enredadas em uma teia de submissão que as torna automaticamente

³² A humilhação e a vergonha serão mais elaboradas em outros tópicos da pesquisa.

culpadas. As jovens tornam-se reféns tanto de imagens reais quanto das projetadas. A exposição de um "nude", ou a mera suposição de algo pelo tipo de roupa que usam ou por um boato, é suficiente para macular uma reputação.

Quando a gente recusa, diz que não vai mandar a foto [nua], o garoto fala: "Ah, manda, por favor. Você vai fazer assim comigo? Vou parar de falar com você, em? Vou infernizar sua vida. Vou falar praquela menino lá que você é isso e aquilo." Geralmente eles fazem isso. Aí, fica amedrontando a pessoa. Aí, a pessoa fica com medo. Vai lá e manda uma [foto]. Aí, ele: "Ah, já que você mandou uma, manda outra, se não vou explicar a sua foto". Aí, a pessoa vai lá e manda. Fica refém daquilo. (Luana, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

A narrativa de Luana apresenta uma tríade: gênero, reputação e chantagem. As jovens são coagidas a partir da desigualdade de gênero e do segredo a enviarem imagens nuas, operando aqui um modo de violência de gênero, neste caso, quase um sinônimo de violência contra a mulher (DAS, 2011). Isso é mais um exemplo de como processos de submissão operam sobre as jovens.

Divergindo do que retrata Elias (2000), que narra um contexto de grupos de iguais envolvidos em dinâmicas de produção da diferença e da desigualdade, no caso dos estudantes, temos grupos diferentes envolvidos em uma dinâmica de fabricação da desigualdade. Então, a difamação faz duas coisas: reproduz as disparidades entre rapazes e moças e produz a desigualdade entre determinadas jovens, como se faz presente no depoimento abaixo, de Amanda. O potencial de perplexidade de um boato envolvendo imagens sensuais de uma jovem – de um determinado bairro, uma determinada escola, uma determinada rede de amigos – associado à dinâmica veloz das redes sociais, faz com que o acontecimento tenha uma propagação quase instantânea.

Essa Janine fez um vídeo tocando siririca e usando drogas. A pessoa que anda com ela tem que sê muito sem vergonha. Eu não ando com uma pessoa dessa. Fica com má fama. Por mais que eu não fiz, por mais que eu não sô. Quem anda com porco, farelo come. Quem me olha andando com ela, daqui a pouco tá me chamando de puta, piranha, me defama pra caralho. (Amanda, 14 anos, correção de fluxo, escola Mundo)

Quanto à exposição de imagens íntimas, de um lado os garotos, quase sempre impunes, a família, a igreja, a Coordenação do colégio, junto às meninas que não tiveram imagens suas expostas e as pouco maculadas em oposição às jovens com alto grau de desvio. Esse processo promove um afastamento³³ da garota estigmatizada de seu círculo social, com objetivo de não promover o contágio. Ao apontar para outra pessoa como a exclusiva detentora do profano, aqueles fora desse círculo sentem-se momentaneamente aliviados por serem considerados melhores que alguém.

Se a pessoa quer me ver pelada, ela tem que vê pessoalmente, não ficá pedindo foto. Eu falo pras amigas que mandam: "Tá confiando demais. Se ficá mal falada e saí nas páginas que têm aí no Face, vai fazê o que? Só não anda mais comigo, pelo amor de Deus!" Direto me pedem foto assim, tanto pelo WhatsApp, quanto pelo chat do Facebook. (Helena, 17 anos, 3º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Um tipo especial de estigmatização (GOFFMAN, 2008) pode ocorrer quando a imagem pública de um indivíduo é tão impactada que se torna um retrato do que ele é. Isso pode corromper a reputação que seus conhecidos construíram sobre ele. Nesse momento, a pessoa pode ser percebida como alguém que não é mais o que era, desfazendo vínculos sociais.

Por meio dessa lógica higienista, meninas maculadas são enquadradas em um sistema de tribunal acusatório. Tiram-nas da escola, do convívio familiar e do grupo de amigos. Tudo para que se mantenham contidas as jovens que escaparam do quadro de convenções sociais do feminino. Um esforço para que o estigma não contagie os outros e a ordem entre puro e impuro seja mantida (DOUGLAS, 1996).

O contágio opera de forma mais intensa no colégio Mundo do que no Ponte. O motivo é que nesse local a familiaridade é um imperativo. Ao reproduzir a dinâmica de uma cidade do interior, na qual todos se conhecem, torna-se mais fácil e mais pertinente espalhar fofocas, pois os boatos sobre pessoas desconhecidas não promovem tanta adesão quanto aqueles sobre um vizinho, por exemplo. Ademais, o engajamento de alunas com a frente feminista, do grêmio da escola Ponte, faz com que elas repensem suas atitudes quanto às jovens maculadas, aceitando que permaneçam em seus círculos de amizade, apesar da contrariedade de alguns pais sobre isso.

³³ Há situações em que o impacto desse isolamento estigmatizado é tão forte que algumas jovens cometem suicídio. Casos desse tipo foram relatados pela mídia tanto no Brasil quanto no exterior e mencionados por algumas jovens durante as entrevistas.

Helena: *Só achei que ela fez errado de enfiar o pepino, sei lá, professora.*

Priscila: *Só acho que ela não tem idade pra isso, nem se perdê ela tinha que se perdê agora.*

Rayane: *Eu acho que todas as meninas, até mulheres, devem se valorizá mais. Acho que isso é uma valorização pra raça feminina. Isso pesa mais pra mulher. Homem não fica defamado, mulher fica. Ainda mais ela, que mora lá no Amarelinha. É um bairro com muita fofoca. Qualquer coisinha, então... Espalhô pra um, vai soprá pro bairro inteiro. É assim.*

Priscila: *Se chamar homem de galinha tudo bem, menina não. Menina é piranha. O homem acha bonito ser safado. E pra mulher é feio, todo mundo chacota. Não vou ficar com aquela menina porque ela é rodada. Depois que a mulher fica defamada, pra tirar a fama...*

Paula: *Ali na escola Rede é uma tristeza, porque as meninas vão pra li pra estudar e você tem que ver as roupas que as meninas vão ali pra estudar. Aí você já sabe que faz e acontece. É shortinho, é blusinha curtinha. Lá é uma perdição total.*

Mateus: *Lá o babado é fortíssimo. Se você chegar lá vai ficar roxa.*

Paula: *Lá elas não têm nem cara de pau. Tira foto pelada, faz e acontece e elas continuam indo pra escola.*

Segundo os diálogos acima, é possível notar que, no caso da "menina do pepino", opera-se uma combinação de dois estigmas: o bairro e a sexualidade. Ademais, percebe-se como as meninas precisam gerenciar além da própria fachada (GOFFMAN, 2011) a associação de sua imagem a variáveis externas, como o local onde moram, a escola que frequentam e a reputação de mulheres da região. Pelo entrosamento dos moradores, o bairro destaca-se como um propulsor das dinâmicas de fofoca da região. Ao ser instaurada uma mácula, é difícil que as meninas consigam "limpar" por completo sua fachada.

Lavínia: *Falando nisso, tia. Hoje eu vi ela [a "menina do pepino"]. Não tinha um que não tava comentando quando ela tava passando. Ela passou e as menina falou: "Olha o pepino passando". Tadinha, ela ficou toda sem graça.*

Ainda falam dela [já havia passado mais de seis meses que o caso tinha acontecido].

Luzia: Não podem ver ela na rua que falam logo: "Olha o pepino!"

Tereza: Ela botou logo um pepino, né? Mas, fazê o que?

Lavínia: Tipo assim, eu nem faço essas coisas. Eu nem penso, entendeu? Porque eu também tenho senso do meu ridículo, entendeu tia? Mas o bagulho é o seguinte, isso acaba com a gente, né? Acaba essas mulhé velha fazendo esses filmes pornô. Manda essas foto pelada e defama a gente. Acaba com as mulhé.

No colégio Mundo, onde é frequente a exposição da sexualidade dos alunos, para que a má fama de uma jovem desencadeie sua exclusão daquele ambiente, é necessário uma enorme carga disruptiva. Como foi o caso da menina que realizou um ato sexual com um pepino, registrado em imagens que permitiam vê-la frontalmente e de corpo inteiro.

Apontar o que há de impuro em outra pessoa é uma forma de tornar o acusador mais puro (DOUGLAS, 1996, p. 93). Essa lógica da assepsia de um grupo a partir do exercício de depreciação de outro é comum nas escolas após a exposição das imagens íntimas de uma jovem. As meninas que não aparecem nessas imagens, colocam-se um degrau acima na escala de respeitabilidade social.

O cuidado para que fora do círculo íntimo da garota maculada o menor número de pessoas informe-se sobre o caso é, correntemente, inviabilizado pelo fetiche da fofoca. O prazer em relevar um segredo reside no ato de se colocar em uma posição de poder (SIMMEL, 2009).

Nota-se que na prática de expor e comentar imagens sexualizadas de adolescentes há o frisson em revelar mais do que aquilo que um corpo nu apresenta. Em geral, esse poder é dos namorados ou "ficantes" das jovens, os quais são os destinatários mais comuns desse tipo de imagem. Nas imagens que os rapazes compartilham indevidamente pelo *WhatsApp*, *Snapchat* e *chats* do *Facebook*, ocorre um processo no qual se afirmam como seres desejados e desejantes, heterossexuais, viris e, acima de tudo, detentores do poder sobre a imagem de alguém. Não apenas a imagem-retrato, mas a imagem-moral.

Muitas amigas minha tiraram fotos nuas no meu bairro e foram explanadas³⁴ pelos meninos. Nossa, foi horrível no bairro, a repercussão foi muito ruim. E aí, meu namorado falou: "Se você me aparece com uma foto, nem que seja pra mim, eu acabo com a sua vida". Ele não gosta, porque ele me contou uma vez: "Eu trabalhava e uma garota do meu trabalho mandô foto do peito dela, aí eu mostrei a foto pra um colega de trabalho". *Se o meu namorado que parece sê mais conscientizinho, amostrô prum amigo dele, imagina os garotos que não tem mais consciência de nada, vão mostrá pra 300 mil pessoas.* As meninas são muito bobas em acreditá que vão mandá só pra um cara. Você também não sabe se vai tá com ele pra sempre. Aí ele pensa: "Não é mais minha, então vô postá a foto". (Janete, 16 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte, grifo meu)

Acho uma vergonhice [sobre o caso do envio de fotos da menina interagindo com o pepino]. Sempre achei ela uma sonsa, mas depois que eu vi isso. Acho que a culpa é da menina, porque não tem necessidade dela fazer isso. Mas pra que mandar? *Ela não sabe como tá o mundo hoje, que todo mudo espalha essas fotos? Ela acha que ele ia guardar só pra ele? Pode tê até gente que guarde, mas são raras pessoas.* Acho que sê menina é mais difícil, porque ela é mais rotulada. Se a menina for gorda: "Aquele dali é gorda, escrota", eu falo. Mas, sei lá, ainda bem que eu não sou gorda. Sempre critico, claro. (Maria Fernanda, 14, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo, grifo meu)

Nem sempre a exposição de imagens íntimas de meninas ocorre dentro do quadro do término de um relacionamento, o que seria uma retratação clássica da "pornografia de vingança". Contudo, mesmo quando ocorre a traição, não se opera apenas uma retaliação, mas algo mais amplo. Porque o que está em jogo não é um casal, mas uma rede. Além do que, na imagem da pornografia de vingança, há primeiro a relação de confiança e, depois, a quebra dela com a violência de gênero. No caso da pornografia de humilhação, a obtenção da foto supõe essa violência.

³⁴ Nessa narrativa, faz-se presente a categoria prática da "explanção". "Explanar" alguém é revelar um segredo dessa pessoa. No caso da pornografia de humilhação, a jovem é "explanada" por meio do "vazamento" de uma imagem sua. "Vazar" e "explanar" são categorias anteriormente expostas neste subcapítulo.

Aqui se apresenta a fragilidade desse modelo de masculinidade, que apenas concebe que o homem seja o agente da traição e não o ser traído. Enviar a foto que possuía é mostrar que detém poder sobre aquele corpo exposto. Durante as narrativas das jovens, a fala de alguns rapazes aparece em tom ameaçador: "Eu acabo com você, se..."; "Se você não me mandar uma foto sua...". Nesse quadro, a reputação feminina fica submissa aos desígnios dos rapazes por meio de práticas de coerção.

Acontece nessa situação a invasão de uma "propriedade primeira": o corpo. E, com isso, a violação da personalidade (SIMMEL, 2009, p. 228-229). A identidade da jovem, sua família, o local onde vive, tudo é aglutinado por uma dinâmica regulatória das performances de gênero. Impõe-se uma carga de vulgaridade e imoralidade ao ato da menina de fotografar-se de forma sensual e compartilhar essa imagem com alguém, sendo, após isso, submetida a um extenso processo de julgamento estético-moral pelos que a cercam.

A autenticidade do que está exposto, associada à usurpação de uma imagem da esfera do privado, são alicerces para a construção de um cenário de humilhação. Essa combinação torna a violação do segredo mais tentadora. Opera-se aqui um processo de humilhação e espetacularização distinto daquele presente em situações como as de lutas televisionadas (GINZBURG, 2011) ou das práticas consentidas incorporadas pela indústria da pornografia (DÍAZ BENÍTEZ, 2015). O que origina a pornografia de humilhação involuntária.

Neste caso, não há regozijo em presenciar um ato de violência física, mas uma prática de constrangimento simbólico. Não há a humilhação física do corpo a corpo da luta ou das práticas da indústria pornográfica, mas a simbólica. É como espiar pelo buraco da fechadura da casa do vizinho, um estranho conhecido. Você não faz parte do ato, mas a autenticidade o transporta para a cena. Um misto de pornografia amadora com violação da intimidade.

O ritual de estigmatização das protagonistas das imagens "explanadas" tem como força motriz a cruza de sua cotidianidade e do seu fator surpresa. Não há holofotes, cachê, nem roteiro. O que ocorre é uma imagem produzida na espontaneidade de uma relação íntima, que adquire indiscriminadamente um caráter público. Escapando da chave do consentimento, o que se espetaculariza aqui é o caráter submisso do feminino e a imposição de controle masculina.

Se menina fica com um garoto é piranha. Menino fica com faminha de pegador. Eu já tive muita faminha de piranha. Nesse grupinho que a gente tá, todo mundo já teve fama de piranha. Porque a gente ficamos com garotos, mas isso é normal, beijá na boca. E se você anda com uma pessoa que tem fama de piranha, você também é piranha. Fica com historinha. Igual eu, eu julgava sem sabê uma garota. [...] Ela andava toda empinada, com o shortinho aparecendo a bunda toda e com tipo um topzinho. Eu olhava, piranha e tal, aí ficava mexendo com ela. Até um dia que ela chegou pra mim, a gente começou a conversar, aí eu descobri que ela era piranha, porque ela deu pra rua toda. Ela começou a andar comigo, aí eu falei que eu não podia andar com ela porque ela tem faminha de piranha. Aí, eu parei de falar com ela. (Vanessa, 13 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

O depoimento exposto mostra como é frequente a propagação de fofocas positivas para os meninos, "faminha de pegador", e negativas para as meninas, "faminha de piranha". O que promove um conflito de interesses, uma vez que, ao mesmo tempo em que os meninos querem publicizar sua virilidade, as jovens precisam esconder seus desejos. Pois, para os rapazes, "a posse não alcança a importância devida se se limitar a possuir; além disso, precisa da consciência de que outros têm de menos aquilo que se possui" (SIMMEL, 2009, p. 237). Por meio do carisma do "pegador", nota-se que, ao mesmo tempo em que há essa valorização do masculino sobre o feminino, opera-se uma hierarquização dentro do grupo dos rapazes. Pois os meninos que não se enquadram nesse circuito dos desejos também são subalternizados.

Outro aspecto válido de ser ressaltado é a menina que Vanessa julgava "sem sabê" como "piranha", todavia, ao conhecê-la, soube que era um quadro de má fama "justificado", e cortou vínculos com a jovem para não ser "contagiada". A fama rompe com a necessidade de conhecer alguém pessoalmente, para saber algo sobre essa pessoa. Isso promove uma valorização da identidade social do indivíduo em detrimento de sua identidade pessoal. Percebe-se aqui como a má reputação ou infâmia, propagadas pela fofoca, atuam como promotoras de controle social, que impedem o indivíduo de gozar da liberdade que possuía quando anônimo, devido ao estigma pelo qual foi marcado (GOFFMAN, 1988).

Paula: *Aquelas meninas que você conversou, elas tudo manda também [fotos sensuais para os rapazes].*

Eu: *Você já recebeu?*

Paula: *Já. Porque os meninos pega tudo e manda pra gente. Aí a gente vê tudo. Elas tira foto pelada, aí manda pros menino. Elas vem pra escola mesmo é pra zuá. Porque elas fica tudo rodando aqui querendo ficá com os meninos. É disputa pra vê quem pega mais até o final do ano.*

Esther: *Pega um hoje, pega outro sábado, gente pra que isso? Porque não se reserva? Aí, pega fama, depois não pode namorá, que ninguém vai querê mais. Vamô dizê que eu sô homem, a mulher pegou geral. Vamô dizê, pegou quase quinhentas pessoas. Ela namora com um garoto, o cara é boi [o mesmo que corno], cara!*

Agatha: *E quando é homi? Homi você vai lá e pega todas as meninas aqui da escola, aí é pegador.*

Por que os rapazes mandam as imagens difamatórias para as outras moças, como no caso da Paula, aluna do colégio Mundo? Porque existe uma articulação entre e intragêneros na produção do carisma e do estigma no âmbito do comportamento sexual. Divulgar suas conquistas sexuais e desqualificar a conduta de outros jovens é uma forma dos rapazes aumentarem seu carisma, enquanto isso as meninas tentam extrair uma boa reputação ao se oporem ao comportamento de garotas maculadas.

Ademais, esses diálogos apresentam a sexualidade como uma área de extremo risco para as meninas e como os meninos se afastam da chance de serem maculados. O custo social para as jovens que possuem uma lista de relacionamentos mais extensa é o de serem estigmatizadas como inaptas para compromissos sérios, em razão de não se "reservarem". Visto que isso pode difamar a imagem dos rapazes como agentes dominantes, caso envolvam-se com garotas que são categorizadas como as que "ficam com qualquer um" e que, portanto, são "experientes demais" e podem, ocasionalmente, traí-los. A ação de colocar-se na espera, o "reservar-se", objetifica o corpo feminino, no momento em que o pensa como um produto que pode ser gasto de acordo com seu uso.

Para os rapazes, a perda social acontece quando eles "não dão conta" de uma menina. Essa situação é percebida quando o garoto é traído, mostrando que ele não foi bem sucedido em sua tentativa de tomar posse do corpo feminino, dado que, na lógica

que se opera aqui, é da ordem do masculino a manutenção da propriedade privada que, neste caso, traduz-se na figura da mulher. Diferente do caso das jovens, não se opera a culpa, mas a fragilidade, afastando os rapazes da esfera do viril. Então, a fofoca, que tanto os permite divulgar suas conquistas no território da sexualidade, deixa de ser uma aliada.

Homi não fica defamado. Pode comê quantas fô. Mas, uma coisa que homi fica é taxado de corno. Homi adora traí, mas morre de medo de sê corno. Mulhé corna não tem nada a ver, mas homi... Amigo gasta até. Pega mal mais pra homi isso. [...] Tipo assim, tá namorando aí, o homi traiu, a menina ainda vai continuá chorando, porque ama ele e ele não vai tá nem aí, vai tá cagando e andando. Ele vai fala pros amigos: "A hora que eu quisé voltá pra ela, eu vou estalar o dedo e ela vai voltá, porque ela é apaixonada por mim". A menina sofre mais. Mulhé além de sofrê por causa de cólica, sofre por causa de homi. Tudo cai na mulhé, homi não tem essas coisas. (Eliza, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Outra situação que pode promover fofocas negativas sobre os rapazes, colocando em dúvida sua masculinidade, é quando são identificados como "filinhos da mamãe", quando caseiros, ligando-os ao local por excelência do feminino, por não operarem com a eficácia prevista nos símbolos da rua. Isso está exemplificado pela ausência de hora para chegar em casa, liberdade para sair desacompanhado e acesso a áreas consideradas perigosas para as meninas.

Quase um ano depois do caso da "menina do pepino", Ricardo, de 16 anos, aluno do colégio Mundo, conta-me sobre o caso de outra jovem: "Faz pouco tempo teve outra menina explanada, é aluna da tarde. Ela tirô foto pelada e mandô pra um garoto que ela tava ficando e o garoto mandô pros amigo dele e, aí, colocaram na internet."

A circulação de boatos inicia-se, na maioria das vezes, sem que haja provas concretas se realmente alguma coisa "desviante" aconteceu. No caso dos "nudes", em geral, há a promoção da fofoca antes mesmo que a imagem seja "explanada". Mesmo que se prove a inexistência da imagem, ou que a pessoa na foto não seja a menina sobre a qual o boato era feito, é difícil recuperar sua fachada (GOFFMAN, 2011), em razão de que a dúvida sobre o caráter transgressor e de culpa das meninas é uma constante. Os

dois diálogos abaixo, de jovens da escola Mundo, destacam a ação do boato e da má fama:

Amanda: Essas menininha aqui, olha...

Joana: Olha, essas meninhas aqui, você tem que ver. Elas não vêm pra escola pra estudar, elas vêm pra fica atrás dos menino. Elas são tudo burra. Não pode vê um menininho, um bunitinho, olho verde, moreninho. Elas são pior do que a gente, burra velha.

Débora: Recebo muito pedido de menino, até pra tirar a virgindade eles pedem. Tem demais aquilo de: "Mando minha foto, manda a sua". Um cara me adicionou, eu tava conversando com ele, aí ele me mandou foto do pau dele durinho, aí eu excluí. Eu sou safada, mas a esse ponto não. Nunca mandei, nunca vou mandar porque isso é muito feio. Acaba com a coisa da menina.

Lívia: Aí, você mais pra frente vai querer ser alguma coisa na vida, aí complica o passado. Imagina quando chegar aos 16?

No colégio Mundo, durante um período, haviam suspeitas de práticas sexuais no banheiro. Sobre isso, a estudante Amanda, de 14 anos, diz: "Falaram que uma menina tava transando no banheiro. Teve uma época assim, que toda hora falavam que alguém tava fazendo e acontecendo no banheiro." Alguns afirmam terem presenciado flagrantes disso, mas é algo que permanece no plano dos boatos, porém, não deixa de estigmatizar as jovens suspeitas de terem praticado tais atos. A mácula não é tão grande quanto no caso da "explanação" de uma imagem, mas não deixa de ser eficaz em produzir má fama.

São diversos os estopins para fofocas que questionam a "pureza" das jovens, que perpassam desde suas roupas até à prática de relações sexuais. A aparência, principalmente no que diz respeito ao modo de vestir, é um ponto crucial na construção de pré-julgamentos e na corroboração de estigmas. Pode-se também observar um tipo de qualificação desviante, a "faminha de piranha", que abarca tanto a jovem que "ficou" com vários garotos e a que usa roupas curtas, quanto a que "deu pra rua toda", ou, como

alguns jovens dizem: "perde a calcinha". Nesse âmbito, o sexo aparece como agonístico, enquanto os rapazes ganham, as meninas "perdem"³⁵.

Em um mesmo conceito de classificação, a exemplo da "faminha de piranha", há uma pluralidade de variáveis. O que apresenta os desvios, regras e rótulos como parâmetros definidos por meio de disputas, nas quais certos grupos conseguem legitimar sua perspectiva em detrimento de outras. Dentro dessas disputas classificatórias, por exemplo, entre um grupo de jovens que gosta de publicar fotos de biquíni no *Facebook*, isso não será visto como um promotor da "faminha de piranha". Para outras meninas, que não se sentem confortáveis com isso, essas imagens se apresentarão como práticas desviantes, ou seja, passíveis de rótulo negativo.

³⁵ "Perder", um termo usado por muitos jovens do colégio Mundo, significa mostrar-se sexualmente receptivo a alguém. Uma jovem define da seguinte forma: "Perdê pra um homi é você tá falando com um homi gostoso e você dá confiança".

CORPOS EM GRIFE: EXIBINDO PELES E LOGOS

As ostentações

Ao acompanhar o mural de notícias do *Facebook* dos alunos do colégio Mundo, fui apresentada às publicações e outras interações dos estudantes nesta rede. Deparei-me, então, com os mais variados tipos de imagem com mesclas de simbologias de violência, consumo, infância, sexo e religião.

Um garoto que aparenta ter 12 anos publicou uma montagem com duas fotos suas de corpo inteiro. Em uma delas, ele está enrolado em uma toalha, na outra, vestido apenas com uma cueca. Seu corpo ainda infantil contrasta com a proposta da imagem, que segue acompanhada de um coração e do seguinte texto: "Rei delas".

Logo após, defronto-me com a "selfie" de uma jovem que enquadrou na imagem seu rosto e seios, cobertos apenas por um sutiã. Em outra foto, duas meninas que parecem irmãs, ambas de pouca idade, posam em frente a um espelho com as blusas levantadas próximo à altura dos seios. Ao fundo, vê-se o espaço designado a uma janela coberto apenas por um pedaço de pano.

Na foto do caderno de um garoto aparece o desenho de uma pistola. Um rapaz divulga a imagem de uma garota que veste apenas uma lingerie e pergunta quem gostaria de receber um vídeo dela. Cercado por casas simples, de parede de reboco sem tinta, um garoto fazendo gestos da paz com as duas mãos, exhibe-se em um figurino completo da marca internacional *Hollister*, uma das preferidas dos rapazes locais.

Em outra imagem, um menino, ornado com um piercing no nariz e na orelha e um colar de crucifixo, encara a lente da câmera ao mesmo tempo que está com uma das mãos colocadas dentro de sua cueca samba canção. O mesmo apareceu em outra foto, no banheiro de sua casa, com uma das mãos sob sua cueca box. Essa pose é comum entre os meninos.

Uma jovem, que aparenta pela face ter cerca de 13 anos, entretanto, com coxas e seios voluptuosos, posa em frente a um galpão usando um short curto e um top. Três garotas fotografam-se em casa com esse mesmo modelo de roupa, acrescido de piercings no umbigo e o celular ocupando um espaço entre o short e a pele. Deitada em sua cama, uma menina se posiciona de forma sensual, enquanto está abraçada com três bonecas de pano de cabelo rosa.

Usando um top e um short, uma adolescente com cabelos longos, alisados e tingidos de loiro e um piercing no umbigo, avisa na legenda de sua foto, com 29 comentários e 155 "curtidas": "Antes de mi criticar, tente mi superar". Dois irmãos com roupas de grife, que fazem com as mãos gestos que simulam uma arma, sentam-se sobre uma *scooter* vermelha. A imagem possui a seguinte legenda: "Iae novinha, tu quer da um role de trem bala..." Um rapaz comenta: "Ai, ai, ai... so da divo". O que irrita o garoto que publicou a foto.

Nas diversas imagens que recém descrevi, resultado de uma observação do *Facebook* dos alunos da escola Mundo, há ambiguidades peculiares. O universo infantil encontra-se com o adulto em dicotomias como face-corpo, corpo-roupa, corpo-objetos. Imagens, a um só tempo, de luxo e precariedade, nas quais jovens ostentam bens de consumo de alto custo, em contraste com o contexto que os cerca. Acrescenta-se a esses contrastes a noção de sagrado e profano, na qual símbolos e frases religiosas acompanham fotos sensuais.

Nas imagens que circulam no *Facebook* dos alunos, tanto dos jovens do colégio Mundo quanto do Ponte, há notadamente um investimento no corpo de ambos os gêneros, por meio de uma estética do excesso. A construção de certos tipos físicos nesses meios sociais evidencia o investimento dos meninos na exibição de um peitoral definido, fotografando-se sem camisa e, às vezes, apenas de cueca ou com parte dela em destaque, com a câmera em uma posição superior ao corpo, para que se construa uma ideia de prolongamento.

No caso das meninas, a região dos seios, coxas e nádegas é destacada por roupas que tornam o corpo protagonista, por meio de decotes, fendas, comprimentos curtos e tecidos colados ao corpo. Suas modalidades de fotografias são diversas, alguns exemplos são: com short curto e top, geralmente em uma pose que destaca as nádegas ou de sutiã e de biquíni, valorizando os seios. Há diversas imagens que, assim como as dos meninos, são feitas posicionando a câmera acima do corpo, porém, nesse caso, para dar ênfase ao volume dos seios e, geralmente, é complementada por braços comprimindo-os.

Há uma diferença marcante entre as jovens das duas escolas, inexistente no caso dos meninos. Quanto às roupas, apesar de as meninas não terem um vínculo forte com a exibição de marcas em fotos ou no dia a dia, o estilo das peças, mesmo mostrando tanto corpo quanto a das jovens do colégio Mundo, no caso do Ponte, segue uma estética mais cosmopolita, pautada pelo estilo das blogueiras de moda que

acompanham no *Instagram* e no *Snapchat*. No que diz respeito às jovens da escola Mundo, essa aparência está diretamente atravessada pela estética utilizada no universo da música *funk*. No baile, a roupa da mulher tem como objetivo ser uma "extensão do corpo, como uma segunda pele, tendo como função principal destacar esse corpo esculpido de forma padronizada" (MIZRAHI, 2006, p. 23). Outras influências são cantoras, a exemplo da Anitta, e atrizes de novelas.

Ao passo que as meninas têm um investimento intenso na estética e na exibição do corpo, os meninos equilibram-se entre o capital do corpo e a ostentação de bens, que se apresentam na forma de roupas de marcas famosas, como *Lacoste*, *Hollister*, *Nike* e *Adidas* - chancelados pelos logos exibidos em destaque nas peças -, usualmente na forma de cópias, e a exibição de carros e motos, que geralmente são emprestados. Enquanto as moças estão focadas em apresentar um "corpão", os garotos de ambas as escolas têm uma relação direta com estilos internacionais (MIZRAHI, 2006, p. 140).

Grande parte dos jovens de ambas as instituições fazem uso do que chamam de estilo *swag*³⁶, por meio da utilização de peças com modelagem semelhante aos uniformes de jogadores de basquete, com calças e blusas largas. Os tipos de roupa que compõem esse modo de vestir aparecem nas fotos que os garotos compartilham em seus perfis no *Facebook*. Nessas imagens figuram *rappers* americanos, como Jay Z, o ícone desse estilo e outras referências, como Mc Guime e Justin Bieber. Esses últimos são representantes da conexão entre roupas de grife e imagens sexualizadas, pois, com frequência, são retratados apenas de calça ou bermuda larga com parte da cueca à mostra, destacando a marca a qual as peças pertencem, ao mesmo tempo em que promovem a sensualidade pelo destaque do abdômen definido. Associado ao estilo *swag* está o *nigga*³⁷, com o uso de touca, correntes, boné de aba reta e camisa de futebol americano. Esse estilo é usado por cantores negros norte-americanos, como Pharrel Williams e Kanye West.

As blogueiras, os cantores e as atrizes promovem "técnicas de assujeitamento" (RAMOS, 2011), ao induzirem certas formas de estar no mundo vinculadas tanto ao gênero quanto à cor. No consumo dos referenciais estéticos produzidos por esses influenciadores "temos, a um só tempo, a submissão a um modelo de corpo e a uma agência que é produtiva de corpos e performances que, por sua vez, são eficazes na

³⁶ "Swag" é uma gíria norte-americana que significa estilo ou atitude. Porém, no Brasil, é entendida também como um modo de se vestir.

³⁷ "Nigga" é uma gíria comum nos EUA, que significa negro. Pode ter conotação negativa quando entendida como racismo.

ocupação de determinadas posições no mercado amoroso/sexual..." (RAMOS, 2011, p. 29).

Há uma tríade dos capitais mais importantes nas escolas que analiso: o corporal, o estético e o de estilo. O capital corporal, no caso dos rapazes, é ligado ao corpo definido e, no que se refere às meninas, em um corpo voluptuoso. O capital estético coloca em jogo o cuidado com o cabelo³⁸, os dentes e a pele, principalmente facial. O cuidado com o cabelo é notado tanto nas meninas quanto nos meninos. O capital de estilo está ligado às roupas e adereços que, nesse caso, recebem mais destaque dos meninos, que ostentam logotipos de grifes estrangeiras.

As fotografias, nas quais os jovens exibem seus capitais, operam como suportes em áreas de insegurança, respaldando-os (SONTANG, 2004, p. 19). As imagens materializam suas experiências e bens de consumo – viagens, *smartphones*, roupas de marca, corpos definidos – formando muros ou pontes (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1990, p. 26), de acordo com a forma como elas se aproximam ou se afastam do que os outros jovens apresentam.

Para os rapazes, as tendências de moda são mais restritivas, fazendo as vezes de uniformes, mostrando-se impressas no corte de cabelo padrão e em um determinado modelo de calça, blusa e sapato. Enquanto as meninas, em geral, se atêm à compra de roupas de marcas locais e a cortes de cabelo convencionais, com exceção de certas jovens do colégio Ponte e raras do Mundo, com estilo mais cosmopolita. Contudo, ambos representam estéticas de gênero vigentes na mídia de massa, as meninas, com a valorização do corpo, os rapazes atravessados pelo imaginário do *funk* ostentação.

Apesar de algumas meninas sentirem que apenas elas sofrem pressão sobre a aparência na escola, os rapazes também são repreendidos por não seguirem determinados padrões estéticos. Isso se dá pelo fato de as meninas, quando destoam, sofrerem *bullying* entre e intragênero; enquanto os rapazes tendem a serem zombados majoritariamente pelos garotos.

Apesar de a perda social dos meninos se mostrar menor que a das meninas, o que muitas vezes mascara suas disputas por pertencimento naquele plano social, eles também são estigmatizados. Diversos marcadores atravessam a batalha de ambos por reconhecimento. Todos esses capitais demandam poderio econômico, que se mostra escasso ou abundante, de acordo com o grau de investimento que os jovens destinam a essa tríade.

³⁸ Para reflexões sobre a questão do cabelo, ver Mizrahi (2006).

Como mencionado durante a descrição de imagens de perfis no *Facebook* de jovens do colégio Mundo, certos meninos flertam com uma estética marginal, por meio da exaltação às armas – associadas à sensação de poder – e a ostentação de bens de consumo que indicam poderio econômico, como moto, relógio e cordões de ouro, por fazer sucesso com algumas garotas. Porém, há o temor de serem abordados pela polícia ou estigmatizados. Há outros rapazes, contudo, que preferem reduzir os itens de marca que utilizam para escaparem desses problemas.

Para as meninas, a grande perda social que se arriscam a adquirir é o estigma de "puta". Os rapazes são onerados quando em risco de serem confundidos com bandidos ou traficantes, devido a ostentação de produtos de alto valor. Outra área de vulnerabilidade para os meninos são as situações em que não apresentam ostensivamente uma potência sexual, podendo receber a denominação de "viado" ou "boi" e, em casos em que são considerados excessivamente "afeminados", sendo taxados de "divos".

O capital corporal

Porque se você [menina] não tiver um padrão certo do que eles [meninos] querem ver, eles te zoam até o final do ano ou até você sair da escola. Porque menino não tem muito o que se preocupar, né? Menino, quando tá crescendo, não se preocupa se tem que ter um corpo ou tem que ter não sei o quê. Tá lá. Mas, se você não tiver o corpo padrão que eles querem, eles te zoam até. Eu passei muito por isso, porque eu era muito gorda. Então, eu posso falar à vontade. O bonito é pernã, bundão, peitão, cabelão, tipo gostosa. Se você é muito gordinha ou magrela demais aí, muitas pessoas vão te zoar. (Vânia, 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Igual esses meninos. Eles falam assim: "Você tem corpo agora. Seu corpo é durinho, você tem mais é que se mostra. Depois vai cá e ninguém vai querê." Aí, eu falei: "Eu não acho isso". Eu gosto da pessoa independente do que ela é. Gorda, magra, estranha, caolha, corcunda, alejado. Pô! Mas é mentira? É pura verdade. (Olívia, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Nas duas falas acima, o investimento no corpo aparece como um ponto central para as jovens, caso anseiem fazer parte do mercado de desejos das relações sexuais ou, simplesmente, escapar de práticas de *bullying*. Destaco aqui o conceito de "ter corpo", visto que não diz respeito exclusivamente aos desígnios da anatomia, mas a possuir um determinado tipo de corpo preenchido de significados. Algo que se aproxima mais do fisiculturismo do que do desenvolvimento biológico dos adolescentes, apesar de algumas meninas e meninos se sentirem beneficiados geneticamente por possuírem "corpo" sem a necessidade de intervenções externas.

Certas jovens acreditam que apenas elas se preocupam com o corpo, porém, os meninos também são coagidos a seguirem determinados padrões, ao menos o de terem uma certa estatura e serem magros, sendo preferencial o corpo definido. No caso dos rapazes, em geral, há um esforço extra, visto que o tão cobiçado abdômen definido requer exercícios físicos. Diante dessa disputa por um capital corporal, meninos e meninas, muitos com rostos de traços infantis, investem na construção de um corpo adulto adornado por poses sensuais.

Os rapazes que não são magros e não têm o corpo definido por exercícios, em geral, possuem baixa popularidade no *Facebook* e na escola. Por isso, o abdômen tanquinho para os rapazes "é o principal investimento das técnicas de produção do corpo e das imagens de corpo presentes" (RAMOS, 2011, p. 27). Os jovens impopulares publicam fotos de si mesmos de forma mais esporádica e recebem poucas "curtidas" e comentários. Diferente dos populares, que atualizam seu perfil com imagens numa frequência quase diária, ganhando, em média, de 100 a 300 "curtidas" por foto.

Um garoto fora do eixo da popularidade, por estar distante da imagem de um corpo considerada ideal, clama por atenção em vários de seus "posts". Em um deles escreve seu número de celular e o seguinte texto: "Whatsapp Alguem? Sou Legal". Alguns jovens fazem *bullying* ao comentarem: "Sapão tu e feio d+ kkkk", "Muito chato".

Assim como acontece com os meninos de abdômen definido, um forte promotor do engajamento nas publicações das meninas é a exposição de um corpo coerente ao contexto do mercado de desejos desses jovens. Como muitas me disseram: "Quanto mais corpo, mais curtida". A expressão "mais corpo" faz referência tanto ao "corpão", quanto à quantidade de pele que é exibida. O que significa que quanto menor a modelagem da roupa da menina ou quanto menos peças de roupa ela porta, mais ela

chama a atenção. Unir a ausência de roupa com o "corpão" é a fórmula do sucesso para as "curtidas".

Algumas meninas utilizam-se de certas técnicas e ângulos para aparentar "mais corpo" em suas fotos, adequando-se a um padrão mais desejado nesse cenário. Louise, de 13 anos, estudante do colégio Mundo, conta-me: "Essas meninas que não tem peito, aperta os peito e tira aquela selfie e nem bunda tem. Aí, na hora quando a gente vê pessoalmente, nada disso é verdade." Práticas desse tipo também são manipuladas pelos rapazes, que utilizam ângulos que alongam seus corpos e poses que valorizam o órgão genital.

O capital estético

Cabelo, batom, tudo as pessoas julgam. Cabelo é a peça-chave pra você chegar. Você não pode chegar aqui com um coque. Você tem que chegar aqui com o cabelo grande, bonito, feito a prancha. Se você chegar aqui com um cabelo duro, com uma xuxinha, todos os meninos vão te zoar: "Cara, olha o cabelo dela. Olha! Tem dinheiro pra comprar produto pro cabelo não?" Aí, eles já zoam. Hoje foi o motivo na sala, a zoação do cabelo da menina. Minha colega estava sentada lá trás, eu estava sentada do lado [da menina]. Aí, ela: "Eu vou perguntar se ela não tem dinheiro". Aí, eu: "Não, você não vai fazer isso. Porque se eu me colocar no lugar dela, eu também não ia gostar." Porque também, às vezes, não tem uma condição boa pra fazer isso [tratamento] no cabelo. (Renata, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Ser muito magra, muito gorda, muito alta, muito baixa, muito tudo as pessoas zoam. Tem uma garota que é magra pra cacete, não tem o rosto bonito, mas o cabelo é lindo. Aí, ela acaba ficando bonita. (Núbia, 15 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

O protagonismo do cabelo na estética das meninas é nítido nos depoimentos acima. É interessante analisar o comentário sobre como a beleza dos cabelos supera até o protagonismo do "corpão", fazendo com que a menina seja considerada bonita mesmo sem incorporar outros elementos de atração para o padrão local. No colégio Ponte, o

cabelo também se faz presente, sendo o liso, seja de tom claro ou escuro, o mais comum e desejado.

Deixar "natural" ou alisar? Fazer ou não hidratação? Fazer um penteado? Fazer luzes? Tingir? Prender ou deixar solto? Curto ou longo? Essas são algumas das questões que as meninas fazem sobre seus cabelos ao tentarem adequar o que desejam com o gosto predominante no local. O imaginário do cabelo ideal está associado aos tons claros e lisos naturais, o que é raro no âmbito das duas escolas. São poucas as jovens que conseguem assumir seus cabelos escuros e crespos. As que são bem sucedidas nessa empreitada, tornam-se referência de estilo para outras meninas. As que não são exitosas na empreitada dos lisos ou crespos são submetidas ao *bullying*.

Assumir os cabelos "naturais" é assumir também a identidade negra, um movimento que tem se popularizado entre autoras de blogs de estilo contemporâneos. Muitas delas têm sua transição capilar como uma das pautas de seus sites. Certas estudantes, inspiradas nesse movimento, atuam como embaixadoras dos cabelos crespos, principalmente com o corte *black power*, publicando mensagens em seus perfis do *Facebook*, como por exemplo: "Seu cabelo Crespo não precisa ter cachos perfeitos"; "Você não é obrigado a achar bonito, mas existe uma coisa chamada respeito". Além do que, divulgam fotos e vídeos que combatem estereótipos de gênero. Esse engajamento se dá tanto no colégio Mundo, em menor escala, quanto no Ponte. Nessa última, esse movimento está mais consolidado, por meio da frente negra do grêmio. Iniciativas tanto dos professores quanto dos próprios alunos preenchem o colégio com cartazes com frases contra o preconceito.

Em um primeiro momento, não havia notado a importância do cabelo para os meninos, dado que esse assunto se fazia tão presente na pauta das garotas. Contudo, ao longo da pesquisa, notei que, em sua maioria, eles seguiam um padrão de corte de cabelo semelhante.

Os menorzin são debochados

São pronto pra loucura

Anda todo de Cyclone

Com a Glock na cintura

O corte de bandido

Cabelo disfarçado

Com o cordão de ouro

"Disfarce", com as laterais e a nuca aparadas e o topo da cabeça com fios mais longos, assim se chama o estilo de cabelo usado pela maioria dos rapazes de ambas as escolas. Há variações nas quais a área intermediária entre o curto e o comprido tem uma divisão mais marcada. Esses cortes, uma releitura de cabelos usados por militares dos EUA em meados do século XIX, popularizaram-se, novamente, ao serem incorporados por modelos e artistas contemporâneos.

O "disfarce" se faz presente também no contexto do *funk*, inclusive, figurando em letra de música, sendo chamado de "corte de bandido". Junto ao corte, a letra constrói um imaginário que envolve a marca de roupas *Cyclone*, ter uma arma na cintura – a *Glok* –, um cordão de ouro e um cigarro de maconha. Nenhum dos jovens que entrevistei soube me dizer a origem exata do nome "disfarce". Alguns creem ser pelo fato de haver um *degradé* entre a parte curta e longa dos fios, o que disfarçaria essa divisão.

Os que escapam do "disfarce" optam por cabelos compridos, a exemplo do estilo surfista californiano e do *black power*. A preocupação dos meninos com o cabelo envolve menos questionamentos do que no caso das meninas, visto que, em última instância, quando insatisfeitos com o tipo de cabelo que possuem, podem deixá-lo rente à cabeça. O *bullying* que os rapazes sofrem quanto a isso, apesar de raro, está associado a certos tipos de cabelo mais longos ou a tingimentos que podem se vincular a uma estética do feminino.

[...]

Eu pergunto se aqui na Penha tem muito rapaz bonitin
Tá ligado, muito bonitin é sacanagem
E essa música é pra aqueles caras que fica se depilando
Se olhando no espelho
Se paquerando
Paquerando ele mesmo
Paquerando ele próprio
Quer dizer cansou dele
Vai começar paquerar os outros
Aí que é chato

³⁹ *Corte do bandido, cabelo disfarçado*, composição de MC Juninho da 10.

Os bonitin tão virando viadin
Eles todin
Os bonitin tão virando viadin
Ainda bem que eu sou estranho
Muita frescurada pra um homem só
E essa é pra eles
Pros bonitin...⁴⁰

O capital estético para os meninos apresenta-se como uma zona de conflitos. A dúvida sobre a heterossexualidade dos rapazes "bonitin", ligada à depilação, é uma temática popular em diversas letras de *funk*, que pouco variam da apresentada aqui. Há uma linha tênue entre o que representa cuidados básicos de higiene e estética com aquilo que se considera exagero, o que significaria um flerte com zonas de feminilidade. Uma grande marca disso são as sobrancelhas. A depilação como uma área de risco da masculinidade aparece similarmente no contexto dos leitores da revista *Men's Health* (RAMOS, 2011, p. 29-31).

Possuir "monocelhas" abre campo para que o jovem sofra *bullying*, o que, muitas vezes, faz com que ele retire os pelos que considera excessivos. Todavia, se ao fazer a limpeza, modificar o formato do arco da sobrancelha, excedendo, então, o que seria considerado uma interferência simples e transformando em uma estética mais apurada, ele será "zoad" pelos colegas por operar dentro de sistemas pertinentes apenas às meninas, o que seria um demérito para ele. No colégio Mundo, os jovens preocupados com cuidados estéticos são colocados na categoria "divo", o que é entendido como um sinônimo de "gay".

Breno, um aluno da escola Mundo, – de pele morena, cabelos tingidos de loiro e os olhos verdes, além de um corpo definido – vangloria-se ao publicar uma frase acompanhada da imagem de mãos aplaudindo com o seguinte texto: "Sou um loirinho dos olhos claro". Breno é o que os jovens chamam de "divo". Uma classificação percebida por muitos como pejorativa, posto que simboliza alguém que gosta de chamar a atenção para si e tende a aproximar os rapazes de uma performance próxima do universo feminino, devido à vaidade. Um outro garoto divulga um comentário sobre isso: "Divo é o caralho, eu sou cafa".

Muitos estudantes do colégio Ponte moram em bairros nobres da cidade e viajam tanto dentro do Brasil quanto para o exterior, com relativa frequência, e têm pais

⁴⁰ *Os bonitin tão virando viadin*, composição de Gorila e Preto.

com certo capital intelectual. Essa tríade facilita que suas imagens no *Facebook* apresentem uma estética que busca se aproximar daquela presente em editoriais de moda.

A escolha das roupas, das locações, dos filtros, facilita que essas imagens se assemelhem com aquelas presentes em sites de inspiração, como *Tumblr* e *Pinterest*. Além do que, alguns desses jovens estão inseridos em um padrão de beleza hegemônico. Isso permite que eles não sejam apenas populares em seus círculos de conhecidos, mas também entre outras pessoas na internet, tornando-se "famosinhos" ou "famosinhas", como dizem os jovens.

Ao entrevistar os alunos da escola Ponte, houve praticamente uma unanimidade na escolha de um "famosinho". As edições das imagens, as fotos na praia, os diversos amigos, a exposição do abdômen definido e o cabelo "disfarçado", todos esses atributos unidos tornavam-no popular entre seus 4.986 "amigos" do *Facebook*.

Para compensar a falta de capital estético, certos meninos ficam com garotas mais novas que têm fetiche por "caras mais velhos", acreditando que ficar com esses garotos pode aumentar sua popularidade. Tamara, de 14 anos, estudante do Mundo, conta-me: "Quando eu namorava com aquele Robson, uma piranha do bairro, Cláudia, tava mandando fotinha pra ele e uma tal de Adriana. Robson é feio, mas as novinha perde pra ele." O relacionamento de meninas com rapazes um pouco mais velhos é comum no colégio Ponte.

O capital de estilo

Tem gente que pergunta: "O seu [tênis] é de marca?" Igual chegaram pra mim. Eu não ligo pra esse negócio de marca, minha mãe que compra. Aí, foram, pegaram meu tênis e desamarraram pra ver se era original. Aí, falaram: "Ah, o seu é original!" Aí, eu falei: "E daí, cara? Eu não ligo pra esse negócio de original não. O importante é eu estar com um tênis." Foi um garoto do 1º ano (do Ensino Médio) que desamarrou, eu não conhecia ele não. Porque o tênis dele era igual ao meu, aí pra ver se o meu era original ou não. Uma vez eu vim com uma camisa e o garoto veio com uma igual a minha. Aí, ele disse: "Cê compro aonde?" Aí, eu: "Na loja". Ele: "Que loja?" Eu: "Ué, na loja que vende a camisa". Ele: "Né falsa não?" Eu: "Pô, mano, é rôpa". (Mário, 13 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Às vezes, eles [os meninos] ficam parecendo vitrine, né? Porque eles tão usando as roupas da loja como se fosse garoto propaganda. A gente tá tipo que vivendo uma propaganda. Acho fútil demais. Os meninos, eles querem sempre ser melhor do que o outro. Então, ele qué tá usando um boné mais bonito que o outro. Não sei se é pra chamar a atenção das meninas. Acho que a menina tem bem mais isso, que qué chama a atenção dos meninos. Às vezes, os meninos não tão nem ligando pras meninas, eles só querem usar uma roupa bonita. As meninas não, as meninas querem chamar a atenção dos meninos e chamar a atenção das meninas pra inveja. (Rebeca, 18 anos, 3º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Apesar do afã de alguns rapazes com o uso de roupas e calçados que ostentam logos famosas, nesse cenário dos estudantes do colégio Mundo, há jovens que temem sair de casa exaltando-se. Dentro do quadro social em que os estudantes se encontram, são, em geral, os traficantes que detêm maior poderio econômico e, portanto, a possibilidade de arcar com esse tipo de gasto. Outra questão, é que podem virar iminentes alvos de roubos. Há, por esse motivo, um exercício de "limpeza simbólica" (SILVA; LEITE, 2007, p. 574) praticado conscientemente por alguns jovens, a partir de uma fuga de imagens vinculadas a esse universo de marginalidade.

Na região dos estudantes da escola Mundo, o "corte disfarçado", associado à ostentação de bens de alto valor, pode criar uma situação de risco para os rapazes, pela hipótese de serem confundidos com bandidos ou traficantes. Baseados nisso, os garotos abrem mão de certas vontades – como o caso de ostentar roupas de grife e outros produtos caros – para atender aos "valores grupais" (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1990, p. 52) no qual estão submetidos.

Leonardo, de 16 anos, conta: "A pessoa que ostenta demais pode ser assaltada mais fácil, porque fica marcada". Enquanto Joaquim, de 12 anos, responde-me, ao perguntá-lo se roupa de marca faz sucesso: "Mais ou menos. Depende de quem usa ela, né? Porque tem esses bandidinho aí que usa essas ropa, né?" Outro exemplo mais elucidativo foi apresentado por Thomas:

Se eu boto um tênis da Adidas, é o máximo que eu uso. Não gosto de andar todo de marca. Porque, às vezes, a pessoa olha e pensa: "Roupa de marca. Pode ser um bandido, traficante." Pessoal pensa logo que tem dinheiro, essas coisas. Só uso uma peça de marca. [...] Meu primo

gostava de andar por aqui de roupa de marca, teve uma vez que ele tava andando normal, eu, ele e mais um amigo dele, aí, ele foi parado por um policial que achava que ele era bandido. Pararam ele, bateram o documento dele, viram que não tinha nada, aí, liberaram ele. Viram roupa de marca, acharam que era envolvimento com o tráfico. (Thomas, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Por meio dessas falas, é possível notar como os bens posicionais não podem ser entendidos fora de um quadro relacional. Pois um mesmo produto tem status variante de acordo com o contexto que se enquadra. O que funciona como produtor de uma distinção positiva em uma determinada conjuntura, pode ser o oposto em outro ou ter valor neutro (BOURDIEU, 2007, p. 447). As vestimentas e outros produtos consumidos pelos alunos são expressivos, eles sempre comunicam algo.

O exercício dos estudantes de se afastarem do que classificam como "coisa de favelado" está expresso em frases publicadas no *Facebook*, a exemplo: "Pessoas que não gostam de funk. Simplesmente são perfeitas." Outra situação desse tipo ocorreu no dia da aplicação da prova da Olimpíada de Matemática de 2015 no colégio Mundo, os alunos estavam agitados circulando próximos às salas de aula. Para responder a isso, o vigia do corredor grita: "Estão achando que isso aqui é favela?"

Tem menina que vê homi e se fô gordo diz: "Não quero pegá". Mas, às vezes, vai por causa de moto, de dinheiro. Tem mulhé hoje em dia, ainda mais se tivé corpão, que vai pegá homi que tem dinheiro e não homi assim magrinho, que não coisa. E hoje em dia, é muito difícil você ver um menino sem moto. O menino pode sê feio, mas vai tê aquela mulhé bonita na garupa. Porque a mulhé vai tá interessada na moto e no dinheiro dele, não por causa dele. Um cara com roupa de marca, relógio bacana chama a atenção e chama muita. O que eu mais vejo na rua é menino de cabelo disfarçado, aquelas calças swag, tênis e relógio. Bunitinho e magrinho, eu já: "Ih!" Entendeu? Mas, isso sou eu sozinha, porque perto do meu namorado eu não faço essas coisas não. (Eliza, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

O garoto tem tá bem vestido, o cabelo, o efeito [o filtro usado na foto]. Quando postam uma foto mais assim ralezinha, sem efeito, sem nada, ninguém nem curte, nem comenta. Agora, posta uma foto com efeito,

bem vestido, dependendo do lugar também. O lugar influencia muito também, as pessoas se interessa se tá bebendo em algum lugar, se tá num museu ou na estreia de um filme. Um cara definido também, todo mundo fala: "Nossa, você viu aquele boy?" As pessoas tiram print, mostram. (Luna, 19 anos, 3º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Apesar das situações problemáticas que bens de consumo sabidamente caros podem gerar, quando estrategicamente utilizados, são eficazes na promoção de interesse das garotas por meninos que não são beneficiados pelo capital estético. Há um objeto que é item de desejo comum dos jovens de ambas as instituições: o *smartphone*. Os lançamentos, principalmente da marca *Apple*, são os mais cobiçados.

Roupas de grife, corte de cabelo da moda, celular, moto e relógio são investimentos no mercado dos desejos, que aumentam o ativo dos rapazes, por ajudarem no processo da conquista. No que diz respeito às moças, que possuem de antemão um convite ao sexo, essa necessidade de investimento não se faz urgente. O que está mais nítido são esforços para sair da esfera do *bullying*, por meio da incorporação de certo padrão de corpo, estilo e estética.

[...]

Swag é o caralho

Eu sou chave

Meu bonde é chique

Tira essa porra da toca da Obey

Coloca um bonezão da Quik

Tu joga pra trás do jeito elegante

Elas vão passar mal

Faz pose pra selfie

Que é sem risadinha

Com cara de mal...⁴¹

Da mesma forma que na trecho acima e em outros apresentados aqui, o *funk* apropria-se do cotidiano dos jovens para produzir letras que englobam desde a maneira de se vestir, de cuidar do corpo até a de fotografar-se, seja criticando determinados comportamentos ou reforçando-os. Enquanto os rapazes utilizam roupas mais largas, no estilo que eles identificam como *swag* ou *nigga*, as garotas têm como foco peças que

⁴¹ *Chavão*, composição de Mc Mazza.

ressaltem seus corpos, modelando-os (LEITÃO, 2007, p. 255). No colégio Mundo, os meninos devem usar calça jeans na escola, fugindo momentaneamente do estilo de roupas mais largas, muitos garotos incorporam a calça *skinny* ao guarda-roupa, peça comum do vestuário feminino, em razão de ser rente ao corpo, privilegiando as curvas. Nos pés, *Vans*, *Adidas*, *Nike* e as populares botas de montanhismo da *West Coast*.

Para as meninas do colégio Ponte, *Snapchat* e *Instagram* são plataformas que propiciam acompanhar as tendências apresentadas por blogueiras de moda, trazendo a elas inspiração para se vestirem num registro cosmopolita. Alguns jovens conseguem incorporar padrões estéticos internacionais de forma eficaz e se tornam populares em espaços para além das redes de contato que possuem no cotidiano. Suas roupas, o cabelo, o corpo, as edições, locações e enquadramentos das fotos e a maquiagem, no caso das meninas, destacam-se entre os outros adolescentes nas redes sociais.

CORPOS EM CENA: JUVENTUDE EM IMAGENS

O protagonismo da face

Alguns jovens, em suas práticas de envio de imagens de nudez, utilizam-se de uma eficaz estratégia de proteção: a ausência da face no enquadramento da foto. Registrar apenas o órgão sexual e junto a ele, no máximo, o abdômen, é uma atitude comum entre os rapazes, para preservarem sua identidade. Quanto às meninas, essa prática mostra-se rara, apesar de serem justamente elas que mais sofrem perdas sociais perante a exposição de sua nudez e sexualidade.

A pornografia de humilhação requer que a pessoa exposta na imagem seja facilmente reconhecida, por isso a presença do rosto no enquadramento torna-se um propulsor das práticas vexatórias. Ao encarar a face presente na imagem, emanam perguntas contextualizadoras. Ela está em que série na escola? Frequenta uma igreja? É filha de quem? Essas indagações pairaram entre os colegas da jovem maculada na escola Mundo.

O ponto central é compreender que as legendas, os filtros, a posição do corpo em relação à câmera, o local da foto, a roupa utilizada ou a ausência da mesma, a plataforma na qual a imagem é publicada, esses e outros fatores reunidos estão presentes comunicando algo e, sendo assim, são provas de que as "imagens têm autoria, tempo e agência" (SCHWARCZ, 2014, p. 394). As contextualizações e descontextualizações dos "nudes" estão diretamente ligadas aos locais em que são expostos e as audiências que têm acesso a eles. Portanto, no âmbito da digitalização, há uma "convergência de diferentes agências" (RAMOS, 2015a) operando sobre as imagens que circulam na internet.

O que se apresenta, no caso da maioria das jovens, é um rosto que complementa o caráter erótico da imagem. Não só a genital, as coxas, as nádegas, os seios e a postura corporal ditam o teor do que se expõe, pois é na face que culmina a expressão do sentimento. É um dos dedos da mão inserido de maneira estratégica na boca, é a maneira com que o olhar se posiciona frente à câmera e o penteado do cabelo que completa a ornamentação.

Para os rapazes, o órgão sexual, enquanto dentro de certos padrões de tamanho e espessura, basta-se. Pois é nesse aspecto que reside sua potência. O que pode vir a complementá-lo é um abdômen definido, mas que não possui o mesmo frisson, visto

que os rapazes, costumeiramente, exibem-no quando sem camisa em locais públicos ou em fotos no *Facebook*.

Como me informa uma aluna do colégio Mundo: "Meninos são espertos, eles mandam daqui pra baixo [apontando para o abdômen]. Pra menino não tem nada a ver, porque tipo, eles são homens." Diante das expectativas de performances de gênero, ser homem basta para justificar algo como a exposição de uma imagem de nudez ou uma cena de sexo. Posto que a masculinidade presente nesse contexto é o local por excelência de uma sexualidade categorizada como vulgar, por ser da ordem do instinto. Operando no polo oposto ao da mulher, que tem como função esperada o domínio dos impulsos.

Uma genitália, sem o adorno da face, legitima-se como obscena, o que aproximaria as jovens de um imaginário que consideram pertinente ao masculino, depravando-as. Das meninas, cujo rosto dizem omitir das imagens, ouvi discursos que dialogavam com o que era narrado pelos rapazes. Apresentando uma prática sexual mais conectada à satisfação de prazeres pessoais do que a um quimérico amor romântico, transgredindo a lógica das práticas esperadas pelas meninas (PASCOE, 2007, p. 162). Desse universo simbólico emanam as delimitações semânticas que enquadram as meninas como "ingênuas", "bobas" e que "confiam demais", enquanto os rapazes "só querem dar".

Eu só acho assim, qué mandá foto, manda da perereca pra baixo, nem mostra o rosto. [...] Nunca nenhuma foto minha coisô [foi divulgada]. Bom, eu mando, ele [o namorado] apaga. Eu mando sem o rosto. E ele manda só do negócio [pênis]. Nunca vazô. Eu não mando muita porque eu falo: "Você vê pessoalmente. Pra que você vai querê foto?" Entendeu? (Eliza, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Esconder o rosto, como exposto na fala de Eliza, é uma estratégia fundamental para a manutenção da fachada (GOFFMAN, 2011). Abstrai-lo da imagem oferece possibilidade à jovem de elaborar formas de simular que não é o corpo dela que está exibido. Quando a imagem de uma menina nua, ou em um ato sexual, sai da esfera do segredo, tem-se no rosto o primeiro elemento de identificação e, conseqüentemente, de coerção. O ato de difamação é o propulsor da prática de humilhação.

Para macular a reputação de alguém nada mais eficaz que a exposição do rosto. A partir disso, a sede do eu é desvelada e ocorre um ataque à consciência que o indivíduo tem de sua própria identidade. Pois "toda invasão dessa posse [o corpo] é uma violação da personalidade; existe então uma propriedade privada espiritual cuja invasão significa uma violação do ego que está no seu centro" (SIMMEL, 2009, p. 228-229).

Com os aparatos tecnológicos atuais, é possível sugerir que é uma calúnia produzida por artifícios capazes de incluir um rosto em um corpo que não lhe pertence, fazendo assim uma montagem. No entanto, mesmo que se prove que não se trata de algo real, a jovem exposta está maculada pelo nível de corrosão moral produzido pelos boatos. A representação de algo por meio da fotografia traz uma carga de credibilidade, por se apresentar como um pedaço do real (SONTANG, 2004, p. 15). Funcionando como fornecedoras de um testemunho (SONTAG, 2004, p. 16), as fotos são mais eficazes no processo difamatório que os boatos pautados apenas em narrativas orais.

Mas acho que hoje as pessoas quer tirá tanta foto, nem tem tanta polêmica assim. Acho que se ela só tivesse tirado a foto pelada, não ia ter tanta polêmica pra ela. Ah, tá pelada, acabou. Mas aí esfrego o pepino, aí dificultou o lado dela. Porque pelada assim é normal pra pessoa. Agora, o pepino foi o negócio que derrubo ela. Se ela tivesse tirado sem o pepino. Aí, eu nem ia gostar tanto. *Ela tinha que corta o rosto, né? Pra fala pelo menos: "Não fui eu. Tem prova que fui eu?"* A mãe dela sismô que era montagem, falou que ia processar todo mundo. Tô esperando até hoje. (Ângelo, 14 anos, correção de fluxo, escola Mundo, grifo meu)

No caso do colégio Mundo, como explicou Ângelo, a jovem maculada apelou à mãe informando que os vídeos e fotos eram falsos. Porém, nas imagens, cômodos da casa da menina faziam-se protagonistas, de uma maneira que dificilmente poderia ter sido fruto de uma edição. Nesse cenário, a casa, como entidade moral (DAMATTA, 2011), apresenta-se como um equivalente da face, posto que ambos são elementos de identificação eficazes. Tão difícil quanto negar o flagrante da identidade do rosto presente na imagem, é contestar a materialidade da casa, que age como uma presença-prova, fundamentando junto ao rosto os argumentos da culpa.

Na minha sala, tinha uma garota que vazaram uma foto dela no banheiro com um garoto. [...] Tipo, na época, foi no começo do meu 7º ano, eu achava um absurdo ela fazer isso. Hoje, eu só acho assim: "Tinha que ter feito isso no colégio?" Mas na época eu achava um absurdo e saía falando pra todo mundo que eu achava ela uma piranha, que não sei o quê. Nossa, *eu achava que ela não se dava ao respeito*. Só que hoje, tipo, a garota tinha 14 anos, eu acho, não acho que ela é piranha por causa disso, só acho que ela errou de ter feito isso no colégio. (Núbia, 15 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte, grifo meu)

Além dos cômodos da casa, principalmente os quartos, outro ponto de referência identitária é o banheiro da escola. Essa temática esteve nítida no período anterior ao da minha ida ao colégio Mundo, no qual pesquisei a exposição de "nudes" no *Twitter*. Nessa rede, ocorria uma enorme demanda por fotos de meninas de determinadas escolas. As imagens, em geral, eram no próprio espaço do colégio, no banheiro, ou em casa, com o uniforme do colégio, outro referencial de identificação.

Já recebi várias fotos de menino assim [nus] daqui da escola. Tava conversando normal aí, geralmente, pede foto. Falo que não vou mandar, aí ele pega e manda a dele. É tipo pra dar confiança. "Vou te mandar a minha, você me manda a sua e ninguém fala nada pra ninguém." *Às vezes, nem dele é e ele tá mandando, entendeu? Não mostra a cara, entendeu? Tem muitas meninas que cai nessa lorota de tampar o rosto, mas pô, sem noção*. (Luana, 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo, grifo meu)

Na entrevista de Luana, mencionada acima, é perceptível o funcionamento das artimanhas dos meninos para protegerem a identidade e conseguirem ludibriar as garotas. Essa prática possui eficácia apenas nas ocasiões em que a jovem não conhece o corpo nu do garoto, uma situação típica das novas modalidades de flerte *online*, na qual, em poucos instantes de contato, os garotos se prontificam em enviar uma imagem de um pênis, seja ele realmente do próprio ou apenas fazendo parecer que seja.

Quando a menina recebe a foto-convite de uma genitália, cria-se a expectativa de resposta com uma imagem da garota nua ou, ao menos, de lingerie. Todavia, mesmo quando algumas jovens também "tampam" o rosto, elas são assombradas pelo potencial

de serem expostas. O garoto para o qual enviaram pode "dar print" na conversa que tiveram na rede social, pela qual a jovem enviou a foto, revelando, assim, sua identidade. Mesmo que ela tenha utilizado, como o rapaz, a foto de outra pessoa, será maculada.

Ao mesmo tempo em que uma face conhecida em um local errado pode gerar problemas, como no caso das jovens maculadas, em outras situações pode ser a solução para escapar de situações de perigo. No âmbito dos jovens de ambas as instituições que moram em periferias, ter uma face reconhecida pode ser um ponto vital.

Porque mudou as facções está mais tranquilo. Já teve muito assalto. Uma vez eu tava indo pra casa da minha amiga andando e um cara tentou me assaltar. Era de manhã, eu tava viajando, de fone de ouvido, ele me pegou e venho me batê e querê me matá. *Ainda bem que o menino que tava com ele me reconheceu e chamô ele pra í embora.* Eu cheguei na casa da minha amiga e não conseguí falá nada de tão nervosa que eu tava. Aqui não tem segurança nenhuma. Fazê o que? Tem que se acostumá. É questão de sorte. A gente tem que previní, né? Os aluno aqui, eles não têm segurança nenhuma. Tem muita menina aqui, tadinha, muito bobinha, né? Pra alguém fazê uma maldade com elas, poco custa. *Na minha casa, me criaram tanto pra rua quanto pra casa, não é à toa que hoje em dia eu estou viva.* (Helena, 17 anos, 3º ano do Ensino Médio, escola Mundo, grifo meu)

A obscenidade da legenda

Nas redes sociais, um aspecto fundamental é a escolha do texto que acompanhará uma imagem. Ele pode, por exemplo, reforçar o conteúdo da imagem, contrariá-lo ou difamá-lo. Por isso, analisar como as fotos e vídeos são textualmente ornados permite compreender questões ligadas às performances de gênero *online*. O teor das legendas varia entre as redes e entre os gêneros dos usuários.⁴²

O *Facebook* apresenta-se para os jovens da escola como o local, por excelência, das legendas. No *Instagram*, essa ferramenta nem sempre é usada, mas quando a usam, em geral contempla apenas "hashtags"⁴³ ou frases curtas. O uso das "hashtags" é um destaque nessa rede, visto que por meio delas, os jovens podem

⁴² Exemplos disso estão presentes em outros tópicos da pesquisa.

⁴³ "Hashtags" (#) funcionam como catalogadoras dos conteúdos publicados nas redes sociais.

promover maior engajamento para sua publicação. No *Snapchat*, ou não se usa legenda, ou são curtas. As legendas nessa rede incorporam sentido às imagens efêmeras e, muitas vezes, descontextualizadas, que os usuários compartilham.

Há uma legenda utilizada por alguns jovens em fotos no *Facebook*, que viabiliza a divulgação de imagens desprezíveis seguindo o estilo do *Snapchat*: "Foto feia também se posta". Em geral, os alunos usam isso em publicações de imagens nas quais estão na escola, no transporte público ou sem maquiagem, no caso das meninas. As garotas costumemente recebem respostas positivas dos rapazes, como: "Só você acha feia!!! Você é maravilhosa!!!!"

Ao pensar no ato de fotografar, como uma relação de poder do fotógrafo sobre quem protagoniza a imagem (SONTAG, 2004, p. 14), é possível estender essa relação de domínio para a ação de legendar. Há o primeiro enquadramento, proveniente da fotografia em si, e um reenquadramento – uma reapropriação –, ao impor à imagem uma legenda. Por mais banal que uma foto pareça, ela é carregada de intencionalidade (SONTAG, 2004, p. 17), assim como a legenda, sendo ambas transmissoras de uma mensagem. Quando alguém se apropria da foto de outro para difamá-lo, as legendas estão ali como ferramenta básica de suporte.

No momento da análise de Sontag (2004), a "selfie" não estava presente. Essas fotos envolvem um processo de digitalização que permite uma recontextualização do conteúdo da imagem, na forma de legendas, "memes"⁴⁴ e montagens (RAMOS, 2015a). Substituindo o par modelo-fotógrafo, está a tríade moça-destinatário-agência maquínica, sendo os dois últimos polos os controladores da imagem. Soma-se a isso a rede de relações sociais *offline* – a escola –, por onde circulam boatos. Portanto, o conceito de "pornografia de vingança" é limitado por ocultar o que está em jogo: redes e não casais.

A imagem-sujeito é submetida não só ao enquadramento da foto e da legenda, mas a diversos outros, de acordo com o local onde é exposta. Quando o "nude" opera na esfera íntima, acompanhado de uma mensagem de igual caráter erótico, há um sentido. Porém, no momento em que a imagem ultrapassa a esfera do segredo e circula por entre pais e amigos da jovem, surge outro significado. Portanto, a cada enquadramento ao qual o sujeito da foto é submetido, ocorre uma nova produção de sentido para o que é retratado (BUTLER, 2009).

Apesar da relação de domínio do fotógrafo com a imagem (SONTAG, 2004), no caso das "selfies" sensuais das meninas, – quando não há a intenção de que a foto

⁴⁴ O "meme" é todo conteúdo – vídeo, texto, imagem, som – que é recontextualizado a partir de um viés cômico e que se espalha com rapidez entre os usuários de uma rede.

torne-se de domínio público – o poder se esvai. A razão disso é que o corpo sexualmente desejante, que se expõe na imagem, não tem domínio exclusivo de si. Esse corpo moral tem sua posse compartilhada por figuras como a família e a igreja. Esse é outro elemento que proporciona a ativação da chave da culpa sobre as jovens, que respondem no júri das relações cotidianas, não só por elas, mas por um coletivo.

Na pornografia de humilhação, os dados que permitem o constrangimento das garotas são fundamentais. Por isso, ao legendar esse tipo de imagem, estão presentes elementos de sua identidade civil. Opera-se aqui um processo de "reconhecibilidade", que torna "reconhecível" um nu genérico (BUTLER, 2009). Esse nu com nome e endereço, ou seja, um nu identificável é, a partir daí, um corpo passível de ser intimidado. Trazer junto a um "nude" novas formas de constrangimento para a menina exposta, identificando-a, torna eficaz o processo de impregnação da mácula. Pois, "as imagens que mobilizam a consciência estão sempre ligadas à determinada situação histórica. Quanto mais genéricas forem, menor a probabilidade de serem eficazes" (SONTAG, 2004, p. 27).

Há casos em que a legenda que o jovem utilizou em uma publicação em seu perfil pode promover recursos para o *bullying*. Isso acontece, frequentemente, no perfil dos adolescentes que não têm popularidade, que divulgam conteúdos induzindo as pessoas a interagirem com eles, porém, não obtêm sucesso, e outros usuários se aproveitam para menosprezá-los na área de comentários.

Uma das estratégias mais utilizadas pelos garotos populares é aproveitarem do espaço da legenda para autopromoção sexual. "Quem quer dormir comigo hoje?" e "Me adiciona no Whats", são exemplos de pedidos que aparecem no *Facebook*. Esses usos, em geral, são feitos pelos meninos, pois as meninas são abordadas por interesse sexual, tanto por conhecidos quanto por desconhecidos, sem esforço. Além do estigma que sofreriam ao expor desejos sexuais no *Facebook*. Por isso, os rapazes desenvolvem maiores gamas de interação por meio das legendas.

Para legendas casuais, como aquelas destinadas a "selfies" comuns, os jovens têm o costume de pedir sugestões para amigos que, em geral, indicam algum trecho de uma música do momento. Essa prática é mais comum entre as meninas, mas também praticada pelos rapazes, principalmente, aqueles que possuem primas ou irmãs.

Certas jovens, procurando uma válvula de escape para o *status quo*, gostam de exhibir mensagens que se opõem ao senso comum do local onde vivem, mostrando a agência das mulheres sobre sua sexualidade: "Mulher também gosta de ficar sem

compromisso, mulher também gosta de ficar só uma vez e cair fora, mulher também escolhe. [...] Mulher apanha, mas quando aprende a bater, é pior que homem mil vezes." Isso também é reforçado ao divulgarem fotos de rapazes que consideram atraentes.

Que corpo pode virar imagem?

Os "nudes" e os vídeos que acionam a chave da pornografia de humilhação, ao circularem pela internet, são consumidos por muitos como mais uma forma de pornografia amadora. Contudo, eles detêm peculiaridades que os diferenciam do amador tradicional, que é embasado no consentimento entre os que produzem, os que protagonizam e os que publicam na internet.

As imagens da pornografia de humilhação apresentam a produção e o consumo de uma nova estética. Esse modelo envolve não só os atributos tradicionais da pornografia caseira, mas detêm particularidades. Para as mulheres, a humilhação fora da esfera do consentimento. Para os rapazes, a um só tempo, o prestígio do reforço à virilidade, mais comumente ressaltado pelos colegas e, em pequena escala, uma percepção de imaturidade, devido à exposição indevida da intimidade de alguém. "Isso não é coisa de homem" é uma das frases ditas por moças e rapazes nas poucas críticas feitas a prática de "vazamento" de imagem.

O registro da humilhação é acionado quando a imagem em questão escapa do acordo entre remetente e destinatário e invade outra rede – escola, família, colegas –, provocando um atrito. A pornografia de humilhação se faz presente rompendo o segredo entre as redes, especialmente, aquelas em que os adultos estão presentes e os espaços masculinos dedicados intencionalmente a destruir a reputação das garotas. O *smartphone* – peça fundamental da produção e divulgação dos "nudes" e vídeos íntimos – pressupõe digitalização, e a digitalização envolve redes (RAMOS, 2015a).

Em geral, quem não tem a intenção de que ocorra esse movimento entre redes é a mulher, por saber de suas potenciais perdas sociais. Eliza, estudante do colégio Mundo, de 14 anos, comenta sobre isso: "Colégio é assim, você mandou uma foto pro seu namorado, ele vai gostá de se exibí, vai mostrá pros amigos. Aí, depois a foto roda, entendeu?"

Dentro da humilhação, as categorias de imagens que se sobressaem são as das estudantes no banheiro do colégio e jovens em seus quartos. Como abordei em outro tópico, localizar as imagens permite ao nu, que poderia cair numa rede de anonimato,

tornar-se conhecido. As referências à moradia e, principalmente, ao uniforme escolar, são da maior importância, visto que se tornam facilitadoras da humilhação.

A locação da foto enriquece o universo vexatório em que a protagonista da imagem é colocada, não só por apresentar sua identidade civil, como pelo próprio tipo do local. Uma casa precária, um quarto ou um banheiro desarrumados, por exemplo, servem como mais um fator de humilhação. Associado a isso, aspectos estéticos e de estilo da jovem também serão julgados. Caso haja uso de lingerie, ela não deve, por exemplo, ter buracos, ou certos desenhos, ou cores. Há críticas também ao corpo da menina que, mesmo nu, deve atender a certos padrões.

A estética da pornografia *mainstream* ensina ao seu público um determinado "código visual" que indica o que "vale a pena ser olhado" (SONTAG, 2004, p. 13). Nessa cartilha, há a produção de certos corpos femininos para serem imagetivamente erotizados. Entram em questão, tamanhos, alturas, cores, cabelos, pelos e faces. Essa estética influencia na operação de uma análise crítica feita na recepção dos "nudes" das jovens.

Na concepção dos alunos, um nu para virar imagem precisa de peitos, coxas e nádegas avantajados, um cabelo liso, um rosto maquiado, ausência de pelos pubianos e um peso que varia entre o não muito magro e o não muito gordo. Os corpos dessas jovens, ao se apresentarem sem roupa, recebem críticas não tanto por estarem nus, mas pela forma como essa nudez se apresenta. Faz-se presente aqui o desnudamento (LEITÃO, 2007, p. 201), que exige do corpo um preparo meticuloso, trazendo para além dos julgamentos morais, a estética.

Por meio de uma perspectiva relacional, é possível considerar a imagem como um fenômeno social, ou seja, atrelada a uma determinada situação, portanto, sem uma definição homogênea do que ela abarca. Portanto:

Retirar a imagem de um contexto estigmatizado e colocá-la em outro, valorizado ou legítimo, ou argumentar que uma imagem transcende o tipicamente sexual possuindo "algo a mais" artística ou culturalmente, são possibilidades para fugir da censura e evitar o rótulo de pornografia (DÍAZ BENÍTEZ, 2009, p. 20).

Dessa forma, elementos pornográficos podem se associar a referências artísticas consideradas mais refinadas, elevando assim o teor da imagem, enquanto

despretensiosos "nudes" das estudantes podem ser rebaixados a categorias extremamente obscenas.

Tirá uma foto de rosto não vai ganhá nada, agora tira uma foto de sutiã. Tem mesmo competição de curtida. Uma que se sente mais bonita que a outra. Eu acho que, particularmente, todo mundo é igual a todo mundo. Ninguém é melhor do que ninguém. Todo mundo tá no mesmo barco. As garota posta uma foto indecente, os garoto curte. Esse aqui [apontando para seu colega] adora e ainda salva. Ele não é burro. (Mariele, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Quando Mariele diz que há a circulação no *Facebook* de imagens de meninas de sutiã, por conta de uma "competição de curtida", ela mostra que existem redes possíveis e vetadas para a circulação de um certo tipo de sensualidade. Da mesma forma que há uma rede que viabiliza a circulação de sinais de TV, luz e eletricidade⁴⁵, existe o "vazamento" da rede para que o conteúdo circule entre outras, de forma ilegítima.

Tal como a pornografia comercial, essa circulação de imagens de jovens nuas ou de lingerie, que escapa pelas beiradas, é vista como um comportamento transgressor. E, como nesse modelo de divulgação de imagens sexualizadas, possui escalas de desvios dentro do âmbito dos desviantes (GOLDWASSER, 1985). Todavia, no caso das estudantes, com um agravante, pois há a exposição do corpo, sem uma remuneração. Assunto comentado por algumas entrevistadas, para enfatizar a opinião negativa que possuem sobre as meninas que têm sua intimidade desvelada dessa forma.

Cecília: O que não falta aqui é menina fazendo essas coisas [mandando "nudes"]. É muita coisa. Isso já tá virando moda. Tipo, tá defamando a gente.

Amanda: Tipo, quando a pessoa é atriz pornô, ela recebe pra isso. Agora, essas meninas fica tirando foto de graça. Já é vergonha tirá foto de biquíni, ainda mais pelada. Quando é atriz pornô tem dinheiro, entendeu? Agora essas fudidas, preta pra caralho, querê botá uma foto assim, meu irmão?

Diante da imagem de uma menina nua, todas as outras se desnudam, como disse Cecília: "Tá defamando a gente". Isso ocorre devido a uma culpa coletiva originada pela violência de gênero, onde se impõe à mulher um lugar de subalternidade.

⁴⁵ Sobre a questão das ligações irregulares para a obtenção de energia elétrica, ver Yaccoub (2010).

Ao deparar-se com a nudez exposta de uma colega, as jovens estão diante de sua própria nudez em potencial, que dentro de uma regulação acusatória, basta-se.

Isso é ridículo e tipo assim, eu acho que essas meninas aqui que manda ["nudes"] não tem senso do ridículo. É vagabunda sim, tia. Se fosse uma atriz pornô, alguma coisa que tem dinheiro, até vá. Mas, porra, a puta mora aqui no bairro, quem quer aquilo? Deus me livre. Tem que valorizá. (Amanda, 14 anos, correção de fluxo, escola Mundo)

Interessa ressaltar que a jovem Amanda, autora da declaração acima, é negra e, como a maioria dos alunos do colégio Mundo, possui um baixo padrão econômico. E, mesmo assim, corrobora um certo perfil do que seria uma menina bonita, que não a abarca. Além disso, ao acusar quem envia "nudes" de não ter "senso do ridículo", exemplifica como há uma forte regulação moral não só dos meninos sobre as meninas, mas intragênero.

Um fenômeno pertinente a essa pornografia de humilhação, e que acontece em outros países são as "putipobres"⁴⁶. Elas unem uma estética das classes populares, semelhante ao que encontrei entre os estudantes da escola Mundo, porém mais apelativa, e vão na contramão da pornografia *mainstream* com imagens sem retoques e em locações precárias. Nesse cenário, o fetiche da humilhação tem como foco a condição financeira das jovens.

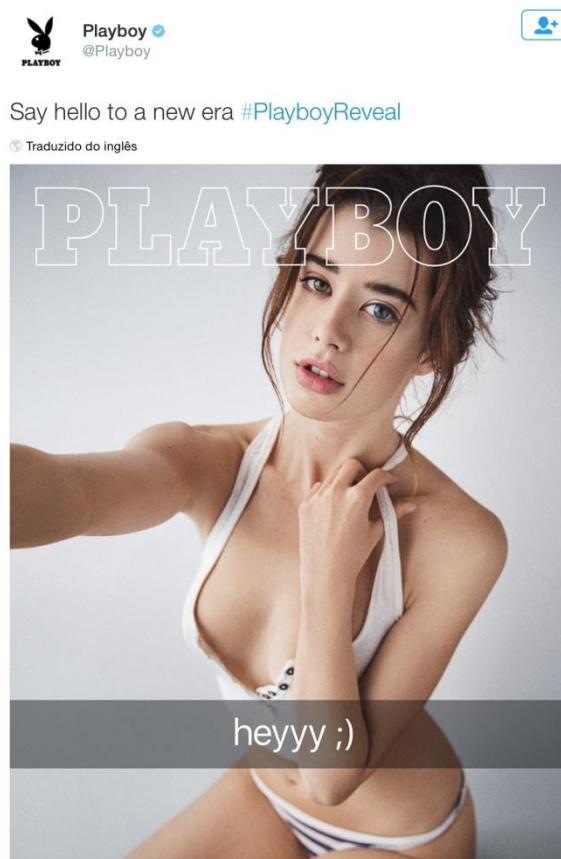
A estética de uma nudez meticulosamente desgrenhada, estilo consagrado pelos "nudes" que circulam no *Snapchat*, tornou-se tão popular que foi apropriada pela pornografia *mainstream*. A capa da famosa revista erótica *Playboy*⁴⁷, de março de 2016, estampa a imagem de uma jovem de 20 anos, usando lingerie esporte cujo top branco está estrategicamente desabotoado, o que deixa parte dos seios à mostra. A foto em nada remete ao clássico uso da renda ou, a mais comum, nudez, como elementos de sensualidade. O erotismo da foto está na intimidade de um banal "selfie"⁴⁸.

⁴⁶ "Putipobres" é a junção da palavra puta com pobre. RAVIER GARCÍA. #Putipobres: excitarse con chicas de barrio pobre. Disponível em: <<http://www.vice.com/es/read/putipobres-excitarse-con-chicas-de-barrio-pobre-069>>. Acesso em: 7 de jan. 2016.

⁴⁷ DAVID SEGAL. Playboy puts on (some) clothes for newly redesigned issue. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2016/02/04/business/media/playboy-puts-on-some-clothes-for-newly-redesigned-issue.html?_r=0>. Acesso em: 10 de fev. 2016.

⁴⁸ A Playboy não só investiu na estética da capa da revista, como abriu um novo canal de comunicação com o público criando um perfil no *Snapchat*.

Figura 6. "Tweet" da *Playboy* sobre a nova capa da revista.



Fonte: *Print screen* de um "tweet" da *Playboy*⁴⁹

Nesse movimento apropriativo da pornografia, apresenta-se uma nova estética das adolescentes contemporâneas, as "novinhas". Essa categoria tornou-se presença marcante nas letras de *funks*, com expressões como "As novinhas tão sensacional!" e, a famosa, "Que isso, novinha?". As "novinhas", como foi citado anteriormente, são adolescentes e pré-adolescentes que possuem características valorizadas nessa circunstância, como seios, nádegas e coxas vantajosos e as promovem eroticamente.

Para além da categoria pornográfica, a "novinha" é também uma categoria etária, que faz referência ao início da experiência sexual, que é fomentada pelo contexto das redes sociais. Coloca-se em questão uma nova ideia de corporalidade infanto-juvenil. Essas meninas que "ganham corpo" cedo são valorizadas no universo musical e sexual dos rapazes. Que podem se vangloriar por "pegarem uma gostosa", que não seja tão "rodada".

No entanto, as "novinhas" podem receber o título de "puta" mesmo que não exerçam sua sexualidade. Pois, nesse contexto, o corpo e a maneira de vestir muitas

⁴⁹ TWITTER. Say hello to a new era #PlayboyReveal. Disponível em: <<https://twitter.com/Playboy/status/695237210895822848/photo/1>>. Acesso em: 15 de fev. 2016.

vezes parecem deixar implícito que a jovem é sexualmente ativa. Enquanto os meninos, se resolverem namorar alguma delas, podem ser considerados "bois". Associado à classificação como "puta", articula-se o lugar do domínio masculino e da luta intragênero feminina, no campo da desvalorização. A "novinha" e a "puta" supõem o encontro entre sobreinvestimento simbólico masculino e lutas simbólicas entre moças produzindo carisma e estigma.

"Talita tá com mó corpão e mó peitão. Tá rasgando que nem não sei o quê. Tá pior que papel rasgado, molhado" [Comentários dos meninos sobre ela]. Chega na hora, eu sô uma virgem. Tadinha de mim. Eu falo, hoje em dia, os menino só qué sabe de pegá a gente, comê, largá e dexá grávida. Porque assumí ninguém qué. São muito poucos que querem assumí. Aí, esses menino entra pra boca, tá pondo banca, tá melhor, tá podendo, só porque tá com uma pistola na mão. Tirou a pistola, continua ser humano igual todo mundo. (Talita, 15 anos, 1º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

A fala de Talita – reconhecida pelos meninos como "novinha" – mostra de que maneira essa categoria permite às meninas ganharem poder no mercado dos desejos e mudarem de posição social em termos de ganho simbólico. Há um benefício a curto prazo e perda a longo, devido à estigmatização. A "novinha" como categoria só está disponível por conta do sobreinvestimento masculino na associação entre juventude e virgindade.

Cada imagem em seu lugar

Há um tópico comum no perfil dos alunos de ambas as instituições: as "selfies". Dos 138 estudantes do colégio Mundo, que estão adicionados a minha rede de contato, apenas 15 não têm como "foto de perfil"⁵⁰ uma "selfie". Essas exceções se devem, em sua maioria, por retratarem situações em que o protagonista da imagem realiza alguma atividade física ou visita a um local turístico. Nessas circunstâncias, o autorretrato seria inconveniente tanto pelo envolvimento do jovem com outra atividade, quanto pela dificuldade de um bom enquadramento da paisagem. O próprio caráter

⁵⁰ A foto de perfil é a imagem que irá representar a pessoa na rede. Por exemplo, ao fazer um comentário em alguma publicação, além do nome, será mostrada a imagem de perfil. Para mais detalhes, ver a figura 1 (p. 29).

dessas fotos apresenta seu estado de exceção, pois o corriqueiro são as "selfies". No caso da escola Ponte, as exceções à "selfie" também ocorrem em ocasiões fora da rotina, a exemplo das praias e outros locais turísticos, nas fotos com teor mais artístico e em algumas imagens em grupo.

Figura 7. Exemplo de "selfie" para a capa do *Facebook*.



Fonte: *Flickr* de Ellen De Vos.⁵¹

Figura 8. Exemplo de uma exceção ao "selfie".



Fonte: *Flickr* de Spiros Vathis.⁵²

Dentro da categoria "selfie" há subdivisões de acordo com a rede social para a qual se destinam. O *Snapchat*, por exemplo, a um só tempo, comporta a "selfie" despreziosa, com o propósito de fazer os amigos rirem, e a "selfie" sexy ou o próprio

⁵¹ FLICKR. #Selfie. Disponível em: <<https://goo.gl/F3mmrw>>. Acesso em: 20 de fev. 2016.

⁵² FLICKR. βουτιά // dive. Disponível em: <<https://goo.gl/k3CzQG>>. Acesso em: 20 de fev. 2016.

"nude". O efêmero dessa rede estimula tanto um rosto sem maquiagem e o cabelo despenteado de um registro do despertar-se, quanto o corpo desnudo.

No caso do *Instagram*, local, por excelência, dos aspirantes a fotógrafos profissionais, a estética, tanto da pessoa quanto da locação na qual a foto foi feita é fundamental. Com o auxílio de seus diversos filtros, essa plataforma incrementa as imagens, promovendo uma glamorização do banal. Tomar um café no *Starbucks*, assistir a um seriado em um *MacBook*, contemplar o pôr do sol em uma praia deserta, esperar o avião para a *Disney* no saguão do aeroporto. Aqui se fazem presentes as "selfies" conceituais e de ostentação.

Atividades simples associadas a um investimento em bens de consumo, sejam eles simbólicos ou materiais, é um dos modelos de foto mais comuns do *Instagram*. Por esse motivo, os estudantes do colégio Ponte são mais bem sucedidos nesta rede que do Mundo, pois muitos deles têm um poderio econômico que os possibilita dialogar com a estética cosmopolita dessa rede e, alguns que não têm, se esforçam para simulá-lo.⁵³

Com relação ao *Facebook*, onde os conteúdos são os mais imbricados com a identidade civil dos jovens, há incorporação de "selfies" tanto do *Instagram* quanto do *Snapchat*. Também há as "selfies" grupais, que os alunos fazem junto dos amigos ou da família, "selfies" com os animais de estimação, bebês e crianças pequenas, e as "selfies" românticas com seus namorados. Esses tipos de imagem acontecem mais na casa, na escola, na igreja, no shopping e em festas, locais centrais da sociabilidade dos estudantes.

Outra modalidade são as "selfies" provocativas, feitas pelos jovens no quarto, no banheiro ou na rua. Nelas, os meninos sempre sem camisa, de cueca box ou samba canção ou enrolados em uma toalha. As meninas aparecem de biquíni, de sutiã, de roupa de dormir ou vestindo roupas justas e curtas. São essas imagens as que mais engajam os usuários em comentários e "curtidas".

Luna: *Arlete também tem colocado [no Facebook] umas fotos bem ousadas. Cê já viu, garota?*

Amanda: *De calcinha.*

⁵³ A questão do dinheiro é destaque no *Instagram*, no qual há perfis destinados apenas a compilar fotos de pessoas ostentando bens de luxo.

Luna: *Ela estudava aqui ano passado [2014]. Tem uma foto que ela tá sem sutiã e de costas. Sem sutiã, de top laise [topless]. Muitas curtidas, muitos comentários.*

Clara: *Também, o maior corpão. Ela é bonita.*

Luna: *Todas essas meninas aqui ficam com inveja dela.*

Amanda: *O pessoal comenta: "gata", "linda", "gostosa". Piranha eu nunca vi não. E se chamar ela de piranha, ela fica doida, porque ela é muito assim esquentada. O que ela quisé fazê, ela faz. O que ela quisé posta, ela posta. Ela guarda nada não, ela é igual eu.*

Emanuelly: *Tirá foto de biquíni é normal se tive na praia.*

Rebeca: *No banheiro já é esculacho. Foto de sutiã no Facebook tem muita. E bota aquele shortinhozinho.*

Emanuelly: *Eu posto foto de sutiã. Eu posto de top. Inclusive esse top que eu tô aqui. Daqui pra cima [da região da cintura] pode, daqui pra baixo não pode.*

As viagens e as festas, principalmente casamentos e formaturas, são os momentos preferidos dos jovens para fazerem suas fotos. Nessas ocasiões, conseguem ter locações interessantes e penteados e roupas que fogem do padrão cotidiano. Em geral, são essas imagens que, junto das provocativas, são populares em termos de "curtidas" e comentários.

Apesar do padrão econômico alto de certos jovens da escola Ponte, muitos dos que vivem em bairros nobres da cidade não são originários dessas regiões e estão ali devido ao fato de os pais trabalharem, por exemplo, como porteiros ou zeladores desses prédios. Há outros que residem em cidades diferentes que a da escola mas, pela qualidade do ensino, frequentam-na mesmo com a barreira da distância. Além disso, há os que moram em periferias. É interessante destacar que o jovem mais popular do colégio na época da pesquisa, era um ex-aluno, residente da periferia.

Há um contraste em como a periferia é representada pelos estudantes de ambas as instituições. Na escola Mundo, o local no qual os alunos moram aparece como um dado geográfico, posto que todos residem com certa proximidade do espaço do colégio, há pouco esforço para "maquiar" a localização. Contudo, no caso dos estudantes da escola Ponte, elementos como casas simples e muros inacabados aparecem estilizados por meio dos enquadramentos e efeitos utilizados nas fotografias. Como o contraste

econômico entre os estudantes dessa escola é significativo, há todo um exercício de apagamento daquilo que poderia transmitir uma ideia diferente de um padrão de beleza asséptico de estúdio fotográfico, promovido pelos jovens de maior popularidade.

No *WhatsApp*, propagam-se imagens de variados tipos, uma das mais comuns são os "prints". Essas "imagens das imagens" proporcionam descontextualização e recontextualização de conteúdos os mais diversos (BOYD, 2007; RAMOS, 2015a). Por exemplo, há meninas que "printam" conversas que têm com os namorados e enviam para as amigas, meninos que "printam nudes" de meninas no *Snapchat*, há outros que "printam" publicações que consideram cômicas no *Facebook*, em geral para fazer *bullying* com alguém. É por meio dos grupos de *WhatsApp* que os "nudes" difundem-se de maneira complementar ao *Facebook*, nele imagens de meninas de origens mais variadas circulam por uma enorme audiência.

Os momentos de maior atrito provocados pela descontextualização de uma imagem dizem respeito a "nudes" e "prints" de conversas privadas, principalmente as de cunho sexual. Como foi mencionado em outros tópicos, quando esses conteúdos, pertencentes a esferas íntimas, aparecem em meios públicos e atravessados por moralidades padrões, a pessoa exposta dificilmente não tem sua imagem maculada, em particular, as meninas.

A minha amiga, ela botô uma foto de sutiã. Só que parecia mais um cropped. O namorado dela veio chamando ela de puta e várias coisas. E eu fiquei, tipo: "Hã". Foi no Twitter isso. Eu não achei nada de mais na foto. Pra mim era tudo bem ela botar aquela foto de perfil. (Júlia, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Ao mesmo tempo que os meninos gostam de receber fotos sensuais de suas namoradas, eles não têm interesse de que elas se exibam publicamente, controlando a exposição da sexualidade. Essa questão apresenta mais uma forma de vigília sobre os corpos femininos. Mostra-se aqui que, mesmo que a menina seja agente da escolha de fotografar-se ou filmar-se nua e até queira divulgar-se, a imagem que ela produz será agenciada de acordo com os parâmetros estético-morais de seus observadores.

Para pensar sobre esse momento pós-ruptura da esfera do segredo da sexualidade das jovens, têm-se em conta o caráter relacional do processo de mácula. "Desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele" (BECKER, 2008, p.27).

A análise dos desacordos, neste empreendimento etnográfico, é fundamental, visto que, no panorama que analiso, não se cogita reestabelecer ao convívio social pré-ruptura as jovens estigmatizadas. Na verdade, é o reforço dos estereótipos, em uma dinâmica de caça às bruxas, que comanda esse processo. Há nisso, por outro lado, uma prática de enaltecimento dos aspectos positivos das jovens imaculadas, ou menos desviantes.

CORPOS EM RISCO: AS MÁCULAS DA NUDEZ FEMININA

A culpa é um substantivo feminino

Na narrativa cristã germinal, Eva rompe uma interdição divina ao comer o fruto da árvore do conhecimento. Desse acontecimento, nomeado pecado original, surge a noção de livre-arbítrio, que apresenta a possibilidade de transgredir e a consequente percepção da nudez como algo imoral. Faço essa digressão para atentar ao fato de que desde um dos mitos base da sociedade ocidental, a mulher precisa desobedecer uma regra para alcançar o conhecimento sobre seu corpo. Ademais, esse saber a deixa impregnada pelo signo da mácula.

Tipo, tem aquela coisa que falam que quando uma menina é solteira ela pode ficá com quem ela quisé. Mas, desde que o mundo é mundo, tem essa cobrança com a menina e acaba ficando meio contraditório. Tipo, eu posso ou não posso ficá com muitos caras? Eu tenho esse direito ou será que eu não tenho? Mas, pelo fato de todo mundo já tê aceitado que se a menina ficá com muitos caras ela é puta, eu acho que isso é o que mais prevalece. Acaba sendo isso. (Mônica, 17 anos, 3º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Operar dentro dos códigos do feminino significa cultivar de forma latente um impulso à transgressão. Por fugir da regra de um comportamento sexual esperado (ou até inesperado, por crer-se inexistente), instaura-se um caráter de promiscuidade. Nesse ponto há a formação de uma *Via Crucis* feminina, sobre a qual se impõem estereótipos cristalizados.

Interessa para essa análise destacar como a culpa pelo saber sexual funciona tal qual um aparato coercitivo sobre as mulheres. Isso se faz presente no momento no qual a menina tem sua reputação corrompida ao ter algum traço de sexualidade exposto em uma imagem. O corpo que se evidencia nessa situação exhibe uma nudez enquadrada como imoral, sendo regulada tanto por homens quanto por outras mulheres. A partir disso, práticas de humilhação, sejam essas presenciais ou via internet, incidem sobre a jovem que se vê colocada na situação de autora do delito. Essas ações provocam o afastamento de seu círculo social, estigmatizando-a.

Já me pediram foto sensual por Snapchat. No Snapchat aparece muito. Sempre conhecido. Eu não teria coragem. Pode ser meu namorado, posso ter confiança, mas sempre pode acontecer alguma coisa. Mesmo se você só tirar e deixar no celular, alguém pode entrar no celular e passar isso pra alguém. [...] As pessoas têm isso de [quando "vaza" a foto de uma garota]: *"Não, foi porque ela quis". E isso é muito pra proteger os garotos, entendeu?* (Clara, 15 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte, grifo meu)

O questionamento moral da pessoa que retira uma foto íntima da esfera do segredo para exibi-la publicamente é raro. Como está exposto na fala de Clara, a proteção aos garotos é corriqueira. O que significa dizer que, a maioria das pessoas se esquece dos meninos que divulgaram a foto e acredita que a culpa é apenas um desígnio das meninas expostas, posto que elas "não se deram ao respeito", argumento presente tanto na fala das jovens quanto dos rapazes entrevistados.

Outro fator que instiga a culpabilidade das meninas é a ingenuidade por terem confiado que o rapaz não iria "explamar" a foto delas. Quanto aos meninos, que divulgam as fotos, são descritos como máquinas automatadas de compartilhamento que, independente do estímulo, agirão dentro de uma programação esperada, por isso, "não conte com eles", visto que a preservação do segredo é característica de poucos rapazes. As falas abaixo, de jovens do colégio Mundo, exemplificam isso:

Agora eu tô dormindo cedo por causa da escola. Mas antes, nas férias, eu recebia muito, muito, muito, muito mesmo [pedido de "nudes"]. Geralmente eu ia dormir de manhã, aí conversa de grupo [do WhatsApp] sempre um chama [por meio de mensagem privada]. Aí, sem eu conhecê a pessoa, a pessoa manda a foto. Aí, fica pedindo que manda: "Pô, confia em mim, confia em mim, eu confiei em você pra manda a minha". Aí, geralmente, muitas meninas cai nisso, aí, se ferra. (Sara, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Eloá: *Você só namora. Garoto novo, você é nova. Você vai manda foto pelada sua pro garoto? Eu não vou mandar. Nem se eu for casada com meu marido. Se o meu marido quisé me vê, ele me vê lá. Vou ficar mandando foto?*

Agatha: *Antes tiravam foto da parte de baixo, depois o peitinho, agora é tudo.*

Eloá: *Primeiro foi só o sutiã. "Ah, tira foto de sutiã." Aí, depois, calcinha. Aí, depois, é pelada.*

Agatha: *Se não dá confiança, nem nada, a pessoa não vai chegar em você.*

Em regiões periféricas, uma infância e adolescência "ocupadas" com tarefas em casa ou em outros locais considerados de confiança, que retirem o jovem do convívio com a "rua", aparecem como uma das chances para que as garotas não escapem do controle familiar. A culpabilização da mãe no que diz respeito a faltas na escola Mundo e no envolvimento com drogas, tende a ser uma constante. Em razão da mãe ser a figura responsabilizada – tanto por parte dos jovens, quanto da escola – pela ordem de tudo que pertence ao universo da casa, para que aí se organize um lar, com seus princípios e valores. Na entrevista abaixo, Agatha, 14 anos, estudante do colégio Mundo, comenta sobre a necessidade da mãe de dar "atenção aos filhos":

Agatha: *Meu vizinho de 7 anos fala: "Vai tomá naquele lugar", "Vô pega uma arma e dá um tiro na tua cara". Olha só! E os pais ri. As menina nova hoje tá tudo se divulgando, 10, 8 anos: "Aí, qué que eu mande uma fotinha pra você?" Eu vi no WhatsApp do meu primo, tem uma garota pedindo pra casá com ele e os cacete e os caramba a quatro. Eu li, a garota de oito anos, falando que tinha 13 anos. Hoje elas já tá tudo se divulgando, fazendo esses negócio que não é pra fazê. Garota de 8, 7 anos, cheirando, grávida. Se a mãe desse atenção aos filhos, não ia acontece isso.*

Clarice: *Se a mãe prendê é pior, porque a criança cresce com aquela coisa dentro do corpo.*

Agatha: *Mas a criança quer abusar.*

Clarisse: *Tem que dar liberdade até um certo ponto. Minha mãe é tranquila com esses negócio de sai pra resenha⁵⁴, festa, mas ela fala: "Se você teve filha agora, vai te dá dor de cabeça".*

Agatha: *Um garota aqui foram lá pra rua da escola Rede, aí arriaram as calças, mostraram as partes, mostraram isso, mostraram o outro. Nisso até parei de andar com elas, agora venho pro colégio sozinha e volto sozinha.*

⁵⁴ Há dois tipos de festas populares entre os estudantes do colégio Mundo, as "resenhas" e os "bailes". Indaguei a muitos jovens as diferenças de cada uma, mas pouco souberam me informar. Exponho aqui a definição que considere mais acurada: "Resenha é mais putaria, bebida, pegação, ou você paga ou leva bebida. Social é uma coisa mais entre amigos, não tinha tanta sacanagem" (Ricardo, 16 anos, 2º ano do Ensino Médio, escola Mundo).

Tipo assim, eu acho uma coisa assim, gente, pra que fazê isso? Vai se desvaloriza. Eu acho isso, mas tipo assim, eu não vô cuspi no prato dos outros porque eu não sei o dia de amanhã, não sei se a minha filha pode fazê isso, não sei se meu filho vai fazê isso, se meu filho vai virá ladrão. Não sei, porque não sou Deus, não sou ninguém pra julga. Eu acho isso.

Clarisse: Pô, se minha mãe pega, minha mãe me mata.

Em situações de atritos na sociabilidade, os indivíduos são levados a legitimarem suas ações (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1991, p. 24). Quando ocorre o momento de ruptura da imagem de pureza da jovem, e sua nudez e sexualidade são expostas, entram em ação os modos de justificação (BOLSTANSKI; THÉVENOT, 1991, p. 39). O "vazamento" de "nudes" junto à "clássica" gravidez não planejada são exemplos de situações em que a sexualidade das jovens se materializa, promovendo assim situações disruptivas. Com base nisso, os argumentos das meninas maculadas entram em disputa com as hipóteses proferidas por seus círculos de sociabilidade pela legitimação do que e de quem deve ser culpabilizado.

A questão aqui é não focar nos conceitos de culpa e sexualidade discutidos no âmbito judiciário e densamente explorados (LOWENKRON, 2007, 2015; LEITE, 2012, 2014), mas naqueles imputados pelos próprios agentes enredados na trama social. Envolvendo questões do mundo dos afetos, sendo elas a intimidade, a sexualidade e a família.

Por meio dos relatos que narram o retorno à escola da "menina do pepino", após ter suas imagens expostas, é possível apontar três categorias analíticas que entram em ação nesse processo: a vergonha, a humilhação e a culpa. Esses são mecanismos de controle chave e estão operando, tanto na esfera coletiva quanto na individual, a partir da ideia de desumanização proveniente da transgressão sexual. Em novembro de 2015, mais de um ano depois do caso, Ricardo, um dos suspeitos de divulgar as imagens de Ana Beatriz, conta:

Às vezes, ainda fazem brincadeira sobre o caso da Ana Beatriz. [...] Me zoaram muito por causa dela. Em geral, me chamavam de "marido pepino". Mas, nem ligo pra isso. Era mais as garotas que zoavam, aí eu não arrumava muita confusão não. (Ricardo, 16 anos, 2º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Para Ricardo, que não se sabe se foi quem divulgou a imagem, posto que há outros suspeitos, destinou-se um *bullying* leve. Algumas piadas, outras meninas com pena dele. O rapaz, que era popular antes do ocorrido, manteve seu status intacto. São escassas as vozes dissonantes que oferecem apoio à jovem, o que mostra a desigualdade de gênero no processo de culpabilização sobre a exposição de imagens íntimas. No diálogo abaixo, há um exemplo das poucas estudantes que se manifestaram a favor da "menina do pepino", nele as jovens apresentam um "espírito de grupo":

Ayla: *Eu acho uma pouca vergonha.*

Lívia: *Eu achei legal. É um direito dela e acho que o povo não tem nada a ver com isso. Eu não tava aqui ano passado. Se não, eu não ia deixar, porque eu não gosto de covardia e nem de zuação.*

Antônia: *Se nós somos meninas, nós não temo que julga a outra. Porque se aconteceu com ela, pode acontecer com a gente.*

Na escola Ponte, a culpabilidade da garota exposta realizando sexo oral em um rapaz é mais equilibrada. Um dos fatores que propiciaram esse contexto foi o fato de que todos os jovens envolvidos no caso, a menina e o menino protagonistas do vídeo e o garoto que os filmou, terem saído do colégio. Além disso, por meio de seu grêmio, o colégio promove debates sobre igualdade de gênero. Mesmo assim, ainda ocorreram práticas de *bullying*, tanto *online* quanto na escola.

Eu nem sabia da existência dessa garota aqui na escola. Ela era do 6º ano. Eu já sabia desse caso muito antes de chegar na boca do povo, porque rola aquela fofocada. É: "Olha aquela garota ali, que fez a tal coisa". Na verdade, não é só um vídeo, são vários vídeos. São vários vídeos de ângulos diferentes. Acho que foram 5, eu só vi dois pela metade, porque, gente, eu acho assim, desnecessário. Eu não sei a história real, porque cada um fala uma coisa. *Eu acho que ninguém tá certo, os 3 tão errados.* Ela por ter ido com os dois pra praça. Gente, ela tem 12 anos! Não são 12 dias, 12 horas, nem 12 semanas. São 12 anos! Eu, na idade dela, saberia muito bem o que é certo e o que é errado. Se eu fosse com 2 pessoas pra praça, coisa boa não era. *Nenhum dos 3 era inocente, ela sabia muito bem o que tava fazendo.*

(Juliana, 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte, grifo meu)

A escola Ponte tenta gerenciar de maneira incisiva casos de *bullying*, como fez com o *Secret* e os vídeos da jovem exposta, solicitando que os alunos apagassem esses conteúdos. Junto a isso, tanto a Coordenação quanto os estudantes do grêmio promovem debates e eventos sobre questões ligadas a preconceitos variados, principalmente de cor e gênero.

Nesse espaço, pais conservadores também se fazem presentes, cobrando do colégio atitudes higienistas, como no caso dos jovens que se beijam no pátio, principalmente os homossexuais. A divulgação de mensagens ligadas ao movimento feminista no colégio torna a relação de gêneros menos desigual. Pela condição econômica e intelectual de outros pais de estudantes, os jovens chegam ao colégio com ideias mais liberais, que se juntam à pluralidade biográfica dos outros alunos e a professores engajados, formando um contexto propício aos diálogos que contestam o *status quo*. Porém, favorável ao conflito, já que une ideias liberais a conservadoras.

Gramáticas da sexualidade feminina

Apresento aqui algumas das variáveis que compõem as taxonomias que as jovens entrevistadas utilizam no esforço de uma quantificação da moral (GOLDWASSER, 1985) para avaliar o nível de desvio do comportamento sexual de outras garotas: tipo de roupa que vestem e em que local as vestem; se vão à escola para estudar ou para "azarar"; o número de meninos com os quais "ficaram"; se são ou não virgens e, se não o são, com quantas pessoas diferentes tiveram relação sexual; se perderam a virgindade enquanto em um relacionamento estável ou se "deram pra qualquer um"; se estão envolvidas com alguém ligado ao universo do tráfico de drogas; que tipo de fotos expõem em suas redes sociais.

Durante minha análise, busco explorar essa gama de classificações que se constroem sobre as garotas infames no quadro da sociabilidade escolar. A análise incide sobre as variáveis que deslegitimam as meninas estigmatizadas por se mostrarem provocativas, seja por meio do modo de vestir, das fotos que publicam em suas redes sociais ou do ponto máximo, neste caso, a exibição de seus corpos nus ou em atos sexuais em imagens que circulam pelo colégio.

"Cada nova regra suscita uma nova categoria de desvio e dispõe as condições para emergência de novos processos de acusação" (GOLDWASSER, 2003, p. 51). Nesse sentido, penso na maleabilidade das taxonomias impostas, que são ajustadas em diversas situações, na tentativa de algumas jovens de evitar a estigmatização de desvios que cometeram.

As fotos sensuais, tendo o banheiro ou uma festa como plano de fundo, e as imagens das meninas com as blusas levantadas até a altura dos seios, com lingerie, roupas de dormir ou biquíni, se fazem presentes entre as alunas de ambas as escolas. A sexualidade transparece nos colégios Mundo e Ponte por meio dos mesmos signos imagéticos, apesar da existência de alguns aspectos divergentes, como imagens de si mesmas que as moças da Ponte publicam e que se assemelham à estética do nu artístico, com os tons preto e branco, certo de tipo de luz e uma sutil insinuação da nudez.

O foco de interesse são as imagens que circulam nas redes sociais e aplicativos de envio de mensagens. Avaliando as informações provenientes das minhas observações e entrevistas, criei uma sequência, de 1 a 10, sendo 10 o tipo mais transgressivo de imagem (tanto vídeo quanto foto): 1- com roupas e/ou poses provocantes; 2- de top; 3- de biquíni na praia; 4- de camisola ou babydoll; 5- de biquíni em casa; 6- de sutiã; 7- foco no corpo inteiro, de lingerie; 8- sem sutiã; 9- as costas de um corpo nu; 10- a frente de um corpo nu. A essa escala estão associadas variáveis que aumentam ou diminuem o impacto das imagens. Um exemplo é a "menina de pepino", que une o corpo nu ao ato sexual com um vegetal, tornando um caso inolvidável.

Em frente à casa dela [da "menina do pepino"], teve uma festa, uma resenha. A irmã dela foi pra festa e, daqui a pouco, começou a tocar a música do pepino. Fizeram um funk do pepino. "Te taco o pepino de um jeito sensual, toma picada fatal. Vai pepino, vai pepino. Alô, menina do pepino, te taco o pepino de um jeito sensual. Apresente-se e manifeste-se, toma picada fatal."⁵⁵ Polêmica brava. (Mateus, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

O que se apresentou como mais obsceno para os olhares dos colegas de classe não era exatamente o desvelamento dessa nudez inesperada. O impróprio, o que criava a máxima disrupção, era a interação sexual com um pepino, visto que isso rompe com o

⁵⁵ A letra do *funk* "do pepino" é uma adaptação do trecho de uma composição pré-existente intitulada *Picada Fatal* do Mc Livinho, a qual diz: "Te ponho o pipi de um jeito sensual/Toma picada fatal".

tradicional das imagens de garotas nuas ou seminuas que circulam rotineiramente por suas redes sociais. E, por ter chamado tanta atenção, foi apropriado por uma letra de *funk*, como recém contou Mateus.

Disso parte uma das questões-chave de meu investimento analítico, que corrobora a crítica da hipótese repressiva pensada por Foucault (1988). Esse teórico afirma que não ocorreu uma proibição do sexo, a partir do século XVIII, mas uma produção variada de discursos sobre o sexo e a sexualidade, com o intuito de serem instrumentos de regulação, dentro de um projeto de normatização do corpo.

O que proponho é ponderar sobre a dupla moralidade que se opera sobre a sexualidade feminina. Nessa, ao mesmo tempo em que a mulher tem a necessidade de equilibrar-se entre uma demanda sexual, explícita nos pedidos de envio de fotos nuas ou de lingerie, ela está submetida aos riscos que a exposição indevida dessa potência pode ocasionar.

A proposta não é analisar a inibição da sexualidade feminina *per si*, mas as regras que lhe são impostas. Existem vários estímulos à expressão da sexualidade feminina, porém, a forma como eles são respondidos, determina se ocorre ou não uma conduta imoral e, com isso, a instauração de uma mácula, que acontece quando há ruptura no quadro de referências que a sociedade coloca sobre o limite da sexualidade de uma jovem. As máculas variam de intensidade de acordo com o grau de impacto e disseminação do caso. Nesse aspecto, os processos de humilhação são acionados.

Dessa forma, as moças ficam subjugadas a uma lógica na qual podem se encaixar em uma das três classificações seguintes: puta, popular e pura. Entre elas, uma linha tênue. Esse controle sobre o corpo e os modos femininos está mais ligado ao poder exercido sobre a mulher do que puramente às práticas sexuais, posto que, em geral, essas classificações se constroem assentadas em boatos.

Pensando no impuro, ligado aqui diretamente à obscenidade, é possível traçar um paralelo dessa questão com a análise de Mary Douglas (2001, p. 45-46), que define o impuro como algo que transgride a ordem, que não está em seu local esperado. O que instaura uma noção da impureza como algo relacional e não uma propriedade intrínseca de algo ou alguém.

Essa análise corrobora a reflexão de Bataille (1987, p. 72), ao fazer uma investigação sobre o erotismo. Para o autor, o erotismo está ligado ao desvendamento do avesso, no qual se revela aquilo que geralmente é ocultado pelo receio, como algumas partes do corpo e os sentimentos. Dentro desse quadro reflexivo, Bataille

considera o obsceno como algo relacional, informando que "a nudez não é em si mesma obscena" (BATAILLE, 1987, p. 141).

Explorando o conceito de "fissura", desenvolvido por Díaz Benítez (2015) – em etnografia sobre o segmento de filmes de humilhação do mercado do fetiche – aproveito-o para refletir sobre a cisão que acontece quando a imagem sensual de uma jovem, feita por ela mesma de forma consentida, é exposta a sua revelia a partir da vontade do destinatário original da imagem. Para a pesquisadora, a "fissura seria aquele instante e espaço que nas práticas de filmes de humilhação do mercado do fetiche se transpassa do consentimento ao abuso" (DÍAZ BENÍTEZ, 2015, p. 78).

Outra "fissura" (DÍAZ BENÍTEZ, 2015) dentro desse caso é o fato de que as imagens feitas pela menina chamaram a atenção pelo grau de obscenidade em contraste com seu comportamento na escola. "Você olha e não dá nada por ela." Foi dessa forma que Sabrina, minha informante, e alguns colegas de colégio começaram a descrição do caso da jovem cujas imagens interagindo sexualmente com um pepino saíram da esfera do segredo.

Conhecer os trejeitos da estudante, que se encaixava no estereótipo de uma "menina de família", por não interagir em sala de aula, não utilizar roupas ousadas e frequentar uma igreja evangélica, auxiliou na construção do teor transgressor empregado pelos espectadores das imagens ao seu conteúdo.

Ela era da minha sala. Era quietinha, tipo sabia fazer os deveres e tal. Mas, só que, quando chegava em casa, ela se transformava. Mandou foto, esses negócio todo. Muito estranho, muito estranho. Foi o que eu falei, na sala era quietinha, uma santinha. Ninguém dizia nada, até a gente ficar sabendo das coisas que ela fazia. (Carolina, 16 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Não era aquela pessoa vulgar. Era quieta. Tipo, quando apareceu, todo mundo ficou: "Oh!" Levamos um susto. Foi chocante e nojento. Foi meio pá. "Como assim?" Choque por quem era, pelas posições e até pela coisa que tava lá dentro, entendeu? É uma coisa assim, meu Deus, nojento! (Mateus, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Era uma menina muito quieta, não mexia com ninguém, não arrumava briga com ninguém. Tinha boca, mas não falava. Pra mim ela era

santa, defendia ela e tudo. Mas, quem vê cara, num vê... Eu não tenho mais nada a declarar sobre ela, decepcionei! (Laura, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Ocorre um dano de reputação quando uma garota enquadrada como "santa", com a família vinculada à igreja, de forma inesperada, apresenta-se interagindo sexualmente com um pepino, transitando de uma "fachada errada", na qual sua imagem se encontra ameaçada, para uma "fachada envergonhada", devido a seu estado vulnerável (GOFFMAN, 2011, p. 16). Mostrar-se envergonhada pode, a um só tempo, favorecer a jovem e funcionar como mais uma oportunidade de intimidação.

Após a exposição de suas imagens íntimas, as meninas são submetidas a diversas situações de constrangimento. Difamações públicas corriqueiras estão presentes em adjetivos como: "burra", "boqueteira", "piranha" e "puta". O sentimento de vergonha, nesses casos, funciona como uma das possibilidades de as jovens se redimirem das acusações. Ao externarem arrependimento sobre o que fizeram, ou impotência sobre a situação, há chance de acionarem a chave da vulnerabilidade e ocultarem a do consentimento.

Esse ato de arrependimento pode ser entendido como uma penitência, que exime parte da culpa. Quando transmite veracidade, uma ação como essa pode acionar a chave da compaixão. A vergonha, uma forma de subordinação e, conseqüentemente, de vulnerabilidade, promove uma espécie de satisfação do grupo dominante para o qual a pessoa exprime esse sentimento (NUSSBAUM, 2006, p. 381).

A análise do impacto de uma conduta pode, em certos contextos, levar em conta não só quem a consente, mas quem é afetado por ela sem a consentir (NUSSBAUM, 2006, p. 344-345). Essa questão aciona a ênfase dada à vergonha para a família e para a escola quando uma menina se expõe ou é exposta. É como se o ato da menina manchasse a reputação dos grupos aos quais ela pertence, principalmente, seus núcleos chave, como a casa, a escola e a igreja.

Apoiada nessas observações sobre fissuras e obscenidades, retomo a escala de desvios para destacar o grau de transgressão em um certo tipo de uso do biquíni pelas jovens. Como os estudantes sabem que as colegas não possuem piscina em casa, quando as jovens se fotografam com ele nesse ambiente é porque estão "querendo aparecer". Essa peça de roupa é "naturalizada" no cenário da praia e da piscina, mas ganha contornos "sensuais" quando exibida fora desse quadro, mostrando seu caráter relacional (LEITÃO, 2007).

Elena: *Tipo assim, pra mim, se você bota foto de biquíni, até que vai. Mas foto pelada, calcinha e sutiã, já é feioso. Biquíni, todo mundo tira foto de biquíni. Tipo assim, de biquíni já tirei uma vez. Mas não fui eu que botei, foi uma garota que postou. De biquíni até que vai, mas de sutiã eu acho feio.*

Amanda: *Biquíni, pra mim, só é biquíni pra tirá foto na praia, aquilo ali, e acabou. Vai fica botando biquíni dentro de casa?*

Cristina: *Eu só botei foto de sutiã uma vez só, e deu uma briga. Com umas meninas aí, porque eu postei no Facebook, aí minha amiga colocou: "Linda, gata e diva". Aí, outra foi lá e colocou: "Só que não". Aí, começou um tititi, muita gente comentando, discutindo. Por causa de uma foto de sutiã, em? Eu postei por postar. Eu coloquei uma foto de biquíni, só que tipo, eu coloquei no meu álbum de foto, não publiquei. Pra mim, biquíni até que vai, agora sutiã, calcinha... Uma vez até que vai, agora direto... se vai pra praia, bota foto de biquíni, vai pra piscina, bota foto de biquíni. Aí eu acho feioso. Tipo assim, eu coloquei uma vez, não deu nenhum boato.*

Louise: *Pra mim biquíni é só pra colocar na praia. Não tem esse negócio de ficar colocando biquíni em casa e falar: "Aí, partiu piscina".*

Ana: *"Partiu piscina", mas não é na piscina, tá em casa mesmo tirando. É só pra ganhá curtida, mas respeito também é bom. É pra aparecer, pra se achar a tal. Eu colocaria se tivesse o corpo todo definido.*

Louise: *Ah, meu corpo é bonitinho, mas eu não boto foto de biquíni não. Não sou nem maluca. Pra depois falá: "Ah, é mó piranha." e não sei o quê.*

Ana: *Ainda fica mal falada. A gente assim mesmo com roupa é mal falada. Imagina sem e tirando foto?*

O diálogo acima, entre três estudantes, apresenta as disputas em jogo no momento da classificação daquilo que é ou não considerado impróprio, ou desviante. Destaca-se o fato de como as meninas têm que se mostrar vigilantes aos conteúdos que publicam na internet, em razão de que qualquer deslize as deixa com "fama de piranha". Outro ponto relevante dessa entrevista é que ela ressalta a briga entre meninas. Quando Cristina, estudante do colégio Mundo, de 14 anos, comenta sobre as discussões geradas a partir da imagem de sutiã que publicou no *Facebook*, apresentam-se as lutas simbólicas intragênero nas formas de reconhecimento e humilhação.

Foi esse ano mesmo [2014], foi no meio do ano. Ela [Paula, uma colega da escola que participava da entrevista] mudou para o turno da tarde, aí os garotos ficaram emparedando ela. Chegou aqui, os garotos ficaram emparedando ela, porque ela vinha com uma blusa mais curtinha e tal. E foram ver as fotos dela [no celular], aí encontraram fotos dela sexys. Aí o menino pegou, aí botou no *WhatsApp*. (Carolina, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Pra mim, todo mundo vendo era estranho, entendeu? Parecia que eu tava passando na rua e todo mundo me olhando, tipo: "Gente, é aquela garota ali". Tava meio estranho, mas era só aqui na escola que todo mundo sabia. Minha história durou pouco, uns dois dias no máximo. Não era foto pelada. (Paula, 15 anos, 1º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Enquanto entrevistava duas garotas no colégio Mundo, ainda em 2014, uma das meninas me conta sobre uma imagem sua de lingerie que se espalhou pela escola. Nesse contexto, corto o frágil fio das coincidências entre os casos de "pornografia de vingança", percebendo a pluralidade de modos e efeitos da divulgação de imagens sensuais dessas jovens. Por isso, decidi abrir mão do termo, que poderia, no decorrer da pesquisa, tornar-se um obstáculo epistemológico.

A "pornografia de vingança" foi minha chave de entrada no campo, porém, desprendi-me dela na tentativa de compreender como meus interlocutores entendem as diversas nuances da circulação de fotos e vídeos sensuais e seus desdobramentos. Nesse percurso, busquei por traços da agência⁵⁶ na produção e na circulação das imagens que, por vezes, é uma situação que coloca as garotas em uma posição submissa. A divulgação de fotos sensuais das meninas promove, a um só tempo, a dádiva no interior de uma relação erótica e uma recurso na disputa simbólica entre garotas.

Debates sobre gênero, como os que ocorrem na escola Ponte, permitem que os estudantes analisem os acontecimentos para além dos discursos hegemônicos sobre o que é ser mulher e homem a exemplo disso, está a fala abaixo:

⁵⁶ Para analisar essa questão no contexto das jovens, uso a noção de agência de Mahmood (2006, p. 123): "...sugiro que pensemos na agência não como um sinônimo de resistência, mas sim como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas."

O que seria uma foto de menina que faz sucesso online? As que mostrem os peitos. Antigamente, eu achava que as garotas eram putas. Agora, eu acho que, tipo, é o corpo delas. Se elas quiserem mostrar nas redes sociais, pra ganhar curtidas ou não, é uma escolha delas. Uma menina e um cara com uma foto sem camisa, a menina vai ser julgada, o cara não. Ela vai ser chamada de puta e ele vai ser o gostosão da parada. E se sai um vídeo, o menino vai ser o garanhão e a menina, a piranha. Isso incomoda bastante. (Alice, 13 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Quando diz, "o corpo é delas", a fala de Alice apresenta uma das grandes bandeiras do feminismo contemporâneo: "seu corpo, suas regras". Além de que, aborda o contraste sobre a preocupação com aquilo que se ganha ao expor uma foto no *Facebook*. No quadro de disputas intragênero, a menina, quando em busca das "curtidas", pode acabar taxada de "piranha" por outras jovens, ao passo que o rapaz é apreciado por elas.

Em diálogo com os estudantes, noto diferentes propósitos no envio de autorretratos sensuais. Dentre eles, o que apresenta mais claramente a agência feminina sobre seu corpo e suas vontades é o caso dos envios espontâneos de fotos para um garoto, para mostrarem seu interesse por ele. Em outros casos, o envio de fotos sensuais ocorre por conta de um pedido do namorado, com o propósito de agradá-lo. Apesar disso, as garotas se mantêm firmes no julgamento negativo de meninas que tiveram suas fotos expostas na internet.

Eu tenho muita foto [sensual] de menina conhecida no celular. Acontece direto, até sem eu querer. Vou explicar? Vou ficar quieto. De menina aqui da escola foi papo de umas 7, mas só duas da manhã, o resto é da tarde. Tamô conversando normal, aí as meninas mandam foto. (Roberto, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Garota manda assim, normal, sem precisar tá namorando. Às vezes nem te conhece pessoalmente e elas mandam. Tô conversando com a menina, aí ela vai lá e manda. Já recebi muita. (Lúcio, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

As meninas têm agência e elas a mostram. Por um lado, algumas jovens estão expressando seus gostos e suas vontades ao fazerem registros sensuais do corpo e os enviarem para os rapazes, e por outro, estão conscientes de que isso pode reverberar sobre elas de forma negativa, por meio de humilhações. A partir disso constroem-se noções de moralidade, que legitimam ou não certos tipos de comportamentos.

Eu não sinto pressão, se eu mandar a foto, vai ser porque eu quero. Se eu mandar a foto, eu sei as consequências que tem. Por isso eu não mando. Meu namorado ele uma vez falou pra mim: "Pô, se não mandar uma foto nua, esquece meu nome, esquece que eu existo". (Carolina, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

A gente só ouve falar de casos de garotas que foram explanadas e tal. Eu já mandei foto. Eu devia ter uns 6 ou 7 meses de namoro. Ele me pediu a foto, mas eu mandei porque eu quis. Foi foto de corpo todo, eu tava de sutiã e calcinha. Depois eu mandei mais. Eu não me sinto mal em ter feito isso. Não acho que se um dia a gente terminar ele vai botar na internet. Eu pedi foto dele também e ele mandou. Minha mãe sabe. Eu contei depois de mandar, ela ficou normal. (Júlia, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Já pediram foto minha sem roupa. Eu mandei, era minha namorada. Geralmente, ela mandava a dela e pedia a minha. Já pedi foto assim pra namorada e pra menina aleatória. Eu deletei essas fotos, mas tem muito amigo nosso que mostra. Esse tipo de foto circula mais no WhatsApp. Eu acho que o que faz uma menina puta é postar foto pelada na internet. [...] Os garotos não são zoados por causa de foto, só as meninas. Os garotos comentam que elas são gostosas, depois chama de putas. (Ricardo, 16 anos, 2º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Dentro da teoria de gênero, popularizou-se pensar agência na chave da resistência, no âmbito do indivíduo liberal, que goza de livre arbítrio e resiste à opressão (MAHMOOD, 2006). Apesar disso, a atuação das meninas no envio de imagens sensuais é uma pista para pensar fora do contexto da resistência, apresentando uma agência que opera na chave das normas (MAHMOOD, 2006, p. 123). De um lado, a

face transgressora, presente no envio e na publicação de imagens sensuais, de outro, a normativa, no momento em que desafiam as convenções, na busca por desvios da estigmatização.

Dentro desse quadro, é fundamental associar essa agência que opera no interior das normas (MAHMOOD, 2006) à noção de consentimento. A categoria consentimento é utilizada no discurso de alguns modelos de sexualidades dissidentes como mecanismo para reforçar a segurança de suas práticas. O objetivo delas, como é o caso do BDSM⁵⁷ (GREGORI, 2015; ZILLI, 2009), é se afastarem do plano do depravado. Contudo, no que se refere a essas estudantes, o consentimento opera em um registro inverso, fazendo-as imergir na imoralidade.

Quando a exposição de imagens íntimas entra em uma esfera de julgamento popular nas escolas, se a jovem pivô do caso é entendida como alguém que consentiu na produção e no envio de suas imagens sensuais para outra pessoa, ela é instantaneamente classificada como "puta". Quando transborda da esfera do segredo, a voluntariedade – o comportar-se guiado por desejos e vontades próprias – dessa prática a torna uma agência estigmatizante.

Desta maneira, o consentimento – tão caro às relações igualitárias e ao feminismo – desfavorece a agência sexual feminina. Há, então, a possibilidade de argumentar que a menina fez as fotos por estar vulnerável ao amor, então a culpa a redimiria. Se o desejo sexual se faz evidente, não há desculpa. Apresenta-se, assim, um dos impedimentos ao perdão da "menina do pepino": a substituição do pênis e o desejo transgressor.

Em seus discursos, grande parte dessas estudantes se envolve em relações fugazes de intimidade, inviabilizando a construção de um vínculo sólido com seus parceiros. Isso as deixa vulneráveis à vergonha devido à facilidade com que a sua intimidade pode ser devassada (NUSSBAUM, 2006, p. 253).

A vergonha, no plano individual, e a humilhação, no plano social, funcionam como mecanismos de controle cruciais e atuam diretamente nos sujeitos desta pesquisa. Percebe-se o quão vinculada à transgressão está associada a sexualidade feminina ativa, principalmente a adolescente, e como, a qualquer custo, sua ideia de pureza procura ser mantida.

Da mesma forma que há dissonâncias na agência presente no envio de imagens, há no sexo. A virgindade, a um só tempo, é entendida como ponto pacífico,

⁵⁷ BDSM é um acrônimo para *bondage e disciplina* (BD), *dominação e submissão* (DS) e *sadismo e masoquismo* (SM). Suas práticas se apoiam em três pontos: *sãs, seguras e consensuais* (SSC).

visto que parece óbvio para alguns jovens que todos a ultrapassam rapidamente, mas também polêmica quando discutida a partir das moralidades que se espera da sexualidade feminina, sendo algo preservado.

Destaco dois trechos de um entrevista que ressaltam essa contradição: "Hoje em dia, se você encontrar uma menina virgem é muito. Papo reto, tô falando sério (Eliza, 14 anos, 7º ano, escola Mundo) "; "Dá porque qué, porque ninguém boto a arma na cabeça de ninguém e falou: 'Você vai dar a perereca hoje' (Celina, 13 anos, 7º ano, escola Mundo)."

O gancho dessa reflexão é o mapeamento dos interesses das jovens nessas práticas em detrimento de suas possíveis consequências negativas. O que significa se expor nesse contexto? Até que ponto elas se expõem? Quais são os mecanismos de desvio da humilhação? Quais são as situações em que os riscos não são levados em conta? Quais os objetivos dessa exposição?

Muitos caras já me pediram foto (sensual). Eles falam: "Pô, manda uma foto aí!" Aí, eu falo: "Que tipo de foto?" Aí, eles vão lá e falam: "De calcinha e sutiã". Aí, ficam pedindo, aí, eu bloqueio. Eu já mandei pra um só, era meu ex-namorado. Eu tava há um mês e pouco com ele. Mandei de calcinha e sutiã. Me senti meio mal depois, um peso na consciência. Depois, ficamos só mais uma semana. Os caras cobram muito essas fotos das meninas. Na hora, eu não pensei em nada, só tirei e mandei. Eu mandei mais por ele. Como eu gostava muito dele, eu mandei. Tem amigas minhas que fizeram isso também. Teve uma que mandou a foto, marcou o dia (do encontro), manteve relações sexuais com o garoto e hoje está grávida e não está mais com ele. Ela não é daqui da escola. Acho que a culpa no caso da Ana Beatriz é só dela, porque ela mandou um tipo de foto assim. E ela não mandou só foto, mandou vídeo também. Se minha foto vazasse eu também me culparia. (Betina, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Esse depoimento retrata uma agência que, a um só tempo, possibilita espaço para a criatividade dos atores sociais e os ancora em estruturas não só reguladoras do comportamento de outrem, mas auto-coercitivas. O peso que a exploração da sexualidade impõe às meninas está latente na necessidade da moralização da conduta do outro. Pude perceber isso também nos discursos de diversos alunos, nos quais foi

mínima a manifestação a favor da menina que teve suas imagens expostas e contra quem as divulgou.

Mônica, aluna do colégio Mundo, de 16 anos, conta-me: "Eu me culparia se tivesse um nude meu explanado, porque eu fui meio burra de acreditá que a pessoa não explanaria, não mandaria pra ninguém". Essa chave da culpa faz-se presente no discurso da maioria das jovens entrevistadas. As interlocutoras compartilham uma concepção de consentimento que se flexibiliza ao ponto de se culpabilizarem. Há uma retirada da agência do rapaz no ato do desvelamento, à medida que a jovem se coloca como o sujeito ativo da ação, o que faz com que incorpore para si a carga punitiva do ato.

A noção de consentimento que meus interlocutores compartilham é derivada das agendas preventivas das falas sobre sexualidade ministradas por seus pais, professores e mentores religiosos. Além de as meninas e meninos receberem instruções diferentes sobre o exercício da sexualidade, o tema é abordado na esfera do perigo (LEITE, 2012, p. 96).

Evitar a gravidez é sempre um aspecto central dos diálogos, porém, enquanto as meninas são orientadas a "fecharem as pernas", os meninos devem prevenir-se no exercício de sua sexualidade. No entanto, os métodos contraceptivos são outra ceara conflituosa, posto que o uso da camisinha não é uma preferência de muitos garotos e algumas meninas acabam cedendo a isso. Novamente, as garotas em sua tarefa de regulação dos desejos - o próprio e o dos meninos - serão categorizadas como culpadas pela gravidez.

Isso promove um conflito de interesses visto que, de um lado, os meninos devem se engajar em atos sexuais, ao passo que as meninas são impedidas. O que se faz presente aqui é um empreendimento de alto risco para as jovens. A um só tempo, é exigido das garotas que controlem seus desejos, mas que se façam disponíveis para que os meninos possam exercer sua sexualidade.

Pela fragilidade dessa masculinidade que se pauta em práticas de domínio sobre o corpo feminino, apresenta-se a necessidade dos rapazes de provarem a sua rede de sociabilidade que praticam atividades sexuais. Enquanto as meninas que se envolvem sexualmente com um garoto criado dentro desse registro, ficam vulneráveis à exposição e, conseqüentemente, à mácula.

Priscila: *Hoje em dia as meninas tudo ficam tirando foto pelada pra manda pros meninos.*

Rayane: *Tem muito responsável que não liga muito pro filho, no quê que tá mexendo.*

Helena: *Muito pedido pra enviar foto. Até de menino que a gente não conhece.*

Priscila: *Ano passado, só tinha menina grávida no bairro Amarelinha [local estigmatizado na região]. Tudo menina nova, de 10, 12 anos, de barriga. E menina assim que não se valoriza, entendeu? E toda hora que eu ia olhar no celular tinha foto de alguma menina pelada. Sei lá, pega mal. E como os meninos não guardam segredo assim, eles ficam espalhando.*

Nesse cenário, constrói-se a ideia de que a virilidade masculina está diretamente associada a uma lógica hierarquizante e competitiva, na qual a mulher deve se subjugar. Para escapar disso os jovens precisam racionalizar sobre seus papéis sociais, situação que instigava ao perguntar-lhes coisas como: "Se os meninos têm que pegar todas as meninas e elas não podem ficar com ninguém, quem os meninos vão pegar?". A questão, em geral, os deixava atônitos.

Nota-se no discurso das jovens, um processo de reconhecimento delas mesmas como sujeito (FOUCAULT, 2002), no qual analisam os paradigmas das performances de gênero dentro da própria lógica de submissão em que se encaixam. No diálogo abaixo, duas estudantes do colégio Mundo discutem sobre a construção das performances de gênero:

Simone: *Os pais falam assim: "Taca o piru nela!", "É pra você come e não engravidá". Eles acham bonito. Aí, cria uma geração de menino que não respeita as meninas, que bate.*

Jaqueline: *Se o cara bate na mulher, é porque ela é safada. Se a mulher bate no homem, ela é descontrolada, vai até presa.*

As moças são informadas dos riscos de uma gravidez não planejada e das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), obliterando o prazer. Enquanto se espera dos rapazes um consentimento instantâneo a qualquer proposta sexual heteronormativa, das moças é desejoso que só consintam em "situações de segurança" dentro de um "relacionamento sério". Entende-se aqui que o gerenciamento das concessões sexuais destina-se às mulheres, logo, serão elas as culpadas se algo escapa do *script* social. Na

fala abaixo, Amanda, ao dizer "o corpo é meu", posiciona-se de acordo com a lógica do feminismo e ressalta o vínculo entre as meninas e a culpa.

Só porque você põe um shortinho você é piranha. Uma vez, eu usei uma minissaia pra pode pulá carnaval. Os menino tudo falando que eu sou piranha. Gente, eu tô usando uma roupa. Até se eu fosse pelada, o corpo é meu, então, ninguém tem que se meter. Na escola, ficam passando a mão na bunda dos outros. Aí, depois leva uma mão na cara e não gosta. A Diretora fala que a gente dá confiança. *Sempre a culpa é da mulher*. Se você não foi da primeira vez na secretaria [da escola], é porque você deu confiança. Ele passa a mão onde ele quiser. (Amanda, 14 anos, correção de fluxo, escola Mundo, grifo meu)

Nos momentos nos quais adultos se dispõem a conversar com os jovens sobre questões de gênero e sexualidade, as expectativas sociais sobre as performances ideais de masculino e feminino se fazem presentes. Esses instantes de fala, em sua maioria, reforçam a dimensão do perigo que a sexualidade possui e apagam a esfera do prazer (VANICE, 1984). Ignorá-la é uma forma de alimentar ainda mais o sentimento de insegurança em relação ao sexo e reduzir sua agência. Na fala abaixo, as garotas percebem a forma como seus corpos são enxergados como objetos de consumo, ou seja, destituídos de vontades.

Tem uns garotos que têm a mania de chamar as garotas de "gostasas". Aí, eles falam: "Ah, mas é um elogio". Eu não acho, eu não gosto. Odeio que fiquem comentando: "Caraca, tá com o maior bundão!" Odeio! Eu acho muito mais bonito quando comenta na minha foto: "Nossa, que sorriso lindo!" Fico muito mais feliz. Quando é amiga que chama de "gostosa" zoando, até vai, ok. Mas uma pessoa que eu nem conheço, me chamando de "gostosa", eu não gosto. Parece que eu sô um produto, um frango da padaria que tá chamando: "Olha como sou gostoso". (Pietra, 15 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

As zonas seguras para que as mulheres possam explorar sua sexualidade focam em relações de longo prazo, tendo como seu símbolo de maior prestígio o casamento heterossexual (VANICE, 1984, p. 3). A efemeridade e o descompromisso das "ficadas" e

do sexo casual associam as meninas aos signos da rua, a exemplo da violência e do anonimato, o que pode macular sua imagem de "menina de família" e transformá-la numa "qualquer" (DAMATTA, 1997, p. 42). Fora dessa estrutura, a mulher se vê submetida aos mais variados tipos de assédio, além da gravidez indesejada. Esse cenário instável, torna as mulheres vulneráveis no campo da sexualidade (VANCE, 1984, p. 6).

Tem que se dar ao respeito, pra poder ser respeitado. Minha mãe sempre falou isso. Porque se Júlia manda uma foto pra mim, eu pegá a foto que Júlia me mandou e passá pra Carol, ela passar pra você, aí, todo mundo vai ficar sabendo, entendeu? Tem que dá respeito pra ela, pra ela pode se dar o respeito. *Mas essas meninas de hoje em dia tá tudo perdida.* Ou tá em baile, ou tá em boca, ou tá na rua. (Amanda, 14 anos, correção de fluxo, escola Mundo, grifo meu)

Meu primo, ele com a minha idade [14 anos], ele pegava quantas [meninas] ele quisesse. Agora eu, não saio, eu não faço nada. Menino é muito mais pra rua e menina é mais pra casa. [...] Eles [os pais] não deixam muito eu andar de ônibus. Então, é assim: "Com quem você vai?"; "Eu vou te levar tal hora, eu vou te buscar tal hora."; "Você não vai andar de ônibus."; "Vai com quem?"; "Eu não sei se eu vou deixar você ir, porque lá não acho que é lugar pra você ir com essa idade". (Mayla, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

A casa, local por excelência do feminino, aparece como um espaço de moralidade sagrada, que, para se manter, promove movimentos conscientes de invisibilidade para os temas que lhe são inconvenientes e podem gerar constrangimento. Para não despertar os fantasmas da sexualidade feminina adolescente, o silêncio é a ferramenta usada por muitos pais das jovens entrevistadas. Camila, de 13 anos, aluna da escola Ponte e que está no 8º ano do ensino fundamental, conta-me: "Pro meu pai, na cabeça dele, ele não acredita que eu saiba alguma coisa [sobre sexo]. Ou, se ele sabe, ele tem medo de falar comigo."

Quando você tem uns 13 anos mais ou menos, você começa a ter um interesse em outras pessoas. E com o garoto, os pais costumam achar normal, sabe. Com garota não, fica tipo: "Ah, não. Você é muito nova"; "Você tem que se preservar."; "Você não tem que ficar com

ninguém." (Clara, 15 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Percebe-se aqui como, durante seu desenvolvimento, as moças são submetidas a restrições diferentes das dos meninos, o que exprime leis discriminatórias pelas quais são impostas práticas de ocultamento muito particulares por meio de modos de opressão social (NUSSBAUM, 2006, p. 341-346). Isso acontece tanto com o controle sobre a sexualidade feminina quanto sobre a expressão de afeto entre homossexuais, tornando certos comportamentos clandestinos.

O que se destaca na escola Ponte é o ativismo. O combate ao machismo e a preconceitos variados caminha ao lado de visões conservadoras de parte dos alunos e funcionários do colégio. "Seu machismo é brochante" é um dos tipos de frase que pode ser encontrada nos perfis do *Facebook* das jovens. O espaço para o diferente aqui é mais pungente que na escola Mundo, tendo mais pessoas assumidamente homossexuais.

Um caso emblemático ocorrido na Ponte foi um protesto promovido pela frente LGBT do grêmio estudantil. Nesse evento, jovens homossexuais juntaram-se no pátio durante o horário de almoço para beijarem-se em público, como forma de protesto pelas restrições que sofrem dos inspetores. Segundo relataram-me, à medida que os homossexuais eram interpelados por namorarem no pátio, os heterossexuais não encontravam tantas restrições.

Durante o ato de protesto, os jovens sofreram agressões físicas e verbais de outros alunos, que incluíram serem atingidos por pratos de comida, água com gelo e chutes. De acordo com alguns estudantes, esse confronto foi originado por pessoas que pertencem a um grupo de militantes da direita do *Facebook*.

No dia seguinte ao ocorrido, aconteceu uma reunião do grêmio da qual eu participei. A sala onde conversavam tinha ares de um pequeno depósito, o que rompeu com as expectativas que possuía sobre o estilo do lugar. Imaginava algo mais parecido com um auditório, uma vez que, na teoria, o grêmio é um espaço de debate entre os alunos. Contudo, quem de fato o frequenta, são seus membros. Na reunião, havia estudantes do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental e do 1º e 2º ano do Ensino Médio. Dentre uma maioria de meninas, havia cinco meninos presentes.

O grêmio atual incita grandes polêmicas entre os alunos, visto que trouxe pautas que não agradaram a todos, como as frentes negra, feminista e, a citada, LGBT. Muitos estudantes disseram que as questões escolares ficaram em segundo plano, sendo substituídas por essa nova agenda. Além dessas causas sociais, os estudantes envolvidos

também organizam doações de brinquedos e comidas e, têm como pauta mais bem quista pelos outros alunos a reconstrução das merendeiras.

Os rapazes e moças que se assumem homossexuais no colégio incorporam signos das performances de gênero dominantes. Isso está explícito nas imagens heteronormativas que publicam em seus perfis no *Facebook*. Apresentam-se mais espontâneos pessoalmente, na escola. É possível que o motivo disso seja que muitos deles não disseram aos pais sua orientação sexual e temem represália ao expor essa escolha em seus perfis públicos na internet.

A questão, nesse caso, suspende a dicotomia entre público e privado, privilegiando uma noção de técnicas de ocultamento e exposição (NUSSBAUM, 2006, p. 344). As práticas minoritárias mostram-se como algo que pode acontecer, porém, em espaços reclusos, sem atingir o campo de visão de uma maioria que se sente negativamente afetada por seus atos.

Enquanto os meninos são ensinados informalmente pelos pais e amigos a competirem pelo número de relações sexuais que tiveram, às meninas cabe "controlarem-se", uma vez que não são consideradas "impulsivas" como os rapazes. Desse modo, o regozijo das experiências sexuais vai se formando como algo intrínseco à esfera do masculino. Em um contexto onde o diálogo sobre sexo é um tabu, o sentimento de culpa é uma constante para as jovens que desejam experimentar sua sexualidade (VANCE, 1984, p. 7).

Meu irmão é quatro meses mais novo que eu. Eu comecei a namorar ano passado e, tipo, meu pai, o pessoal da parte do meu pai, achou um absurdo porque tava começando a namorar e não sei o quê. Quando meu irmão começou a namorar, não teve nada disso, e ele é mais novo. (Letícia, 15 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Os saberes que os jovens de ambas as escolas constroem em relação a questões de gênero e sexualidade estão tensionados pela idade, cor da pele, orientação sexual, localização e, principalmente, a condição financeira da família. No colégio Mundo, é perceptível o papel do medo como elemento pedagógico, principalmente nas meninas, a quem a autodisciplina e a regulação dos corpos de seus parceiros são um desígnio claro. A gravidez precoce, as DSTs, as violências físicas (e simbólicas) são pontos de destaque para um movimento de afastamento do jovem de sua potência sexual desejante (LEITE, 2012).

Em contrapartida, na escola Ponte, há jovens, em sua maioria aqueles pertencentes à classe média, que entendem a sexualidade apesar do medo. Por meio de aprendizados provenientes de amigos e familiares que, não obstante serem estruturados pelas amarras do social, deixam certo espaço para a criatividade de seus agentes. Nesse quadro, o respaldo, que certos jovens recebem frente à homossexualidade, permite que explorem sua sexualidade de forma mais suave. Sabem que devem pensar em técnicas contraceptivas e estar atentos a situações de abuso, contudo, sem esquecer do desejo.

Dessa reflexão, penso de que maneira os gêneros se estruturam nesses locais. No colégio Ponte, devido às origens variadas dos alunos, há uma pluralidade de referências, que não há no Mundo. Nesse, em geral, os estudantes vivem próximos à escola e possuem condições de vida semelhantes. Nessa moldura de uma situação econômica e emocional mais vulneráveis, a objetificação do corpo da mulher e a virilidade dos homens é pungente.

Nesse contexto, a sexualidade feminina está atravessada por uma dicotomia permanente. Em um polo está o prazer, por meio da experimentação do corpo e da sexualidade; e no outro, o perigo, tanto da violência física quanto simbólica (VANCE, 1984). Isso se nota nos controles sociais exercidos sobre o feminino, como a questão do vestir-se com "feminilidade", que está sempre em pauta para as mulheres desde a mais tenra idade. Junto disso, a lógica de controle do comprimento das roupas, do uso de transparências e decotes e como isso está associado às classificações difamatórias das mulheres.

O [Ensino] Fundamental antes era bem mais criança, no recreio eu brincava de brincadeira. Hoje em dia, elas brincam mais pra provocá as pessoas e tentá alguma coisa com isso. É outro Fundamental. O jeito de vestir, de falar é outro, é tudo diferente. Na nossa época era roupa e sandália da Barbie. Hoje em dia, as crianças vão na seção de adulto e que sê mais que adulto, que avança as idades. Um linguajar completamente diferente, fala palavrão. (Mônica, 17 anos, 3º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

Na fala acima é possível notar como em um curto espaço de tempo as estudantes notam diferenças no comportamento delas em relação a meninas de séries anteriores, sendo as atuais "novinhas". Era comum ouvir sobre essas divergências na

fala de muitas garotas. Na escola Ponte, os próprios meninos mais novos consideravam o comportamento de suas colegas de classe "exagerados" para a idade.

As nuances entre o prazer e o perigo impressas na construção dos discursos reguladores da sexualidade feminina propiciam a compreensão da culpa e da vulnerabilidade das mulheres em relação ao ato sexual (VANCE, 1984, p. 6-7). Os interlocutores que tentam redimir as jovens, falam em vulnerabilidade; os que as condenam, trazem à tona o consentimento. Assim como ocorre na pedofilia, o consentimento, devido ao seu caráter voluntarioso, não tem força positiva, impulsionando, como válvula de escape, a categoria vulnerabilidade (LOWENKRON, 2015). Essa dicotomia ocorre, principalmente, no colégio Ponte. Pois, diferente do caso da escola Mundo, a menina maculada não realizou o ato sozinha, mas junto a dois rapazes, aquele com o qual ela realizava o ato sexual e o que os filmava.

A maioria das alunas tem conhecimento da falta de controle que possui sobre imagens que enviam via internet, porém, uma possível confiança no destinatário, viabiliza a obliteração temporária dos riscos inerentes a essa prática. Essa situação abre espaço para o rompimento de um trato feito sobre o propósito do conteúdo da imagem, o que gera a "fissura" (DÍAZ BENÍTEZ, 2015).

Corpos nus em bordéis, revistas ou filmes de entretenimento erótico e até em produções da mídia tradicional não causam estranhamento ao olhar contemporâneo. Entretanto, deparar-se com imagens erotizadas de uma jovem filha, irmã, sobrinha, vizinha ou colega de classe, cria uma ruptura, uma transgressão dos padrões toleráveis, ocupando um lugar que impõe uma carga de desconforto.

[...] o desejo de realismo nas imagens de corpos nus talvez tenha seus limites. De fato, mais do que uma extinção das velhas moralizações, parece estar se redefinindo o que hoje entende-se por obsceno. Já não seria tanto a exibição da anatomia mais recôndita nem o apelo erótico o que perturba o olhar do espectador contemporâneo e, portanto, considera-se que deveria ficar "fora da cena" (SIBILIA, 2015, p. 186).

A partir desse deslocamento da noção de obsceno, é possível indagar em qual paradigma a sexualidade dos interlocutores se encaixa. Quais são as novas práticas de ativação do erotismo nos jovens? O que se apresenta aqui é uma sexualidade para além do contato físico, que leva a pensar o prazer em termos mais alargados. Isso engloba a fruição das imagens sensuais e de humilhação das jovens e o hábito dos rapazes de

coleccioná-las. A prática dos adolescentes de armazenar esse conteúdo no *smartphone* e compartilhá-lo com colegas, tanto meninos quanto meninas, funciona como troféu de reafirmação da virilidade.

Os limites das "meninas de família"

Minha mãe já não confia mais em mim desde quando eu perdi minha virgindade. Eu falei com ela, mas ela ficou chateada, porque ela não esperava isso de mim, entendeu? Ela fica mais protegendo minha irmã, que é mais nova, porque é virgem. Minha irmã tem o maior corpão, ela tem mais corpo que eu, só que ela é mais nova. E os outro, quando passa na rua, ela chama muita atenção. Os outro olha e diz: "Ih, desenrola sua irmã pra mim". Só que eu não desenrolo, entendeu? Só que os outro olha pra ela assim e vê maldade, por causa do corpo, que pegá mesmo pra comê, entendeu? E ela joga tudo na minha cara: "Ah, porque você não é virgem, você dá". Eu falo pra ela: "Meu amor, eu posso fazê amô quantas vezes eu quisé, a perereca é minha, eu faço dela o que eu quisé". Ela anda com as menina que eu falava que me influenciaram, que eu fiquei mal falada assim por causa delas. Eu falo pra ela: "Tomara que você ande com essas menina, você dê essa perereca sua e você apareça grávida aí. Aí, eu quero vê você falá de mim. Aí, eu quero vê quem minha mãe vai acobertá, se é eu ou se é você." Minha mãe ainda fala: "Você tem ciúme da sua irmã, mas eu amo mais você, porque você é minha primeira filha. Uma coisa que eu não consigo confiá em você mais, porque você perdeu a virgindade, você traiu minha confiança. Imagina se você aparecesse grávida." Só que eu falo: "Mas eu não apareci. Você devia levantar as mãos pro céu por isso." Tem muita diferença na criação de meninas e meninos. Os pais prendem mais a menina porque tem medo. Aí, você anda na rua, homi vai pensá maldade de você. Homi vê homi, fica normal, agora, se vê mulhé, vai querê pegá, comê. Aí, engravida e já viu. Tem menina que com 11 anos já tem filho e você fica boba, entendeu? Mas, as menina de hoje em dia, já nova assim sabe tudo. Mas nova que a gente, dando assim, grávida ou já ganhando neném, entendeu? (Eliza, 14 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

As garotas precisam estar em posição de alerta para manter a "fachada" (GOFFMAN, 2011) de "menina de família". É necessário que estejam atentas aos tipos de atividades nas quais se engajam, para que não haja margem para rumores. Apesar disso, a jovem nunca terá domínio total de como as pessoas a percebem, sendo sua credibilidade dependente do olhar externo.

Seja como for, apesar de sua fachada social ser sua posse mais pessoal e o centro de sua segurança e prazer, ela é apenas um empréstimo da sociedade; ela será retirada a não ser que a pessoa se comporte de forma digna dela. Atributos aprovados e sua relação com a fachada fazem de cada homem seu próprio carcereiro; esta é uma coerção social fundamental, ainda que os homens possam gostar de suas celas. (GOFFMAN, 2011, p. 18)

Porque, às vezes, eu tô falando com a minha mãe aí, ela pega [o celular] e olha com quem eu tô falando. [...] Tem coisas que eu não me sinto bem em contar pra ela e ela acaba lendo. Aí, eu me sinto invadida. Cara, quando eu quiser contar, eu vou contar. O meu caso de desconfiança é assim: eu fiquei com uma garota, eles [os pais] descobriram, aí ela [a mãe] diz que não pode mais confiar em mim. Aí, ela qué sempre vê o que eu tô fazendo, com quem eu tô falando. Ela já monitorava muito, agora ela monitora demais. É chato, entendeu? (Mayla, 14 anos, 9º ano do Ensino Fundamental, escola Ponte)

Para serem bem recebidas nos espaços de sociabilidade que frequentam, as jovens precisam dominar o embate entre a moralidade que se espera delas, ligada aos papéis sociais, e a autenticidade, associada aos seus desejos individuais (TAYLOR, 2000). A família, a escola e a igreja operam como reguladores da sexualidade feminina (VANCE, 1985), delimitando fronteiras entre o aceitável e o inaceitável.

As pessoas não adquirem as linguagens de que precisam para se autodefinirem por si mesmas. Em vez disso, somos apresentados a essas linguagens por meio da interação com outras pessoas que têm importância para nós — aquilo que G.H. Mead denominava "outros significativos". A gênese do espírito humano é, nesse sentido, não

monológica, não algo que cada pessoa realiza por si mesma, mas dialógica. [...] Definimos nossa identidade sempre em diálogo com as coisas que nossos outros significativos desejam ver em nós — e por vezes em luta contra essas coisas. Mesmo depois que ultrapassamos alguns desses outros — nossos pais, por exemplo — e de eles desaparecerem. (TAYLOR, 2000, P. 245)

Tanto na escola Mundo quanto na Ponte, nas quais as regulações da sexualidade feminina se fazem presentes, é por meio de teias dialógicas que se nota os limites das performances de cada gênero. No diálogo abaixo, entre alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do colégio Mundo, percebe-se isso:

Liz: *Os meninos ficam colocando a calça lá em baixo, mostrando a cueca na sala.*

Micaela: *Teve uma vez que aquele menino, Samuel, abaixou as calça aqui no corredor. Um garoto aqui na escola que ele tirou tudo. Na sala, com três meninas dentro.*

Liz: *Mexem com a gente, agarram por trás. Hoje mesmo me agarraram por trás. Não fez besteira, só deu um beijo no rosto.*

Micaela: *Eles podem agarrar a gente, a gente não pode agarrar eles. Se não é puta, piranha...*

Liz: *Os meninos tão colocando umas fotos de cueca [no Facebook]. Esse daqui mesmo [apontou para um garoto], professora, que abaixou as calças na sala.*

Samuel: *Eu? Caraca, cêis conta tudo aí! Eu tava na sala, em pé. Aí, tá bom, falaram pra arriá as calças, aí eu arriei mesmo. Tinha mais ou menos umas trinta pessoas, não tava no intervalo não. A professora tava na sala. Não falou nada não. Só porque eu mostrei a bunda? Que que tem?*

Entre o que se espera das performances de gênero masculinas e femininas, opera o que DaMatta (1997, p. 75-76) intitula de "éticas múltiplas". Desde a mais tenra idade, em sua formação familiar, meninos e meninas percebem a separação de espaços que lhes são designados. Às jovens, a demarcação física e moral dos limites da casa, aos rapazes, a amplitude e a fluidez da rua.

Eu noto muita diferença na criação de meninos e meninas. Tipo, menino pode, porque é menino. Tipo, meu irmão pode ir numa festa e eu não. Aí, eu: "Por que?" Meus pais: "Porque você é menina". "Mais por que ele pode e eu não? É a mesma festa, as mesmas pessoas, os mesmos círculos de amizade." "É porque ele é homem". Não tem uma justificativa séria, é só porque ele é homem, e você tem que aceitar. (Mônica, 17 anos, 3º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

As garotas hoje são mais fáceis que a gente na nossa época de 5ª série, não é, Flávia? As meninas, como a gente fala entre a gente: "Perde a calcinha". Eu vou pra festa, mas eu não fico assim, entendeu? Toda festa que eu vou, você pode perguntar, ninguém nunca viu eu doidona. Essas meninas de hoje em dia que usa droga, bagulho erradão. Tem menina que se vende por um vidro de lança [perfume]. Muita menina se vende por aquilo, muitas meninas se perde por isso. "Ah, eu tenho um lança." "Eu fico com você se você me der esse lança." Aí, as novinhas *pan*. (Cecília, 13 anos, 8º ano do Ensino Fundamental, escola Mundo)

Quando uma "jovem de família" é desvelada, o insulto a ela culmina no ponto máximo da individuação, a casa e, conseqüentemente, nos que a habitam. Baseado nisso, a desviante transforma-se em um sintoma de negligência da família, pois a menina em questão, "perdeu-se", pois "deu pra rua toda". Maria, de 14 anos, aluna do 8º ano da escola Ponte, fala sobre o vínculo da imagem da jovem com a família: "Minha mãe diz: 'Se afetasse só você, a escolha era sua, mas afeta toda família.' Então, ela fala: 'Pensa antes de fazê as coisas. Quando é só você é uma coisa, mas quando envolve mais pessoas eu não gosto.'" Para Maria, por ser de família evangélica, manter uma boa reputação da casa perante a comunidade é importante. Essa situação encaixa-se na "regra da consideração" (GOFFMAN, 2011, p.19), na qual a família se une em prol da manutenção de uma "fachada" positiva do grupo. A fala abaixo corrobora com essa perspectiva:

Hoje em dia tem gente que usa o Facebook pra muita coisa ruim, como aconteceu esse negócio do pepino, todo mundo acabou postando a imagem da menina, fazendo montagem. As pessoas têm prazer em defamá as outras pessoas. Eu acho que foi falta de responsabilidade

dos dois, isso é bem óbvio. Eles teriam que tê ciência de que isso poderia acontecê, ainda mais hoje em dia que qualquer coisa que a pessoa faz, ela pega a foto e posta. *Ainda mais ela, por sê mulher, ela tinha que tê total respeito e não teve. Acabo com a imagem dela, da família dela e de quem tava em volta dela, porque isso atinge todo mundo.* (Helena, 17 anos, 3º ano do Ensino Médio, escola Mundo, grifo meu)

A masculinidade tutelada

Os meninos aqui da escola são assim, chegam e dizem: "Caraca, cara, você tá com um peitão!" Aí, pede pra vê. Você tá descendo a rampa, aí passam a mão na sua bunda ou finge que esbarra e passa a mão no peito. Daqui a pouco, eu vou ter que vir com uma blusa no queixo pra ninguém fazer nada. Aí, você abaixa e eles: "Epa!". Aí, passa a mão na bunda. Tem menina que gosta. Tem a Lidiane, que tava uma sala cheia de menino, ela entrou. Depois falou pra Diretora que os meninos tavam passando a mão nela. Só que ela entrou dentro de uma sala cheia de menino. Ela tava gostando, com certeza. Também tem aquela menina que entrou dentro do banheiro e tava cheio de menino dentro do banheiro, aí pegaram todo mundo dentro do banheiro. Ela botou a culpa nos meninos. Mas aí também ela veio com um short que... Ela vem de calça, mas na hora de ir embora ela bota um short que racha tudo. *Tem que vir da menina, garotos têm necessidades. Mas eles fazem com as meninas o que elas mostram pra eles, entendeu? Só faz se pedir. Se vier com short curto, eles vão sentir vontade de passar a mão, de falar alguma besteira. Isso vem da parte da menina, eu acho. E a menina tem que se dar ao respeito, por ser menina.* Menino pega todo mundo e não fica com fama, agora menina... (Carolina, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio, escola Mundo, grifo meu)

Um comentário recorrente nas entrevistas com as meninas, principalmente as do colégio Mundo, é a associação do masculino com a demanda sexual constante. Os garotos mais novos, em especial, exigem mais cuidados, posto que nessa faixa etária são considerados como mais suscetíveis aos "desígnios hormonais" pois, como disse Carolina, "têm necessidades". Isso coloca as jovens como responsáveis pelo gerenciamento de sua sexualidade e da dos rapazes que as circundam. Caso seja

entendido que algo saiu da cartilha dos tabus sexuais, elas serão enquadradas no registro da culpa.

Por meio de uma cadeia de raciocínio culturalmente ditada, mulheres tornaram-se as tutoras morais do comportamento masculino, do qual elas são entendidas como instigadoras e provocadoras. Mulheres herdam uma tarefa substancial: a gestão de seu próprio desejo sexual e a expressão pública dele. Autocontrole e vigilância se tornam importantes e necessárias virtudes femininas (VANANCE, 1984, p. 4).⁵⁸

Entre as práticas de reafirmação da virilidade promovidas pelos rapazes está o compartilhamento de frases e imagens referentes ao universo do sexo em seus perfis no *Facebook*. Breno, um jovem de 14 anos, estudante do colégio Mundo, 4.564 "amigos", cuja "foto de capa"⁵⁹ são duas meninas vestidas simulando um ato sexual, escreveu em uma de suas publicações: "As magrinha faz gostoso, as gordinha esmaga o ovo". Esse "post" recebeu 96 "curtidas", tanto de meninas quanto de meninos e nenhum comentário de reprovação.

A necessidade dos rapazes de reafirmar esse modelo de masculinidade é nítida em imagens e textos divulgados por eles no *Facebook*. Alguns perfis de meninos possuem montagens com corpos de menina sem rosto e apenas de camiseta e calcinha, com foco apenas na região dos seios, além de imagens de simulação de atos sexuais, tanto heterossexuais quanto entre meninas.

Em uma foto sua sem camisa, Breno tem a seguinte legenda: "As linda curti. As feia só olha. As perfeitas comenta. ~ligar o bluetooth ter passo essa foto." Nessa publicação, também não recebe nenhuma crítica por incitar certos estereótipos de beleza. O "post" recebeu 181 "curtidas" e uma série de comentários que repetiam os adjetivos "gato" e "perfeito". Quando se interessa por uma das jovens que comentou ou "curtiu" uma foto sua, Breno tem uma atitude típica de muitos rapazes, chamando a garota para conversar pelo chat privado do *WhatsApp* ou do *Facebook*.

⁵⁸ Tradução minha. No original: "Through a culturally dictated chain of reasoning, women become the moral custodians of male behavior, which they are perceived as instigating and eliciting. Women inherit a substantial task: the management of their own sexual desire and its public expression. Self-control and watchfulness become major and necessary female virtues."

⁵⁹ A "foto de capa" é um complemento à "imagem do perfil" no *Facebook*. Porém, a capa só está presente na página pessoal de alguém, diferenciando-se da "foto de perfil" que acompanha outras interações do usuário na rede, como os comentários que faz. Para mais detalhes, ver a figura 1 (p. 29).

Ricardo, um dos suspeitos de divulgar as imagens de Ana Beatriz – a "menina do pepino" – tem em sua capa do *Facebook* mais recente a imagem de uma Bíblia, sobre a qual estão as mãos dadas de um casal, acompanhadas do texto: "Eu, você, duas Bíblias e um propósito". As "imagens de capa" dele possuem quatro temáticas: as religiosas românticas, como a mencionada anteriormente; as puramente românticas, as sensuais e as descontraídas. Em outra de suas capas, aparece o texto: "Se apegue, eu presto". O intuito é apresentá-lo como um rapaz "namorável". Esse tipo de publicação junto das religiosas, como a de uma Bíblia e duas alianças, reforçam esse discurso.

As imagens sensuais mostram-se num polo oposto a isso. Numa delas, compartilhado do *Snapchat*, aparece o corpo de Ricardo, a partir do abdômen, enrolado numa toalha branca com um texto por cima que diz: "Vem tirar". Para esse tipo de imagem, há comentários positivos, por exemplo: "pretooh lindoo", "gstz [gostoso]", "rsrsrs que isso primo tá saliente kkk" e "vem di chat ricardo". As imagens que Ricardo publica sem que ele apareça, possuem apenas "curtidas".

Ricardo é um menino negro, magro, porém, com corpo definido, de cabelos escuros curtos e com um estilo de se vestir que parece agradar às jovens da escola e às que comentam em suas fotos. As imagens de seu perfil, aos quais estão adicionadas 1.532 pessoas, variam entre fotos sem camisa e fotos vestido, todas relativamente parecidas em termos de ângulo e pose, nas quais a câmera o focaliza de cima para baixo, chegando até a área da cintura.

Nas fotos que compartilha do *Snapchat* para o *Facebook*, em sua maioria, Ricardo está sem camisa e fazendo uma pose sensual. Esse tipo de imagem é comum entre os meninos que possuem corpo definido. Em geral, são acompanhadas por legendas com trechos de música, a exemplo destas: "Deixa eu ser o seu fora da lei, te pegar, jogar na cama o jeito que eu sei, e no quarto te levar á loucura"; "...que a minha pegada e de africano e não de Zé mané, eu vou te levar pro motel, tipo assim lua de mel, vou te levar pro céu, vou te levar pro céu". O que apresenta um contraste interessante com as imagens religiosas e românticas que aparecem com frequência em seu *Facebook*. Ricardo também divulga fotos dele com a namorada e com a irmã.

Essa dicotomia entre uma performance sagrada e profana de Ricardo é comum entre outros alunos. Ao entrevistá-los, muitos se mostraram extremamente puritanos em relação ao envio de "nudes". No entanto, ao conversar com as meninas, esses garotos eram apontados como exemplos de jovens que pediam fotos sensuais.

Ao passo que os meninos promovem suas performances de virilidade-santa, as meninas, a exemplo de Helena, estudante do colégio Mundo, devem controlar suas investidas, caso não queiram ser maculadas: "No Facebook, às vezes, algum desconhecido vê que eu postei uma foto de biquíni, aí já fala uma besteirinha: 'Tá maravilhosa! Tá gostosa! Quero vê sem esse biquíni.' Aí, eu já corto logo, sempre bloqueio."

Quando questionava as jovens se pediam "nudes" dos rapazes, a reação era, em geral, de espanto. São três motivos que promovem esse estranhamento, o envio automático pelos meninos desse tipo de imagem, a necessidade de retribuir enviando uma imagem nua e a grande chance de a menina ter mais um ponto vulnerável à mácula. O depoimento abaixo trata com clareza do tema:

Pedir pra que? Eles já mandam. Eles já mandam sem a gente pedir. Se você pedir uma foto e eles mandarem, eles vão achar que têm o mesmo direito de ter uma foto sua. Eles não querem mais foto de sutiã, eles querem foto sem sutiã, sem a calcinha. Se você chegar e pedir foto pro menino, eles vão dar print e jogar no Facebook. E ainda pode mostrar pra escola, dizendo: "Olha o que ela me pediu." Tirá onda. Normalmente eles colocam sua autoestima lá em cima, pra você ficá solta com eles e chegar ao ponto de você mandar a foto. Aí, tira print e mostra pra todo mundo. Aí, chega os meninos e falam: "Cê quer uma foto minha pelado? Eu mando uma pra você e você manda uma pra mim." (Carolina, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio, escola Mundo)

A fala de Carolina condensa questões que foram abordadas nesta pesquisa: a percepção do impulso sexual dos rapazes como algo instintivo e, portanto, "natural"; as táticas de descontextualização no ambiente *online*, como o "print"; a necessidade dos rapazes reafirmarem sua virilidade, por meio da exposição da intimidade das meninas; e as práticas coercitivas impostas às meninas. Nesse contexto, no qual o risco é uma constante, exige-se das jovens uma atenção para tentar escapar da mácula – ora incorporando, ora desviando das normas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação recém exposta teve como foco a compreensão dos discursos ocultados no conceito da "pornografia de vingança". No cenário brasileiro contemporâneo, no qual essa pesquisa foi desenvolvida, casos de divulgação indevida de imagens íntimas são discutidos no campo do Direito, porém, pouco analisados no seu palco de ação originário, o cenário interpessoal da troca dessas imagens.

Identificar como a expressão da sexualidade feminina sofre diversas regulações é primordial para começar a entender que o termo "vingança" é um obstáculo epistemológico para se pensar o que acontece nos casos de exposição de imagens íntimas. Perceber os adereços que acompanham essas imagens – a exemplo do nome da pessoa exposta, local onde estuda e mora, qual igreja frequenta – é compreender como a humilhação opera sobre as mulheres. São questões antigas sobre as roupagens contemporâneas das redes sociais.

A partir desse trabalho conceitual com os mecanismos de humilhação que operam sobre as jovens, foi possível compreender fenômenos da violência de gênero. Apresentam-se, para tanto, hierarquias sociais, de gênero e relações de dominação envolvidas nessa construção de estigmas, que privilegia os rapazes e vulnerabiliza as garotas.

Apesar de a perda social das meninas se mostrar maior que a dos rapazes, o que muitas vezes mascara suas disputas por pertencimento, os meninos também são estigmatizados. O motivo disso é a fragilidade de uma masculinidade que se constrói por meio de posições hierárquicas de poder, onde tudo que pertence ao feminino deve ser subalternizado. Diversos marcadores atravessam a batalha de ambos os gêneros por reconhecimento, tanto na escola quanto no ambiente *online*.

A partir das análises feitas, constata-se que a internet personificou variadas nêmeses, de acordo com o ângulo pelo qual é percebida. Para os familiares e a igreja, uma caixa de Pandora, da qual podem sair todos os males do mundo; para os educadores, uma ferramenta, a um só tempo, de ensino e procrastinação; para os jovens, uma junção entre prazer e risco, privado e público.

Confiança, consentimento, vulnerabilidade e privacidade são conceitos que vão se readaptando a um novo paradigma. Nesse quadro, as fronteiras máximas da intimidade – representadas na forma do corpo nu erotizado e na dimensão do quarto de

dormir – são expostas cotidianamente na internet, permitindo, assim, a realização de práticas coercitivas.

Essas reflexões convergem para o desafio de pensar nos estigmas construídos e reforçados sobre o corpo feminino e propiciam a observação de como as plataformas *online* causam desconforto, pois trazem novos parâmetros para a compreensão das relações, expondo fragmentações que até então escondiam-se no *offline*. É por meio de plataformas, como o *WhatsApp* e o *Facebook*, que aparecem novas ferramentas para a expressão sexual, concomitantemente a novos reguladores.

O senso comum tende a associar a internet com fenômenos de desterritorialização. Porém, essa pesquisa apresenta como o *online* ainda está ancorado em um circuito pautado localmente. O que confirma a importância da análise de como os acontecimentos locais e da internet se retroalimentam.

Os casos de exposição da intimidade de jovens tratados aqui exemplificam como o *online* nem sempre cria algo novo mas, muitas vezes, reforça aspectos sedimentadas na sociedade. Nisso é possível notar a forma como as sexualidades, especialmente as juvenis, ao migrarem para o digital, ao mesmo tempo que apresentam características inovadoras, reforçam perspectivas conservadoras da construção dessas sexualidades.

Não cabe mais um estranhamento sobre o envolvimento da internet – no caso, as redes sociais e aplicativos de envio de mensagens – no cotidiano. Esses aparatos estão imbricados nas dinâmicas sociais e ignorá-los é abrir mão de uma análise mais ampla sobre os fenômenos contemporâneos mais diversos.

As reflexões apresentadas nesta pesquisa não têm a pretensão de encerrar os debates sobre o tema da exposição da sexualidade e de imagens íntimas na internet, pelo contrário. O que se apresenta aqui são pistas para se pensar a agência das imagens, a sociabilidade escolar e na internet, os aparatos de coerção paternos e religiosos e as questões de gênero, dentro do quadro da adolescência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, G. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BECKER, H. Outsiders. In:_____. *Outsiders: estudo da sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008. p. 15-30.
- BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard, 1991.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOYD, D. *Why Youth (Heart) Social Network Sites: the role of networked publics in teenage social life*. MacArthur Foundation Series on Digital Learning – Youth, Identity, and Digital Media Volume (ed. David Buckingham). Cambridge: MIT Press, 2007.
- BUTLER, J. *Frames of war: when is life grievable?* Londres: Verso, 2009.
- CHAMBERS, D. *Social media and personal relationships: online intimacies and networked friendship*. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.
- DAS, V. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 37, p. 9-41, dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-833320110002200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2015.
- DÍAZ BENÍTEZ, M. E. O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 65-90, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000100065&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jul. 2015.
- _____. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *El mundo de los bienes: hacia una antropología del consumo*. México: Editorial Grijalbo, 1990.
- DOUGLAS, M. *Purity and Danger: an analysis of concepts of pollution and taboo*. Reino Unido: Routledge, 2001.

_____. Sacred Contagion. In: SAWYER, J. (Org.). *Reading Leviticus: a conversation with Mary Douglas*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996. p. 86-106.

ELIAS, N. Observações sobre a fofoca. In: _____. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000. p. 121-135.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. The subject and power. In: FAUBION, J. (Ed.). *Power: the essential works of Michel Foucault 1954-1984*. Londres: Penguin Books, 2002. p. 326-348.

GINZBURG, J. Tortura como espetáculo. In: OLINTO, H.; SCHOLLHAMMER, K. (Orgs.). *Literatura e realidade(s)*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2011. p. 58-74.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 19. ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

_____. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

GOLDWASSER, M. J. “Cria fama e deita-te na cama”: um estudo de estigmatização numa instituição total. In: VELHO, G. (Org.). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 1985. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003. p. 29-51.

GREGORI, M. Prazeres perigosos: o contrato e a erotização de corpos em cenários sadomasoquistas. *Etnográfica* [Online], v. 19, n. 2, p. 247-265, jun. 2015. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/3992>>. Acesso em: 12 out. 2015.

LEITÃO, D. A moda "colada" no corpo. In: _____. *Brasil à moda da casa: imagens da nação na moda brasileira contemporânea*. 2007. 352 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

LEITE, V. A sexualidade adolescente a partir de percepções de formuladores de políticas públicas: refletindo o ideário dos adolescentes sujeitos de direitos. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 89-103, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 nov. 2015.

_____. *Desafios da construção de um novo ator político: a sexualidade adolescente nas percepções de conselheiros de direitos*. *SER Social*, Brasília, v. 16, n. 34, p. 91-114,

2014. Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/11710>. Acesso em: 02 Jun. 2015.

LOWENKRON, L. Consentimento e vulnerabilidade: alguns cruzamentos entre o abuso sexual infantil e o tráfico de pessoas para fim de exploração sexual. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 45, p. 225-258, dez. 2015. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000200225&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 jan. 2016.

_____. (Menor)idade e consentimento sexual em uma decisão do STF. *Revista de Antropologia USP*, São Paulo, v. 50, nº 2, 2007. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/27276/29048>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

MADIANOU, M.; MILLER, D. Polymeida: towards a new theory of digital media interpersonal communication. *International Journal of Cultural Studies*, California, v. 16, n. 2, p. 169-187, mar. 2013. Disponível em:
<<http://ics.sagepub.com/content/16/2/169.full.pdf+html>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

MAHMOOD, S. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 121-158, maio 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jun. 2015.

MILLER, D.; SLATER, D. *The Internet: an ethnographic approach*. New York: Berg Publishers, 2001.

MIZRAHI, M. *Figurino funk: uma etnografia sobre roupa, corpo e dança em uma festa carioca*. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

NABIL, Md. *From sex tapes to revenge porn: construction of a genre - gender, sexuality and power in new media*. 2014. 57 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Mídia e Comunicação) - Instituto de Estudos de Mídias, Universidade de Estocolmo, Suécia.

NUSSBAUM, M. *El ocultamiento de lo humano: repugnancia, vergüenza y ley*. Buenos Aires: Katz, 2006.

PASCOE, C. J. *Dude, you're a fag: masculinity and sexuality in high school*. Califórnia: University of California Press, 2007.

RAMOS, J. Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da revista Men's Health. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 09-43, abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872011000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jun. 2015.

_____. Etnografia e digitalização. In: Reunião de Antropologia do Mercosul, IX, 2015a, Montevideu, Anais. (Comunicação oral).

_____. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. *Revista Vivência*, Natal, n. 45, p. 57-76, nov. 2015b. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8251/5921>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

SIBILIA, P. A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza?. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 44, p. 171-198, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100171&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 jul. 2015.

SILVA, L. A.; LEITE, M. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 545-591, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v22n3/04.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

SONTAG, S. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SIMMEL, G. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 43, n. 1, p. 219-242, jan. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2009v43n1p219/12792>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

TAYLOR, C. A política do reconhecimento. In:_____. *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 241-274.

VANCE, C. Pleasure and Danger: toward a politics of sexuality. In: _____. (Org). *Pleasure and Danger: exploring female sexuality*. London/Boston, Routledge & Kegan Paul, 1984.

YACCOUB, H. Atirei o pau no "gato": uma análise sobre consumo e furto de energia elétrica (dos "novos consumidores") em um bairro popular de São Gonçalo. 2010. 274 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2010.

ZILLI, B. BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos "manuais" da Internet. In: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E.; FÍGARI, C. E. (Org.). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 481-508.

Outras fontes

DAVID SEGAL. Playboy puts on (some) clothes for newly redesigned issue. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2016/02/04/business/media/playboy-puts-on-some-clothes-for-newly-redesigned-issue.html?_r=0>. Acesso em: 10 de fev. 2016.

KIM-MAI CUTLER. Anonymity's Moment: Secret is like Facebook for what you're really thinking. Disponível em: <<http://techcrunch.com/2014/02/03/anonymitys-moment-secret-is-like-facebook-for-what-youre-really-thinking/>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

MANUAL DO HOMEM MODERNO. Corte degradê masculino, ou fading no undercut. Disponível em: <<http://manualdohomemmoderno.com.br/estilo/descubra-o-corte-degrade-ou-fading-no-undercut>>. Acesso em: 15 de nov. 2016.

RAVIER GARCÍA. #Putipobres: excitarse con chicas de barrio pobre. Disponível em: <<http://www.vice.com/es/read/putipobres-excitarse-con-chicas-de-barrio-pobre-069>>. Acesso em: 7 de jan. 2016.

SNAPCHAT. Let's chat. Disponível em: <<http://snapchat-blog.com/post/22756675666/lets-chat>>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

STATISTA. Leading social networks worldwide as of January 2016, ranked by number of active users (in millions). Disponível em: <<http://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>>. Acesso em: 25 de fev. 2016.